

OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moés.



COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
Santa Inquisição, & do Ordina-
rio : em casa de Antonio
Góçalvez Impressor.*

1572.

 V e l Rey faço saber aos que este Aluara virão
que eu ey por bem & me praz dar licença
a Luis de Camões pera que possa fazer im-
primir nesta cidade de Lisboa, h̄a obra sua
O Etua rima chamada Os Lusiadas, que cõ
tem dez cátos perfeitos, na qual por ordem
poetica em versos se declarão os principaes
feitos dos Portugueses nas partes da Índia depois q̄ se descobriu
a nauegação pera elles por mādado del Rey dom Manoel meu
vilaio q̄ sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo
de dez annos que se começarão do dia q̄ se a dita obra acabar
de imprimir em diâte, se não possa imprimir nē venderem meus
reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nē leuar aas ditas
partes da Índia pera se vêder sem licēça do dito Luis de Camões
ou da pessoa que pera isso seu poder tiver, sob pena de quē o cop-
trario fizer pagar cinqüocta cruzados & perder os volumes que
imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a
outra metade pera quem os acusser. E antes de se a dita obra ven-
der lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desen-
bargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na pri-
meira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se
imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geeral
do sancto officio da Inquisição, pera com sua licença se auer de
imprimir, & se q̄ q̄ Luis de Camões tiver acrecentados mais
algūs Cantos, tambiēn se imprimirão auendo pera isto licença
do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se
imprimirá outros no principio da dita obra, o qual ey por bem
que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em
meu nome, per mim assinada, & passada por minha Chancel-
laria, sem embargo da Ordenaçām do segundo liuro, titulo xx.
que diz que as couisas cujo effeito ouuer de durar mais que hum
anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham.
Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes
de Setembro, de M.D.LXXI. Jorge da Costa o fiz escreuer.

VI por mandado da sancta & geral inquisição estes dez
Cantos dos Lusiadas de Luis de Camões, dos valerosos
feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia, &
Europa, & não achey nelles cosa algúia escandalosa, nem
contraria à fee & bôs costumes, somente me pareceo que era
necessario aduertir os Leitores que o Author pera encarecer
a difficultade da nauEGAÇAM & entrada dos Portugueses na
India, rifa de bña fíção dos Deoses dos Gentios. E ainda que
Sancto Augustinho nas suas Retraçações se retralte de ter
chamado nos liuros que compos de Ordine, as Musas Deo-
ses. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Au-
tor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poeti-
co, não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses
na obra, conhecendoa por tal, & ficando sempre salua a ver-
dade de nossa sancta fee, que todos os Deoses dos Gentios sam
Demonios. E por iſſo me pareceo o Liuro digno de se impri-
mir, & o Author mostra nelle muito engenho, & muita eru-
dição nas sciencias humanas. Em fe do qual assinoy aqui.

• Frey Bertholameu
Ferreira.

OS LUSIADAS DE LVIS DE CAMOES.

Canto Primeiro.

NS armas, & os ba-
rões assinalados,
Que da Occidental praya Lusi-
ana,
Por mares, nunca de antes na-
vogados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana;
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memorias gloriofas
Dáquelles Reis, que foram dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viofas
De Africa, & de Asia, andaram deuastado
E aquelles que por obras valerosas
Se vñão da ley da Morte libertando.
Cantando e spalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Cessem do fabio Grego, & lo Troyano,
As nauegações grandes que fizeram:
Callese de Alexandre, & de Trajano
A fama das victorias que tiveram,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se alenanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado,
Foy de my vossa rio alegremente,
Dai-me agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente:
Por que de vossas agoas Phebo ordene,
Que nam tenham enueja ás de Hypocrene;

Dai-me húa furia grande & sonorosa,
E nam de agreile a vena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Dai-me igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO:

3

E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos ò nouo temor da M. ura lança,
Maraulha fatal da noffa idade:
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, e nouo ramo florente,
De hña aruore de Christo mais amada
Que nenhña nascida no Occidente,
Cesaria, ou Christianssima chamada:
Vedeo no vosso escudo , que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas , e deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meyo do Hemispherio;
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo e vituperio,
Do torpe Ismaelita caudalleiro:
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Queinda bebe o licor do sancto Rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a mageſtade,
Que neſſe ſeu rogo eſtu vóz o uempli,
Que ji ſe moſtra qual naueua uida,
Quando ſobindo xxix, no eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão; vereis hum novo exemplo,
De amor, dos patrios filios valerosos,
Em versos deuulgados numeroſos.

Vereis amor da patria, nam mouido

Di premio vil; mas alto, & quaſi eterno,
Que nam be premio, vil fer conhecido,
Por hum prégio do uinho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem ſou ſenhor ſuperno:
Exultareis quaſi mais exellente,
Se ſir do mundo Rei, ſe de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vãs façanhas,

Fantasticas, ſingidas, mentirificas,
Lougar os uoſſos, como nas estranhas
Muſas, de engrandeceſe deſejifas:
As verdadeiras uoſſas ſam tamanhas,
Que excedem as ſonhadas fabulosas:
Que excedem Roldamote, & o vāo Rugeiro,
E Orlando, in lá que forá verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO. 3

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que sez ao Rei, & ao Reino tal servizo;
Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̄ de Homero
A Litera parelles se cobiço:
Pois polos doze Pares d'aruos quero,
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriços
Douuos tambem aquelle illustre Gama
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
On de Cesar, quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a seu Reino a segurança
Dixou, com a grande & prospéra victoria:
Outro Ioanne, inuicto caualleiro,
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
Aquellos que nos Reinos la da Aurora,
Se fizeram por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo choraz
Albuquerque que terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teue a morte.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Em quanto eu estes canto, & a vóu nam poſſo
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino voſſo,
Dreiſ materia a nuncia ouvidu canto:
Comecem a ſentir o peſo groſſo,
(Que polo mun lo to lo faça eſpinto,)
De exérſitos, & feitos fulgulares,
De África as turras, & do Oriente os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frii,
Em quem vê ſeu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Moſtrao pefcoço ao jugo ji inclinado,
Thetis todo o ceruleo ſenhorio,
Tem pera vós por dote aparelhado:
Que affeçoaſta ao gefto bello, & tenro,
Difeja de compraruos pera genro.

Em vós ſe vem da Olimpica morada,
Dos dous ands, as almas ca famelias,
Húa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas ſanguinosas:
Em vós esperam, verſe renouada
Sua memoria, & obras valerosas.
E la vostem lugar no ſim da idade,
No templo da ſuprema eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO. 8

Mis em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pousos, que o desejam:
Day vos fauor ao novo atreumento,
Pera que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o falso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejam,
Que jam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser intocado.

Na no largo Occeano naseguiam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauam,
Das naos as vellas concavas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão,
Cubertos, onde as proas van cortando,
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo jam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o guerno está da humana gente,
Se ajuntam em consilio glorioso,
Sobre as confusas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Laetea, juntamente,
Convidados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LVSTADAS DE L. DE CA

Deixam dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foy dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
Ali se acharam juntos num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde:

Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcão,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, severo, & soberano,
Do rosto respirava hum ar diuino,
Que diuino tornara hum corpo humano:
Com húa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentos assentos marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estiuão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razão, & a Ordem concertauam:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentauam:
Quando Jupiter alto assi dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & borendo.

Eternos

CANTO PRIMEIRO. 5

Eternos moradores do lucente

Estilifero polo, & claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
Do Luso, nam perdes o pensamento,
Denes de ter sabido claramente
Como he los faios grandes, certo intento,
Que por ella sesqueçam os humanos,
De Assirios, Perissas, Gregos & Romanos.

Ia lhe soy (bem o villes) concedido

Cum poder tam singelo, & tam pequeno,
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tam temido,
Sempre alcançou fauor do Cœo sereno.
Assi que sempre em fin com fama & gloria
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Doses atras a fama antiga,

Que co a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram.
Tambem deixo a memoria que os obriga
A grande nome, quando aleuantaram
Hum por seu capitam, que peregrino
Fingio na Cerna espirito diuino.

Agora

OS LUSTADAS DE L. DE CAI

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuide fo mar, nam tenho leue
Por vias nunca iſadas, nam temendo
De Africo & Noto a força a mais fatreſes
Que atendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinaſam ſeu proposito, & perſia
A ver os berços, onde naſce o dia.

Prometido lhe eſtā do fado eterno,
Cuja m̄ta ley nam pode fer quebrada,
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem paſſado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada,
La parce bem feito, que lhe feja
Moſtrada a noua terra que deſjea.

E por que, como viſtes, tem paſſados
Na viagem, tam aſperos perigos,
Tantos climas, & ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que ſejam, determino, agafalhados
Nel i costa Africana, como amigos:
E tendo guarnecidia a laſſa frota,
Começaram a ſeguir ſua longa rota.

Estas

CANTO PRIMEIRO. 6

Estas palavras Jupiter dezia,
Quando os Deuses per ordem respondendo,
Na sentença hum do outro diffia,
Razões díveras dando & recebendo:
O padre Baco, ali nam consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquiceram seus feitos no Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.

Ouvido tinha aos Fados que viria
Hua gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual se juntaria
Da India, tudo quanto Doris banha,
E com nouas victorias viveria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisi celebra inha a memoria.

Ve que ji teue o lido sojugado,
E nunca lhe iirou Fortuna, ou casão,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome, em negro vaso,
Digoado esquecimento, se la chegam
Os fortes Portugueses, que nauegam.
Sustentava

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle *Venus bella*,
Affeiçoadas a gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostráram na terra Tingitana:
E na lingoa, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupçam cre que be a Latina.

Estas causas mouiam Cyterea,
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que hade ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que huiu pela infamia que arrecess
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem,
A qualques seus amigos fauorecem.

Qual Aistro fôr, ou Boreas na espessura,
Do silvestre aruredo astecida,
Rompêdos ramos vão da mata escura,
Com impito e brueza desmedida:
Brama tola montanha, o som murmura,
Romperse as folhas, ferue a serra erguida.
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deuses no Olimpo consagrado,

Mas

CANTO PRIMEIRO.

7

Mas Marte que da Deos i sustentaua
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigaua,
Ou por que a gente forte o merecia,
De antre os Deuses em pee se leuantaua,
Merencor i no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera tras medonha, & yrados.

A viseira do elmo de Diamante,
Alenantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro,
E dan lo búa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no folio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeo, como infido.

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Nam queiras que padeçam vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste:
Nam ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Que se aqui a ruzam se nam n'estrasse,
Vencida do temor demafado,
Bem fora que aqui Baco os sostentasse,
Pois que de Lujo vem, seu tam priuado:
Mas esta tençam sua, agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado.
Que nunca tirara alhea enueja,
O bem que entrem merece, & o ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tês tomada,
Nam tornes por detrás, puis he fraquezido
Desislirse da causa começada.
Mercurio pois excede em ligereza
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informa
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Neclar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Laetio glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio:
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados apousentos.

CANTO PRIMEIRO.

Em quanto isto se passa, nafermosa
Casa Eterea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente belicosa:
La la da banda do Austro, & do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimava entam os Deoses, que Tifeô
Co temor grande em peixes conuerteo.

Tam brindamente os ventos os leuauam,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, & os tempos se mostrauam
Sem nuvens, sem receyo de perigo:
O promontorio prasso ja passauam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo:
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empr'sas se offerece,
De soberbo, & de altuo coraçam,
A quem fortuna sempre fauorece,
Pera se aqui deter nam ve razam,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinaua:
Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Eis aparecem logo em companhia,
Hus pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se aluoroça, & de alegria
Nam sabe mais que olhar a causa della:
Que gente sera esta, em si deziam,
Que costumes, que ley, que Rei teriam?

As embarcações eram, na maneira
Muy veloces, estreitas, & compridas,
As vellas com que vem eram de esteira,
Dñas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo den, de ousado, & nam prudente,
O Pado o sibe, & Lampetusa o fente.

De panos de algodam vinham vestidos,
De variás cores, brancos, & listrados,
Hus trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobraçados:
Da cinta pera cima tem despidos,
Per armas tem adagas & tarçados;
Com toucas na cabeça, & nauegando,
An-fis sonorosos vão tocando.

CANTO PRIMEIRO.

Cos panos, & cos braços acenauam,
Aas gentes Lusitanas, que esperasssem:
Mas ja as proas ligeiras se inclinauam
Pera que junto aas Ilhas amainasssem:
A gente, & marinheiros trabalhauam,
Como se aqui os trabalhos sacabasssem:
Tomão vellaç, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.

Namerão ancorados, quando a gente
Estranha, po'as cordas ja sobia,
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
Os de Phaetom queimados nada engeitam.

Comendo alegremente perguntauam,
Pela Arabica lingoa, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscauão,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os f.rites Lusitanos lhe tornauam,
As discretas repuestas que conuinham:
Os Portugueses somos do Occidente,
Etimos buscando as terras do Oriente:

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto;
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos Ceos, & Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com ledas frontes,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos Focas se nauega:
Mas jarazam parece que saibamos,
Se entre vós a verdade nam se nega:
Quem sois, que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India algüs finais?

Somos, sum dos das Ilhas, lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei, & nação.
Que os proprios, sam aquelles que criou
A Natura sem Lei, & sem Razão:
Nos temos a Lei certa que ensinou,
Oclaro descendente de Abrabão:
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A māy Hebreia teue, & o pay Gentio.

Esta

CANTO PRIMEIRO

16

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o lindo Idaspe, & terra ardente,
Piloco aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bem feito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos proueja.

Ento dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente se apartou,
Com mostras de devida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmãã que alumiasse,
O largo Mundo, em quanto repousasse.

B 2 A noite

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Anoyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tam remota,
Noua de tanto tempi desejada:
Qualquier entam consigo cuya la, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crerão,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Da Lúa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão:
Qual campo renestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermoços cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirar se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

CANTO PRIMEIRO.

21

Partia alegremente nauegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que sam aquellas gentes inhumanas:
Que os aposentos Caſpios habitando.
A conquistar as terras Asianas
Vierão: & por ordem do destino,
O Imperio tomáram a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,
O Mouro, & toda sua companhia,
Dalhe de ricas peças hum presente,
Que fo pera este eſſeito ja trazia:
Dalhe conſerua doce, & dalhe o ardente
Nam vſado licor que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente marítima de Luso,
Subida pela exarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, & vſo,
E a línguagem tam barbara, & enteada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traço, & a forte armada.
E perguntando tudo lhe dezia,
Se porventura vinham de Turquia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fe,
Pera ver se conforme à sua feja,
Ou se sam dos de Christo, como cre:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dè,
Mostra das fortes armas de que usauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Respondeo ó valeroso Capitão,
Por hum que a lingoa escura bem sabia:
Darte ey Senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosas.

A ley tenho daquelle, a cuja imperio
Obedece o visibil, & invisibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensibil
Que padecço deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & infribil
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por sobir os mortais da terra ao ceo.

Deste

CANTO PRIMEIRO 13

Dese Deos homem, alto, & infinito,
Os liuros que tu pedes nam trazia,
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como t'cs dito,
Comprido esse desejo te ser'ia:
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo;

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros, amostrar as armaduras,
Vera arneses, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pilonros, e spingardas de aço puras,
Arcos, & sagittiferas aljauas,
Partasanas agudas, chuças brauas;

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas sulfueas, tam danosas,
Porem aos de Vulcano nam consente
Que dem fogo aas bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medrosas,
Não mostra quanto pôde, & com razão,
Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Húa vontade má de pensamento.
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratallos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse aa India ser leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometelhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, & tam danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a má vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum nam alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partioſe

*Partiu-se nisto em fim co acompanhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa & grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, & fingido:
Cortaram os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito aposento.*

*Do claro assento Etereo, o gram Tebano,
Que da paternal coxa foy nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
No pensamento cuya hum falso engano
Com que seja de todo destruydo.
E em quanto isto so na alma imaginava
Conigo estas palauras praticava.*

*Está do fado ja determinado,
Que tamanhas viélorias tam famosas,
Ajam os Portugueses alcançado,
Das Indianas gentes belicosas.
E eu so filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas:
Ey de sofrer que o Fado fauoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça
Ja quisferão*

OS LUSIADAS DE L. DE CAMOENSES

Ia quiseram os Deos fes que tiuesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo sometesse
Debaixa de seu jugo, o fero Marte:
Mas assy de s'ffrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanha esforço, & arte
Que uco gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

Não sera assy, por que antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey aa terra, & o indignado
Peito, renoluerey da Maura gente,
Porque sempre por via yra dereita,
Quem do oportuno tempo se aproneta:

Isto dizendo yrado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma & gesto humano,
Pera o Praijo sabido se moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

Entrando

CANTO PRIMEIRO.

14

E entrando assy a falar lhe, a tempo & horas,
A sua falsidatē acomodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras,
Estas que ora de nouo sām chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por estes homens que passauam,
Que com pactos de paz sempre ancorauam;

E sibe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nós, & que todos seus intentos
Sām pera nos matarem, & roubarem,
E mulheres & filhos capturarem.

E tambem sey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tençam danada nasce o medo:
Tu deues de yr tambem cos teus armado
Esperallo em cilado, occulto & quedo:
Porque saindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.

E se inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA,

E se inda nam ficarem deste geito,
Deslruydos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito,
Outra manha & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudente,
Que os lese aonde sejam destruydos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos taes casos, fabio & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cnydado engano,
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & fabio em todo dano,
De quem fiar se possa hum feito grande,
Dizlhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas, & mares co elle ande:
Que se daqui escapar, que la diante
Va cair onde nunca se aleuante.

CANTO PRIMEIRO. 55

Iao rayo Apolineo visitaus,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama coi seus determinaua,
De vir por aqua a terra apercebido:
A gente nis bateis se concert.sua,
Como se fosse o engano juzibido:
Mas pode suspeitarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem m'indado tinha a terra,
De antes pelo Piloto necessario:
E foihe respmido em som de guerra,
Caso do que cuidava muy contrario:
Por isto, & porque sabe quanto erra,
Quem se crè de seu perfido aduersario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a aqua desejada,
Hum de escudo embarçado, & de azagaya,
Outro de arco encruizado, & seta eruada:
Esperão que a guerreira gente sayá,
Outros muitos ja postos em cillada.
E porque o caso leue selhe faça,
Poem hys poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Andão pela ribeira alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & co a astrea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Nam soffre muito a gente generosa,
Andarthe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que be primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
OTouro busca, & pondose diante,
Salta, corre, sibila, acena, & brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando dão corre, & os olhos cerrâ,
Derriba, fere, & mata & poem por terra;

Eis nos bateis fogo se levanta,
Na furiosa & dura artilheria,
A plumbea pela mata, o brado espanta:
Ferido o ar retumba, & assonia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Ja foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto anenturoso.

CANTO PRIMEIRO

Não se contenta a gente Portuguesa:

Mas seguindo a victoria estrue, & mata
A povoação sem muro, & sem defesa,
Esbardeia, acende, & desbarata.
Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
Que bem cuidou comprala mais barata:
Ja blasfema da guerra, & maldizia,
O velho Inerte, & a máy que o filho cria;

Eugindo, a seta o Monro vay tirando,
Sem força, de couarde, & de apressado,
A pedra, o pao, & o canto arremessando,
Dalle armas o furor desatinado:
Ja a Ilha, & todo o mais, desemparando,
Aa terra firme foge amedrontado.
Passa, & corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hás vāo nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se affoga nas ondas encruadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
Arrombão as meudas bombardadas
Os Pangaios sotis da bruta gente.
Desta arte o Portugues em fin castiga,
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tornam victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vao a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa,
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acefa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

Paz cometer manda arrependido,
O Regedor daquella imica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a má tençam no peito encerra,
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,
Como em final das pazes que tratava.

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,
Tornara seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Pera yr buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente ogasalhado:
E respondendo ao mensageiro, atento
Aas veilas munda dar ao largo vento.

CANTO PRIMEIRO.

37

Desta arte despedida a forte armada,

As ondas de Anfitrite diuidia,

Das filhas de Nérèo acompanhada,

Fiel, alegre, & doce companhia.

O Capitam, que nam cabia em nada,

Do engano ardil que o Mouro vrdia;

Delle muy largamente se informaua,

Da India toda, & costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,

Que o malevolo Baco lhe ensinara

De morte, ou captueiro nouos danos;

Antes que aa India chegue lhe prepara;

Dando razam dos portos Indianos,

Tambem tudo o que pede lhe declara;

Que auendo por verdade o que dizia,

De nada a forte gente se temia.

E dizlhe mais co falso pensamento,

Com que Synonos Phrigios enganou,

Que perto està húa liba, cujo assento,

Pouo antigo Christão sempre abitou:

O Capitão que a tudo estaua a tento,

Tanto co estas nouas se alegrou,

Que com dadiuas grandes lhe rogaua,

Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

C

He

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe m'nta & pede,
Que a Ilha he possuida da ma'ma
Gente, que segue o torpe Mahamedez:
A p'ri o engano & morte lhe imagin'a,
Porque em poder & forças muito excede
Aa Moçambique, est'a Ilha que se chama
Quílva, muy conbecida pola fama.

Pera lá se inclinava a led'a frota:
Mas a Deos e em Cybere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por yr buscar a morte n'io cuidada,
Nam consente que em terra tam remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrarios a desus'a,
D'onde o Piloto falso a leui, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinaçam levar a vante,
Outra malade inica cometendo,
Anda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os lenarão por for, a por diante,
Que outra Ilha tem perio, cuja gente,
Eram Christãos com Mouros juntamente.
Tambem

CANTO PRIMEIRO

28

Tambem nessa palura lhe mentia,
Como por regimento em fim leuava,
Que aqui gente de Christo nam auia;
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitam que em tudo o Mouro crisa,
Virando as vellas, a Ilha demandaua;
Mas nam querendo a Deos i guardadora,
Nam entra pela barra, e surge fora.

Estanda a Ilha aa terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a diuidia;
Hua cidade nellsituada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

E, sendo a ella o Capitam chegado,
Estranhamente ledo, porque espéra
De poder ver o povo baptizado,
Como o salso Pibito lhe differa:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro que comara.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:

Mas debaxo o veneno vem cuberto,

Que os pensamentos eram de inimigos,

Segundo foy o engano descuberto.

O grandes & grauissimos perigos,

O caminho de vida nunca certo.

Que aonde a gente poem sua esperança,

Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,

Tantas vezes a morte apercebida,

Na terra, tanta guerra, tanto engano,

Tanta neceſſidade auorrecida:

Onde pode acolherſe hum fraco humano,

Onde terá segura a curta vida?

Que não ſe arme, & ſe indigne o ceo ſereno,

Contra hum bicho da terra tam pêqueno.

Fim.

CANTO SEGVNDO.

Canto Segundo.

A neste tempo o
lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distin-
guindo,
Chegau ua desejada, e^r lenta Meta,
A luz celeste aa gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta,
Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrido;
Quando as fngidas gentes se chegárao
Aas maoz, que pouco auia que ancorárao.

Dentre elles hum que traz encomendado,
O mortifero engano, assi dezia:
Capitam valeriso, que certado
Tens de Neptuno o reyno, e^r sua via;
O Rei que manda esta Ilha alucroçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que nam deseja mais que agasalharte,
Verte, e^r do necessario reformarte.

¶ 3 E porque

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

E porque estás em estremo desejoso
De te ver, como causa nomeada,
Te r地球上 que de nada recéoso,
Entre a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhooso,
Traras a gente débil, & cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desfala.

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Cravos, ardente especiaria,
Ou Drogas salutifera, & prestante:
Ou se queres lucente pedraria,
O Rubi fino, o rizido diamante:
Daqui levarias tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz, que por que o Sol no mar se esconde,
Nam entra para dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo, & frotá n'um temendo,
Comprirà sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.
Perguntas

CANTO SEGUNDO. : 36

Perguntalhe despois, se estiam na terra
Christãos, como o Pilato lhe dezia,
O mensageiro astuto que nam erra,
Lhe diz, que a maia da gite em Christo cri.:
Desta sorte do peito lhe destrerra
Toda a suspeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algüs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser auenturados
Em casos desta sorte diuidosos:
Mandaous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & porque vejão,
Os que Christãos, que so tanto ver desejão;

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostraua,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estaua.
Ja a companhia perfida, enefanda
Das naos se despedia, & o mar cortava,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

E d'espôs que ao Rei apresentaram,
Co recaão os presentes que trazão,
A Cidade correram, e notirão
Muito menos daquelle que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardâram
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Quem de reina a malicia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que sempre a mocidade,
Tem no rosto perpetua, e soy na vida
De duas mães: que vrdia a falsoade,
Por ver o nauegante destruydo:
Elaua nua casa da Cidade,
Com rosto humano, e habitó fingido;
Mostrando se Christão, e fabricaua
Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e São Espírito a pintura,
A candida Pombinha de buxada,
Sobre a unica Fenix Virgem pura,
A companhia sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, só das lingoaas que cayrão,
De fogo, varias lingoaas refexirão.

Aqui

CANTO SEGUNDO. 21

Aqui os dois companheiros conduzidos,
Onde come este enzano Baco estava,
Porem em terra os giohos, e os sentidos
Na puelle Deos, que o mundo governava
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimava
O Thioneu, e assi por derradeiro
O falso Deos adora o Verdadeiro.

Aqui foram denoite agasalhados,
Com todo o bom, e honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Ostinha o falso, e sanelo fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento,
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornam da terra os Mouros co recado,
Do Rei, pera que entrassem, e configo
Os deus que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portugues certificado,
De nam auer receyo de perigo.
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no falso rio entrar queria.

Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,
Sacras aras, & sacerdote santo,
Que ali se azeitárnão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto;
E que no Rei, & gentes nam sentirão
Senam contentamento, & gosto tanto;
Que nam podia certo auer sospeita.
Nua mostra tam clara, & tam perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que leuemente hum animo se fia,
De mostras que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam
Alegres vinhão todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauam,
Armas, & monições, que como vissem
Que no Rio os nauios ancorauam
Nelles ou sadamente se sobissem:
E nesta treiçam determinauam,
Que os de Luso de todo destruissem
E que incautos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinham feito.

CANTO SEGUNDO:

35

A ancoras tensas vão levando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas fós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada:
Vendo a cílada grande, & tam secreta,
Vondo ceo ao mar como húa seta.

Connoca as aluas filhas de Nerão,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondolhe a causa a que deceo,
Com todos juntamente se partia:
Pera estornar que a armada nam chegasse,
Aonde pera sempre se acabasse.

La na agoa erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, & atraueffa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da agoa crespi, em força suma.
Abrem caminho as ondas encruadas,
De temor das Nereidas apressadas.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos bimbros de hum Tritão com gesto aceso,

Vay a linda Dione furiosa,
Nam sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Ia chegão perto donde o vento uiso.
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante
As nuas ligeiras que hão per diante.

Poemse a Deosa com outras em direito

Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminbo da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchado:
Puem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forcando.
Outras em derredor leuandoa estauão,
E da barra inimiga a desuianão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,

Leuando o peso grande acomodado,

As forças exercitam, de inimigas,

Do inimigo Inuerno corgelado:

Ali sam seus trabalhos, & fadigas,

Ali mostram vigor nunca esperado.

Tais andauão as Nimpas estoruando

Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

CANTO PRIMEIRO.

43

Torna pera detras a Nao forçada,
A pesar dos que leua, que gritando,
Mareão vellus, ferue a gente yrada,
O leme a hú bordo, & a outro atraueffando,
O Mestre astuto em vião da popa brada,
Ven lo como diante ameaçando
O estiuahum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

A celeuma medonha se aleuanta,
No rudo Marinheiro que trabalha,
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Nam sabem a razam de furia tanta,
Nam sabem nest a pressa quem lhe valha:
Cuidão que seus enganos sam sabidos,
E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lançam,
A seus bateis veloces que trazão,
Outros encima o mar aleuantanão,
Saltando nagoa a nado se acolhão:
De hum bordo & doutro subito saltanão,
Que o medo os compelia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

Af3

OS LUSIADAS DE I: DE CAI

Assi como em seluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessa,
Estando fora da agoa incantamente,
Daqui, & dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendose ao couto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiará,
Crendo que seu engano estaua neto,
Tambem foge saltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara:
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos Mouros, não cuida, & juntamente,
O Piloto fogilhe com presteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo sem contraste, & sem braueza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a Nao passar auante não podia,
Aunendo o por milagre assi dezia.

O c.fo

CANTO SEGUNDO. 24

O caso grande, estranho, & não cuidado,
O milagre claríssimo, & evidente,
O descuberto engano inopinado,
O perfila inimiga, & fisa gente,
Quem poderá do mal aparelhado
Liurarse sem perigo sabiamente.
Se la de cima a guarda soberana,
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,
D'estes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na aparencia,
Que era enganada a noffa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem sem ti não pôde ser guardado:

E se te move tanto a piedade,
Desta misera gente peregrina,
Que so por tua altissima bondade,
Da gente a filhas, perfida & malina,
Nalgum porto seguro de verdade:
Conduzirnos ja agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois so por teu serviço nauegamos.

Quijolhe

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

Quiolbe estas palavras piadosas,
À fermeſa Dione, & comouida,
Dantre as Nymphas fevay, que faudofas
Ficarão deſta ſubita partida:
Ia penetra as Eſtrellas luminofas,
Ia na terceyra Esphera recebida:
Auante paſſa, & la no ſexto ceo,
Pera onde eſtaua o Padre fe moueo.

E como bia afrontada do caminho,
Tam fermeſa no geſto fe moſtraua,
Que as Eſtrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho
E tutto quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz ſeu filho o ninho
Huis eſpiritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados acendia,
Eturnaua do Fogo a eſphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foysempre amada, & cara
Se lha preſenta oſſi como ao Troyano,
Na felua Ide a ja fe apresentaua:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiros deſejos o acabarão.

Os creſpos

CANTO SEGUNDO. 29

Os crespos fios douro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincaua, e nam se via.
Da alua petrina flamas lhe saiam,
Onde o Minimo as almas acendia.
Polas lisas colunas lhe trepauão,
Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cenal as p-ries cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre.
O veo dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acenda, e dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ia se fintem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

E mostrando no angelico sembante,
Co riso húa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, nū mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada.
Desta arte a Deosa, a quem nenhúa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Sempre eu cuidey, ò Padre poderozo,
Que pera as couzas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, & amoroso.
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Facase como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mosna:

Este pnuo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vâo caidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rozando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he maltratado,
Querelhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy : & nislo de mimosa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a frescar oso
Caladi hum pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a falla piadosa.
Torna a seguirla, & indo por diante,
Lhe atalha o poderozo, & gram Tonante.

E destas

CANTO SEGUNDO. 58

E destas brandas mostras comouido,
Que moueram de hum lige o peito duro,
Co vulto algre, qual do Leo fôrido,
Torna sereno & claro o ar escuro.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo puro;
De modo que dali, se fu se achâra,
Ontro nouo Cupido se gerâra.

E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços, & lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe por em fôssegos o peito yrado,
Muitos cofos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

Fermosa filha minha nam temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerense Gregos & Romanos:
Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Que se o facundo Vlysses escapou,
De ser na Ogizia Ilha, eterno escrauo:
E se Antenor os seios penetrou,
Ilricos, & a fonte de Timauo.
E se o piadoso Eneas nauegou,
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.
Os vossos m̄dres confas atentan lo,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, cidades, & altos muros,
Porelles vereis fihaz edificados:
Os Turcos belacíssimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Seram dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremor delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
O casco nunca visto, & milagroso,
Que trema, & ferua o Mar em calma e estádo
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem de la hão medo os Elementos.

Vereis

CANTO SEGUNDO. 27

Vereis a terra que a agoalhe tolbia,
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
Em que vao descansar da longa via,
As naos que nauega em do Occidente:
Toda est i costa em fin, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagara tributos, conhecendo,
Nam poder resistir ao Luso boirendo.

E vereis o Mar roxo tam fain so,
Tornar selhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, & jugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terà, dos vossos sendo,
Ali se mostrara seu preço, & forte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Enuejoso vereis o gram Mauorte,
Do peito Lusitano, fiero & borendo.
Do Mouro ali veram que a voz extrema
Do falso Mahamede au Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora;
De todo o Oriente, & sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali saberba altuia, & exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porá, & a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sostentarse,
De Cananor, com pouca força & gente;
E vereis Calecu desbaratarse,
Cidade populosa, & tam potente.
E vereis em Cochim assinalarse,
Tanto hum peito soberbo, & insolente,
Que Citara ja mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciúis Aélias guerras animoso,
O Capitam venceo Romano injusto,
Que dos pouos de Aurora, & do famoso
Nilo, & do Baetra Scítico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egípacia linda, & nam pudica.

Come

CANTO SEGUNDO.

Como vereis o mar ferverendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Leuando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sogeita a rica Aureo Chersoneso,
Ate o longico China nauegando.
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Occeano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tan forte peito,
Do Gantico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
Que mostrou o agrauado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de affrontados
Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado
filho Le Maia Filho de Maia aa terra, porque tenha
que o Mercúrio Hum pacifico porto, e^r sotsegado,
Pera onde sem receyo a frota venha.
E pera que em Mombaça, auenturado
O forte Capitam se nam detenha,
Lhe manda mais, q^r em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

La pelo ar o Cylenèo voava,
Com as asas nos pés ad terra deço;
Sua vara fatal na mão leuava,
Cun que os olhos cansados adormece;
Com esta, as tristes almas renocava,
Do Inferno, o vento lhe obedece.
Na cabeça o gálero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Consiço a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a hú certo amor obriga,
Efiza quem o tem, amado e caro.
Desti arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosíssimo, e perclaro.
La Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto e modo.

Dali pera Mombaca logo parte.

Aonde as naos estauão temerosas,
Pera que aa gente mande que se aparte,
Das berra imiga, e terras suspeitosas:
Porque muy pouco val esforço e arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coraçam, astucia, e siso,
Se li dos Ceos nam vem celeste aniso.

Meyo

CANTO SEGUNDO.

55

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrelas no Ceo coa luz alheia,
Tinham o largo Mundo alumiado,
E so co sono a gente se recreia.
O Capitão illustre, ja cansado,
De vigiar a noite que arreceia,
Breue repouso entam aos olhos daria,
A outra gente a quartos vigiava.

Quando Mercurio em simbos lhe aparece,
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
Da cildada que o Rei maluado te ce,
Porte trazer ao fim, & extremo dano,
Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,
Sereno o tempo tens, & o Occeano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

Nantens aqui senão aparelhado,
O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cauallos a gente que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolaua.
Teras cerias aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

OS LUSÍADAS DE L. DE CAXIAS

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharas de mais verdade;
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gafalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitam, que com muy grande espanto
Acorda, & ve ferida a escura treua,
De húa subita luz, & rayo sanclo;
E vendo claro quanto lhe releua,
Nam se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaui,
Que as vellas desse ao vento que assopraua;

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantose nisto o mouimento
Dos marinheiros, de húa & de outra banda
Leuam gritando as ancoras acima
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

CANTO SEGUNDO.

34

Neste tempo, que as ancoras leuauam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortauam,
Por serem dando aa costa, destruydos:
Mas com vista de Linces vigianos,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentiram,
Voando, & nam remando lhe fogiram.

Mas ja as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Affopralte galerno o vento, & brando,
Com suave & seguro mouimento,
Nos perigos passados vam fallando,
Que mal se perderám do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

Tinha húa volta dado o Sol ardente,
E noutra começava, quando viram
Ao longe dous nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respiram;
Porque aiunam de ser da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas viram.
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se saluar a gente aa costa dava.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Não he o outro que ficat amanhoso;
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil & medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Nam teue resistencia, & se a tinera
Mais dāo resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse,
Piloto pera a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomassez
Mas nam lhe soccedeo como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe insinasse
A que parte dos Ceos a India eslava.
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharām Piloto certo.

Louvão do Rei os Mouros a bondade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitam o assella por verdade,
Porque ja lho differra deste geito,
O Cylenéo em sonhos, & partia,
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

CANTO SEGUNDO. 31

Era no tempo alegre quando entraui,
No roubador de Europa a luz Febea;
Quando hum, & o outro corno lhe aquetava,
E Flora derramava o de Almathea:
A memoria do dia renouava,
O presuroso Sol, que o Ceo rodea:
Em que aquelle, a quem tudo está s'geito,
O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aquella parte,
Onde o Reino Melinde ja se via,
De toldos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o Sancho dia:
Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
A cor porpúrea ao longe aparecia.
Soão os atambores & pandeiros,
E assi entravam ledos & guerreiros.

Enchese toda a praya Melindana,
De gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana
Que toda a doutra terra atras deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ancora pesada.
Mandão fura hū dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.
O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CAMOENSES

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto prezado,
quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
que os peitos generosos ennobrece.
Lhe manda rogar muito que saifsem,
Pera que de seus Reinos se fernissem;

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras sinceras, nam dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caudaleiros,
que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que entam na terra anja,
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitam alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado.
que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.
E manda

CANTO SEGUNDO.

22

Manda mais hum na pratica elegante,
que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de nam fair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Parlado assio embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da summa iusticia concedido,
Refrear o soberbo ponu duro,
Nam menos delle amado que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conbeido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Nam somos roubadores, que passando
Pelas fricas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vao matando,
Por roubarlhe as fazendas cubicadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado:
Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que geraçam tam dura abi de gente?

Que barbaro costume, & vjança fea,

Que não vedem os portos, tam somente:

Mas inda o hospicio da deserta area?

Que ma tençam? que peito em nós se sente?

Que de tam pouca gente se arreceia,

Que com laços armados tam fingidos,

Nos ordenasssem vernos de struydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos

Acharse mais verdade, ó Rei benigno,

E aquella certa ajuda em ti e speramos,

Que teue o perdido Itaco em Alino:

A teu porto seguros nauegamos,

Conduzidos do Interprete diuino.

Que pois a ti nos manda, está muy claro;

Que es de peito sincero, humano, & raro.

Enam cuydes, ó Rei, que nam saisse,

O nosso Capitam esclarecido

A verte, ou a seruirte, porque visse,

Ou sospeitasse em ti peito fingido;

Mas saberas que o fez porque comprisse,

O regimento em tudo obedecido,

De seu Rei, que lhe manda que nam saia,

Deixando a frota em nenhu porto, ou praia.

E porque

CANTO SEGUNDO. 33

E porque he de vassalos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Nam quereras, pois iés de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça,
Em tudo aquillo que elle & os seus poderen.
Em quanto os rios pera o mar correrem,

Aſi dizia, & todos juntamente,
Hūs com outros em pratica fallando
Louauam muito o estamago da gente,
Que tantos ceos & mares vai paſſando,
E o Rei illuſtre, o peito obediente,
Dos Portugueses, na alma imaginando:
Tinha por valor grande, & muy ſubido,
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aſpeito,
Responde ao Embaixador, que tanto eſtim
Toda a ſoſpeita mà tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos ſe imprima:
Que voſſo preço, & obras ſam de geito,
Per a voster o mundo em muita eſtima.
E quem voſſez moleſto tratamento,
Nam pode ter ſobido pensamento.

E De

OS LVSTADAS DE L. DE CAJ

De nam sair em terra toda i gente,
Por obseruar a vſada preminentia;
Ain la que me peſe estrambamente,
Em muito terbo a muita obediencia:
Mas se lho o regimento na n consentia,
Nem eu consenſirey que a excellencia,
De peitos tam leais em si desfaça,
So porque a meu deſeo faſifaça.

Porem como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almidias,
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto deſeo, ha tantos dias.
E ſe vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias:
Aqui tera, de limpos penſamentos
Pilsto, munições, & mantimentos.

Isto diſſe, & n̄is agoas ſe escondia,
O filho de Latona, & o mensageiro,
Co a embaxada alegre ſe partia
Pera a frota, no ſeu batel ligeiro:
Enchemſe os peſtos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscavam;
E ſi ledos a noite feſtejauam.

Nam

CANTO SEGUNDO. 34

Não faltam ali os rayos de artificio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio:
O ceo, a terra, & as oidas atroindo.
Mostrafe dos Cyclopas o exrcicio,
Nas bombas que de fogo estam queimando,
Outros com vozes, com que o Cœo ferião,
Instrumentos altissonsos tangiam.

Respondeu da terra juntamente,
O rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o po sulfureo escondido:
A grita se aleuanta ao Cœo, da gente,
O Mar se via em fogos acendido:
E não menos a terra, & assi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Cœo inquieto reuoluendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E ja a māy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiâse as sombras, lentas desfazendo,
Sobre as feras da terra, em frio ouvalho,
Quando o Rei Milindano se embarcaua
A ver a frota que no mar estaua.

E 2 Vão se

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver só concorre leda,
Luzem da fin i purpura as cabaias,
Luſtram os panos da tecida feda:
Em lugar de guerreiras azagaias.
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de sedas de diuersas cores,
Tras o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, & primores.
Na cabeça húa fota guarnecida,
De ouro, & de feda, & de algodam tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,
Da Tíria cor, entre elles estimada,
Hum colar ao pescoco de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada,
Cum resplendor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada,
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobre em ouro, & aljofar ao veludo.

Com

CANTO SEGUNDO. 35

Com hum redondo emparo alto de seda,
Nua alta & dourada astrea enxerido,
Hum nimbro aa solar quentura veda,
Que nam off. nla & queime o Rei sobido:
Musica tras na p'sa e branha & ledo,
De aspero som, boirissimo ao ouvido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo esfondo:

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da fruta se partia,
A receber no mar o Milindano,
Com lustrosa & honrada companhia,
Vestido o Gama vem ao modo Hispano.
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetera da Adriatica Venezia,
Carmesi, cur, que a gente tanto prezava:

De botões douro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol r. luzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas,
Do metal que Fortun i a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do qibam ajunta, & chega:
Ao Italico modo a aurea espada,
Prima na gorra, hum pouco declinada.

OS LVSIADAS DE L. DE CAJ

Nos de sua companhia se mostraua,
Da tinta que dão Mürice excellente,
A varia cor, que os olhos alegraua,
E a maneira do trajo diferente:
Tal o ferm so esmalte se notaua,
Dos vestidos olhados juntamente:
Quil aparece o arco rutilante,
Da bella Nympha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauam,
Os animos alegres resonando,
Dos Mouros os bateis o Mar coalhanam,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horrissonas bramando,
Com as nuvens de fumo o Sol tomado,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Ia no batel entrou do Capitam
O Rei, que nos seus braços o leuaua,
Elle co a cortesia, que arazam
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava:
Cúas mostras de espirito, & admiraçam
O Moura o gesto, & o modo lhe notaua,
Como quem em muy grande estimatinha
Gente que de tam longe à India vinha.

E com

CANTO SEGUNDO. 36

E com grandes palavras lhe offrece,
Tudo o que de seu Reino lhe comprisse,
E que se manimento lhe falasse,
Como se propri fosse lho pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece,
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que ja ouviu dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiuesse guerras.

E como por toda Africa se sou,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas viveram:
E com muitas palavras apregoa,
O menos que de Luso mereceram:
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondeia.

O tu que sou ciueste piedade
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade,
Dos mares experimenta a furia insana,
A quella alta, & divina eternidade,
Que o Ceo reuolve, & rege a gente humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros nam podemos.

OS LVSTIADAS DE L. DE CA:

Tu ſo de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bonſ ſilo e juſtudos
En quanto apacentar o largo l'olo,
As Estrelas, e o Sol der lu ne ao Mundo,
Onde quer que en viuer, com fama e gloria
Vuirão teus louuores em memoria.

Ilo dizendo, os barcos vam remando,
Pera a froti, que o Moura ver deſeja,
Vam as nios, húa e húa rodeando,
Por que de todas tudo note, e veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frotaco as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam,
Cos anafis os Mouros respondiam.

Mas despois de fer tudo janotado,
Do generoso Mouro, que paſmaua,
Ouindo o instrumento inuſitado,
Que tamanho terror em ſi moſtraua,
Mandaua eſtar quieto, e ancorado,
Nagao o batel ligeiro que as leuaaua,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas couſas de que tem noticia, e fama.

Em

CANTO SEGUNDO.

39

*Em praticas o Mouro differentes,
Se deleitava, perguntando agora,
Pelas guerras famosas & excellentes,
Co pouo auidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispheria ultima, onde mora:
Agora pelos pouos seus vezinhos,
Agora pelos humidos caminhos.*

*Mas antes valeroso Capitan,
Nos conta, lhe dezia, diligente,
Da terra tua o clima, & regiam,
Do mundo onde morais distintamente,
E assi de vossa antiga geraçam,
E o principio do Reino tam potente:
Cos successos das guerras do começo,
Que sem fabelas, sey que sam de preço;*

*E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te tras o Mar yrado;
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado
Conta: que agora vem cos aureos freios;
Os cauallos que o carro marchetado,
Do nouo Sol, da fria aurora trazem,
O Vento dorme, o mar & as ondas jazem.
Enam*

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Enão menosco tempo se pareçe,
O desejo de ouuirte o que contares,
Que quem ha, que por fama nam conhece
As obras Portuguſas singulares;
Nam tanto desuiado resplandece,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Milindanos tem tam rudo peito,
Que nam estimem muito hum grande feito.

Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vāo, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peribio, & Theseu, de ignorantes,
O reino de Plutam horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos be trabalho illustre, & duro
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo;

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do fótil Tesifonio fabricado,
Horosfrato, por fer da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razam ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.
Fim.

Canto Terceiro.



Gora tu Caliope
me ensina,
O que contou ao Rei, o illustre
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Ass: o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, o linda dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucotôe
Te negue o Amar diuido como fôe.

Poem na Nymfa em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja & saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre & mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja veja
Banbarme Apolo na agoa soberana.
Senam direy, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheo.

Promptos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauam todos escutando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, despois de hum pouco estar cuidado
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandasme, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a gran geanalefia:
Não me manda cantar estranha historia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria;

Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuar tam sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & ferey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me ubriga,
He nam poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue & figura,
Segundo o que desejas de s.ber.
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

CANTO TERCEIRO. 39

Entre a Zona que o Cancro senborea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
laz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o Mar Mediterrano.

Da parte donde o dia vem niscendo,
Com Azia se auizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeios vay correndo,
Na alagoa Meotis, curuo & frio
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
Vio dos Gregos o yrado senhorio:
Onde agora de Troia triumfante,
Nam ve mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
Dos montes Hyperboeos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome do sopros, se ennobrecem,
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo resplandecem.
Que a neve està contino pelos montes,
Geledo o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

OS LUSTADAS DE L. DE CAI

Aqui dos Cytas , grande quantidade

Viuem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sol re a humana antiquidade,
(os que tinham entam a Egipciu terra:
Mas quem tam fora estaua da verdade,
(la que o juyzo humano tanto erra:)
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

Agora nestas partes se nomea,

A Lapia fria , a inculta Noroega,
Escandinavia Ilha , que se arrea;
Das victorias que Italia nam lle nega
Aqui, em quanto as agas nam refreia,
O congelado Inuerno, se nauEGA.
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano;

Entre este M. r, & o Tanais vine estranha
Gente, Rutenos, Moscos, & Liuonios,
Sam matas entro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios.
Sugeitos ao Imperio de Aemanha,
Sam Saxones, Boemtos, & Paurios,
E outras varias nações, que o Reno frio
Laça, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

CANTO TERCEIRO. — 46

Entre o remoto Ibro, & o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida;
Estam os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Heleno, o Rodope fogeito
Ao Otomano está, que fome'ida,
Bizanjo tem a seu serviço indino,
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estam as gentes,
A quem laurido Axio a agoa fria:
E vos tambem, o terras excellentes,
Nos costumes, engenhos, & onfadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

Logo os Dalmatas vinem, & no seio,
Onde Antenor ja muros levantou,
A soberba Veneza está no meio.
Das agoas, que tam baxa começou
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias fogeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

OS LUSIADAS DE L: DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptonino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre está ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade:

Galia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesarios Triumfos foy no mundo,
Que do Sequânia, & Rôdano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, & de prata antam corrêão.

Eis aquui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà, com força, ou manha
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha nam tire o esforço & ousadia,
Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com

CANTO TERCEIRO. 48

Com Tingitania entesta, & ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o Sabido estreito se ennobrece,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Occeano.
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he milbor.

Temo Tarragones, que se fez claro,
Sojeitando Partenope inquieta,
O Nauarro, as Austrias, que reparo
Ia fram, contra a gente Mahometta,
Temo Galego cauto, & o grande & raro
Castelhauo, a quem fezo seu Planeta
Restituidor de Espanha, & senhor della,
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,
E onde Febo repousa no Occeano:
Este quis o Leo justo, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitando de si fora, & la na ardente
Afica estar quieto o nam consente.

F Esta be

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Esta he a ditoria patria minha amada,
A qual se o Ceo me da , que eu sem perigo
Torne, com esti empreza ja acabada,
Acabese esta luz ali conigo.
Esta foy Lusitania dirinada,
De Luso, ou Lysa , que de Baco antigo,
Filhos foram parece, ou companheiros,
E nella entam os lculos primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê , que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama , ninguem virá que domie,
Pois a grande de Roma nam se atreste:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto, do Ceo ligero, e leue,
Veo a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre , e foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso , foy na Espanha
Que fez aos Sarraenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha
A muitos fez perder a vida, e a terra:
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe aa Caspia serra,
Muitos pera na guerra esclarecerse,
Vinham a elle, e aa morte offerecerse.

E com

CANTO TERCEIRO: 92

E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprias lareas
Despois que em feitos altos e subidos,
Se mostrariam nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras taes,
Leuasssem premio digno, e dões iguaes.

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria experimtado,
Portugal oune em forte, que no mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais sim il amor profundo,
Quis o Rei Castelhano, que casado,
Com Teresia sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tornou posse.

Este despois que contra os descendentes,
Da esfrauç Agar, victorias grandes teue,
Gaibando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue
Hum filho, que illustrasse o nome vfanico
Do belicoso Reino Lusitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CASA

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da cida de Hyerofolim i sagrada,
E do lordio a area tinha visto,
Que vio de Deos a carne em si lauada,
Quem n'nen ten lo Goffredo a quem resista,
Depois de ter Iudea sojugada.
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Pera seus senhorios se tornaram.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte & fimes Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O spirito deu, a quem lho tinha dado:
Ficau o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu traslado:
Que do Mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, nam sey se errado,
Que em tanta antiguidade nam ha certeza,
Conta que a my tom ando todo o estado
Do segundo Hymeno, num se despreza:
O filho orfio deixaua deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, so sua era,
Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

CANTO TERCEIRO.

43

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamaua, do Auò tomando o nome,
Vendose em suas terras nam ter parte,
Que a māy cō seu marido as māda e come,
Feruendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revoluidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimaraes o campo se tingia,
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a māy que tam pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra
Co elle posta em campo ji se vis,
E nam ve a sibirba, o muito que erra,
Contra Deus, contra o maternal amor,
Mas nella o sensual era o m i yor,

O Progne crua, o magica Medea,
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Di maldade dos pais, di culpa alheia,
Olhai queinda Terra ja peca mais:
Incontinencia, cubica fea,
Sam as causas deste erro principais.
Scilla por hua mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho v.y.

OS LUSIADAS DE L' DE CA

Mas ja o Principe cl. ro, o vencimento,
Do p. i tr. st. & da inica māy leuana,
Lathe obedece a terra num momento,
Que primiro contri elle pelejua:
Porem ven ilo de Ira o entendimento,
A māy em ferros asp. eros ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breue
Tanta veneraçam aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresi,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nem hum trab ilho agraua, ou pesa:
En trabalho cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa
Nam si contrata furia se sustentaz
Mas o inimigo asperimo affugentia.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimaraes está cercado,
De infinito poder, que dest'a forte,
Foy refazerse o inimigo magoado:
Mas com se offerecer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podera ser perdido,
Segundo estaua mal apercebido.

Mas

CANTO TERCEIRO.

44

Mas o leal vassallo conhecendo,
 Que seu senhor nam tinha respeito,
 Se vay ao Castelhano, prometendo,
 Que elle faria darlhe obediencia.
 Leuanta o inimigo o cerco horrundo,
 Fiado na promessa, & consciencia
 De Egas Moniz: mas num consente o peito
 Do moço illustre, a outrem ser freguizo.

Chegando tinha o prazo prometido,
 Em que o Rei Castelhano já aguardava,
 Que o Principe o seu mando simetido,
 Lhe desse a obediencia que esperava.
 Vendo Egas, que fia a fementido,
 O que delle Castella nam ciudava,
 Determina de dar a doce vida,
 A troco da palaura mal comprida:

E com seus filhos & molher se parte,
 A aleuantar co elles a fiança,
 Descalços, & despidos, de tal arte,
 Que mais moue a piedade que a vingança:
 Se pretendes Rei alto de vingarte,
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis aqui venho offereci-lo,
 A te pagar co a vida o prometido.

E 4

Ves

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos sem peccado, & da conforte,
Se a peitos generosos, & excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes,
Nellas sós expri nenta, toda forte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Quil diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinalo,
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fin que a Ira a piedade.

O grão fidelidade Portuzesa,
De vassallo que a tanto se obrigaua,
Que mais o Persa fez naquelle empresa,
Onde rosto & narizes se cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizen lo suspiraua,
Que mais o seu Zopiro são prezara,
Que vinte Babilonijs que tomara.

Mas

CANTO TERCEIRO. 45

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,
O Lusitano exercito ditofo,
Contra o Mouro que as terras habitava,
Dalem do claro Tejo deleitoso:
Ia no campo de Ouriz que se assentava,
O arraial soberbo e belicoso:
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tam pequeno.

Em nenhā outra coufa confiado,
Senam no summo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que pera hum so cem Mouros aueria.
Iulga qualquer juyzo fossegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hum caualleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Sequem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a fermoza e forte Dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudaram
E as que o Termodonte ja gostaram.

A matutina

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A matuina luz sirena, & fria,
As estrelas do Polo ja apartaua,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrundo se a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fè todo inflamado assi gritaua.
Aos infieis Senhor, aos infieis,
Enamany que uejo o que jodeis,

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguese, inflamados leuantauam,
Por seu Rei natural, este excellente
Principe, que do pecto tanto amauam:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocauam:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pula montanha o rabido Mobsa,
Contra o Touro remete, que fiado
Na fer, a está do curvo temurado:
Ora pega na orelha, trano lado,
Latindo mais ligero que fois so,
Que em fim von pindubhe a gorganta,
Do brano a forga berrenda se quelranta.

Tal

CANTO TERCEIRO.

Tal do Reino ou, o estamago acendido,
Por Deos, & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente;
Levantam nist, os perros o larião
Dos gritos, tocam a arnia, ferue a gente,
As lâncias & arcos tomão, tubas fôjo,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando;
A pastoral companha, que deitada
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se ateá,
Recolhe o fato, & fuge pera a aldea.

Desta vrté o Monro atonito & toruado,
Toma sem tento as armas muy de pressa
Nam foge: mas espera confiado,
E o oíñere belligeró arremessá:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lâncias lhe atraueffa.
Hus caem meios mortos, & outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer húa alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amôstrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & feroços,
Por toda a parte andava acisa a guerra:
Mas o de Luso, armes, corraça & malha,
Rompe, corta, desfaz, abola & talha..

Cabeças pelo campo vam saltando,
Bracos, pernas, sem dor & sem sentido;
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido.
Ja perde o campo o exercito nefando
Correm rios de sangue despartido
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornando carnes de branco & verde..

Ja fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os trofeos & presa rica,
Desbaratado & vito o Maestro Hispano,
Tres dias o gran Rei no campo ficar;
Aqui pinta uan branco escudo de sara,
Que agora esta violoria certifica:
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em final desses cinco Reis vencidas.

U

E nestes

CANTO TERCEIRO.

47

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Escreuendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero comprido:
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passida
Era esta gran victoria, o Rei sobido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sojugada
Foy juntamente: & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
E nas ferras da Lúa conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vân fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E tu nobre Lixboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acisa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste aa força Portuguesa:
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Breais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, e do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tençam sancta erzo partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affenso unidos:
Cuja alta fama antam subia arreios,
Foy posto cerco aos muros Vlyssenos.

Cinco vezes a Lúa se escondéra,
E outras tantas mostrara cheio o roslo,
Quando a Cidade entrada se rendera,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto.
Foy a batalla tam sanguina e fera,
Quanto obrigaua o firme presuposto:
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos, ja desesperados.

Desta

CANTO TERCEIRO:

48

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos ja passados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.
E em fim co Betis tanto algum podèram,
Que aa terra de Vandalia nome dèram.

Que cidade tam forte , por ventura
Auera que resista , se Lisboa
Nam pode resistir aa força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer , por onde soa
O tom das frecas agoas, entre as pedras,
Que murmurando laua, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras transtaganas,
Affamidas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis aas forças mais que humanas,
Entregandolhe os muros & os poderes.
E tu laurador Mouro , que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
Que Elvas, & Moura, & Serpa conhecidas
E Alcaçare do sal , estam rendidas.

Eis

OS LYSTADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argenta,
Vem sostentar de longo a terra & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Mos ares se aleuantam nobremente.
Obedeço, por meio & ouſadia
De Giraldo, que medos nam temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancoso deſtruida,
Affonso que nam ſabe fofegar,
Por eſtender co a fama a curta vida:
Nam ſelhe pode muito ſoſtentar
A Cidade: mas ſendo ja rendida,
Em toda a coufa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura eſpada.

Com eſtas ſujugada ſoy Polmella,
E a piscoſa Cizimbra, & juntamente
Sendo ajudado mais de ſua eſtrella
Desbarata hum exercito potente:
Santio o a Villa, & vio o a ſerra della,
Que a ſocorrella vinha diligente.
Pela fralda da ſerra deſcnydado,
Do temeroſo encontro inopinado,

O Rei

CANTO TERCEIRO. 49

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil canellos furiosos,
Innumeros fiões, darmas & de ouro
Guarnecidos, guerreiros & lusitíos:
Mas qual no mes de Maio o bravo Louro
Cos ciumes da vaca, arrecofoso,
Sentindo gente o bruto & cego amante
Saltea o desciudado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado
Na gente da, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba dinodado,
Foge o Rei Mouro, & so da vida cura;
Dum Panico terror todo asombrado,
So de seguitlo o exercito procura.
Sendo estes que fizeram tanto aballo,
Nomais que so se senta de cauallo.

Logo segue a vitoria sem tardança,
O gran Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja viança
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu deseo, pelejando
Com tanto esforço & erie, & valentia,
Que a faz fazer aas outras compagnias.

G Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

M' o alto Deos, que per a longe guarda,
O castigo da quelle que o merece,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem nam conbece
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece.
Azora lhe nam diixa ter defesa,
Da maldiçam da mui que estaua presa.

Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Por que a conquista della lhe tomara,
De Lião sen lo, & nam dos Portugueses:
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso,
A batalha onde foy vencido & preso.

O famoso pompeyo nam te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Bootes gellado, & a linha ardente,
Temessimo o teu nome geralmente.

Posto

CANTO TERCEIRO. 50

Posto que arica Arabia, & que os ferozes
Enicos, & Colcos, cuja fama
O reo dourado estende : & os Capadoces,
E Iudea, que hum Deos adora & ama,
E que o molles Sofenes, & os Atroces,
Silicios, com a Armenia, que derrama,
As agoas dos doux Rios, cuja fonte
Está noutro mais alto & sancio Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
Ate o Scitico Touro, monte erguido
Ja vencedor te visem, nam te espante
Se o campo Emathio so te vio vencido,
Porque Afonso veras soberbo & ouante
Tudo render, & ser despois rendido.
Assi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do diuino juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado.
E despois que do Martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado.
Do sacro promontorio conhecido
Aa cidade Vlyssea foy trazido.

OS LIVSIADAS DE I. DE CAS

Porque leuaſſe auante ſeu deſiſo,
Ao forte filho manda o laſſo velho,
Que as terras fe paſſaffe da lentejo,
Com gente, & co beligero aparelhos;
Sancho, deſforço & danimo ſobejo,
Auante piffa, & faz correr vermelho;
O rio que ſenilha vay regando,
Co ſangue Mauro, barbaro & nefando.

E com esta viçtoria cobiçoso,
Ia nam descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroſo
No barbaro que tem cercado Beja.
Nam tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deſeja.
Aſſi eſtragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem ſua eſperança.

Ia ſe ajuntam do monte, a quem Meduſa
O corpo fez perder, que teve o Ceo:
Ia vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tingue que aſſento foy de Anteo.
O morador de Abila nam ſe eſcufa,
Que tambem com ſuas armas ſe moueo:
Ao ſom da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Luba.

Entraua

CANTO TERCEIRO.

33

Entraua com toda esta companhia,
O Miralmonini em Portugal,
Treze Reis mouros leua de valia,
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem nam lhe soccede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
Nam lhe aproueita ja trabuco horrendo,
Mina secreta, Ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, nam perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo prouè com animo & prudencia,
Que em toda a parte ha esforço & resistencia.

Mas o velho a quem tinham ja obrigado
Os trabalhos annos ao sossego,
Estando na cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que nam perde a presteza coa idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CASA

E co a famosa gente à guerra vsada,
Vay socorver o filho, & assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda está qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cauallos, jaezes, presarica,
De seus senhores martos chea fica:

Logo todo o restante se partiu,
De Lusitania, postos em fugida;
O Miralmomini so nam fugio,
Porque antes de fogir lhe foge a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão louvores & graças sem medida:
Que em casos tam estranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triunfaua,
O velho Affonso, Principe sobido,
Quando quem tudo em fin vencendo andava,
Da larga, & muita idade foy vencido,
A palida doençalhe tocaua,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagaráo seus annos desse geito,
Aa triste Libitina seu dereito.

Os altos

CANTO TERCEIRO

Os altos promontorios o chorarão,
E dos rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargarão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficará
Imitando seu pay na valontia,
E que em sua vida ja se exprimentará,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratára,
Do Ismaelite Rei de Andaluzia.
E mais quando os que Beja em vão cercarão
Os golpes de seu braço em si prouarão.

Despois que foy por Rei aleuantado,
Auendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silues tem cercado,
Cujos campos o barbaro lauraua:
Foy das valentes gentes ajudado,
Da Germanica armada que passava:
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Iudea ja perdida.

OS LUSIADAS DE L. DE CAMOENSES

Passauam a ajudar na sancta empresa,

O roxo Federico, que moueo

O poderoso exercito, em defesa

Da cidade onde Christo padecio,

Quando Guido co a gente em sede acefa,

Ao grande Saladino se rendeo:

No lugar onde aos Mouros subejauam,

As agoas que os de guido di sejauam.

Mas a fermoſa armada, que viera

Por contraste de vento, aaquellea parte

Sancho quis ajudar na guerra fira,

Ia que em seruço vay, do sancto Marte

Assi, como a seu pay acontecerá,

Quando tomou Lixboa, da mesma arte,

Do Germano ajudado Silves toma,

E o brauo morador deſtrue e doma.

E fe tantos tropheos do Mahometo,

Aleuantando vay tambem do forte

Liones, nam consente estar quieia

A terra vſada aos caſos de Mauorte:

Ate que na ceruiz seu jugo meta

Da soberba Tui, que a mesma forte,

Vio ter a muitas villas ſuas vizinhas

Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

CANTO TERCEIRO.

33

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica erdeiro,
Hum filho seu de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rei terceir
No tempo d'Este, aos Mauros foi tomado
Alcacere do sal por derradeiro:
Por que dantes os Mouros o tomáram,
Mas agora esfriuidos o pagaram.

Morto despois Affo su lhe succede
Sancho segundo, manso & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quē mandava era mandado,
De gouernar o Reino que outro pede,
Por causa dos priuados foi priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Nam era Sancho nam tam desonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & despois horrendo incesto,
Com a māy Agripina cometia:
Nem tam cruel aas gentes & molesto,
Que a cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mao como foi Helio gatāo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Nemerão pono seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos;
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei nam obedece, nem consente,
Que nam for mais que tudo excellente.

Por esta causa o Reino gouernou;
O Conde Bolonhes, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Nam cabe o aleuio peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe forá
Em casamento dada, grande parte,
Recuperá co braço, & deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Esse de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a naçam forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

CANTO TERCEIRO. 51

Eis despois vem Dinis, que bem parece,
Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberdade Alexandrina.
Coesce o Reino prospero florece,
(Alcançada ja a paz aurea divina)
Em constituições, leis & costumes,
Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitarse,
O valeroso officio de Minerua,
E de Heliconia as Musas fez passarre.
Apesar de Mondego a fertil errua:
Quanto pode de Athenas desejarre,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
Aqui as capellas da tecidas de ouro,
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas despois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias ja maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso: mas forte & excellente.
Este

OS LUSTADAS DE LI DE CAI

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito despezou firme & sereno,
Porque nam he das forças Lusitanas,
Temer poler maior, por mais pequeno:
Mas prem quando as gentes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno,
Entraram pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta
Veio os campos Idaôpicos enchendo,
Nem Atila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo.
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Saraceno barbaro estupendo,
Co poder excessivo de Grânaada
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

E vendo o Rei sublime Castelhano,
A força inexpugnabil, grande & forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Ja perdido húa vez, que a propria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandaua a caríssima conforto,
Mulher de quem a manda, & filha amada
Daquelle a cujo Reino foy mandada.

Entraua

CANTO TERCEIRO.

33

Entraua a fermosissima Maria,
Pulos paternais paços sublimados;
Lindo o gesto: mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados;
O cabellos Angelicos trazia,
Pelos heburieos hombros espalhados;
Diante do pay ledo, que a agafalha,
Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio
De Africa toda gente fira & estranha,
O gran Rei de Marrocos con luzio
Pera vir possuir a nobre Espinha:
Poder taminho junto nam se vio,
Despois que o falso Mar a terra banha;
Trazem ferocidade, & furor tanto,
Que a viuos medo, & a mortos faz espirito.

Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe està, da Maura espada,
E se nam for contigo socorrido,
Verme as delle & do Reino ser priuado;
Viua & triste, & poita em vida escura,
Sem marido, sem Reino, & sem ventura.
Portanto

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Portanto, ô Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castelli.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor assilla:
Acude & corre pay, que se nam corres,
Pode ser que nam aches quem socores.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pediu,
Pera Eneas seu filho, nauegando
Que a tanta piedade o comouia,
Que caido das mãos o rayo infando.
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pejândolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja ços esquadões da gente armada,
Os Eborense campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vam rinchando os cauallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações na paz acostumados:
Vay ás fulgentes armas incitando
Pelos concuvidades retumbando.

Entre

CANTO TERCEIRO.

55

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leus o collo aleuantado,
E somente co g^r St^r esforça & anima,
A qualquer coraçam amebrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estam de frônte
Da grande multidam da cega gente,
Pera quem sⁱm pequenos campo & monte.
Nam ha peito tam alto & tam potente,
Que de desconfiança nam se afonte
Em quanto num conheça, & claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estam de Agir os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
As terras como suas repartindo,
Ante mão, ante o exercito Agarenos:
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assi também com falsa conta & nua,
Aa nobre terra albea chamam sua.

Qual

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Qual o membrudo e barbudo Gigante,
Do Rei Saul, com causa tam temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas e arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desfogana,
Quanto mais pode a Fé que a força humana;

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e nam entend;
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico se rende.
Co ell o Castelhano, e com destreza
De Marrocos o Rei comete e offende,
O Portugues que tudo estimava em nada;
Se faz timer ao Reino de Granada.

Eis as lanças e espadas reteniam;
Por cima das arneses, bravo estrago;
Chimão (segundo as leis que ali feguam,) —
Hús Mafomed, e os outros Saneliago,
Os feridos com grita ao Ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogauam,
Quando do ferro as vidas escapauam.

Com

CANTO TERCEIRO.

37

Com esforço tamанho estrue e mata,
O Luſo ao Granadil, que em pouco eſpaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda nam bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao brauo Castelhano,
Que pelejando eſtā co Mauritano.

La ſe bia o Sol ardente recollendo,
Pera a caſa de Thetis, e inclido;
Pera o Ponente o vefpero trazendo,
Eſtaua o claro dia memorado,
Quādo o poder do Mauro grande e horrēdo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade, que a memoria,
Nunca no mundo viu tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neſſe uencimento,
Quando as agoas co ſangue do aduersario
Fez beber ao exercito ſedento,
Nem o Peno aſperíſſimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tantos matou da illufbre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

H E ſe

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se tu tantas almas fo podesse,
Mandar ao Reino escuro de Cocito;
Quando a sancta Cidade desfizesse
Di, pouo pertinaz no auizo rito:
Permissam o vinzanga foy celeste,
Enam força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois de IESV certificado.

Passada est a tam prospéra viçtoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quantas soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, o dino da memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da misera, o mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste canfa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
E por que queres a spero e tirano
Tuas aras banhar em sangue humano:

Estanas

CANTO TERCEIRO

38

Estantas linda Ines posta em soego

De teus annos , colhendo doce fructo ,
Naquelle engano da alma , ledo & cego ,
Que a fortuna nam deixa durar muito ,
Nos faudosos campos do Mon.lego ,
De teus fermosos olhos nunca enxuto ,
Aos montes insinando , & às eruínhas
O nome que no peito escripto tinhas .

Do teu Principe ali te r. spondiam ,
As lembranças que na alma lhe incrauão ,
Que sempre ante seus olhos te traziam ,
Quando dos teus fermosos se apartauão
Denoite em doces sonhos , que mentiam ,
De dia em pensamentos que voauão .
E quanto em fim cuidava , & quanto via ,
Eram tudo memorias de alegria .

De outras bellas senhoras , & Princesas ,
Os desejados talamos engeita ,
Que tudo em fim , tu puro amor desprezas ,
Quando hum gesto suave te sogeita :
Vendo estas namoradas estranhezas ,
O velho pay jesudo , que respeita
O murmurar do povo & a fantasia
Do filho , que casar se nam queria .

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Tirar Ines ao mundo determina,

Por lhe tirar o filho que tem preso,

Crendo co sangue so da morte indina;

Mutar do fir me amor o fogo acefo:

Que furor consentio, que a espada fina;

Que pide sustentar o grande peso

Do furor Muro, fosse aleuantada,

Contra hua fraca doma delicada

Traziam aos horrificos alvozes,

Anie o Rei, ja mouido a piedade;

Mas o pouo com falsas, e firozes

Razões, aa morte crua o persuade:

Ella com tristes e piadosas vozes,

Saidas so da magoa, e saudade

Do seu Principe, e filhos que deixaua

Que mais que a propria morte a magoava.

Perso Ceo cristalino aleuantando,

Com lagrimas os olhos piadosos,

Os olhos, por que as mãos lhe estaua atando;

Hum dos duros ministros rigurosos:

E despois nos mininos atentando,

Que tam queridos tinha, e tam mimosos,

Cuja orfindade como māy temia,

Perao auô cruel asti dizia,

Seja

CANTO TERCEIRO. 59

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
Enas aues grestes, que soniente
Na rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas criauças vio a gente,
Terem tam piadoso sentimento,
Como co a māy de Nino ja mostrārāo,
E cosyrnāos que Roma edificaram.

O tu que tēs de humano o gesto e o peito,
(Se de humano te, matar hūa donzella
Fraca e sen força, só por ter subjeita
O coraçam, a quem forte venusta.)
A estas criancínhas tem respeito,
Pois o nam tēs aa morte escura della,
Mouate a piedade sua e minha,
Pois te nam moue a culpa que nam tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem pera perdella nam fez erro:
Mas se io assi merece esta inocencia,
Poem me em perpetuo e misero deserto,
Na Scitja fria, ou la na Lybia ardente,
Onde em lugr imas viaa eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Poemme onde se vse toda a feridade,
Entre Lioes, & Tigres, & verey
Se nelles acabar posso a piedade
Que entre peitos humanos nam achey:
Ali co amor intrinseco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas riliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da may triste.

Queria perdoar lhe o Rei benigno,
Motido das palauras que o mazoão:
Mas o pertinaz pouo, & seu destino
(Que desta forte o quis) lhe nam perdoão,
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra húa dama, ó peitos carniceiros
Feros vos mostrais, & caualleiros.

Qual contra a linda moça Policena,
Confolaçam extrema da may velha,
Porque a sombra de Achiles a condena;
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente, & mansa ouelha)
Na miser: may postos, que endoudece
Ao duro sacrificio se offerege.

Tais

CANTO TERCEIRO · 36

Tais contra Inès os brutos matadores,
No colo de alabastro, que jofinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha:
As espadas banhando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçauam, feruidos & yrofos,
No futuro castigo nam cuidosos.

Bem poderas, ô Sol, da vista destes
Teus rayos apartar aquelle dia,
Como da sua mesa de Tyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia:
Vos, ô concauos valles que podestes,
A voz extrema ouuir da boca fria
O nome do seu Pedro que ouuistes,
Por muito grande espaço repetistes.

Afí como a bonina que cortada,
Antes do tempo foy, candida & bella,
Sendo das mãos laciñas mal tratada,
Da minina que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
Tal està morta a palida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca & viua cor, co a doce vida.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eternam fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que int'la durs,
Dos amores de Ines que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Quelagrimas fiam a agoa, & o nome amores.

Não correu muito tempo que a vingança
Nam visse Pedro das mortais ferulas,
Que em tomendo do Reino a gouernança,
Atomou dos fugidos humicidas:
Do outro Pedro cruiíssimo os alcançá,
Que ambos immigrou das humanas vidas,
O concerto fizeram duro & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,
De latrocínios, mortes & adulterios,
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,
Eram os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando aa morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.

Do justo

CANTO TERCEIRO. 68

Do justo & duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconserto)
Remisso, & sem cuidado algum Fernando,
Que todo o Reino pos em muito aperto
Que vindo o Castellano deuastando
As terras sem defesa, estende perto
De destruirse o Reino totalmente,
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente

Ou foy castigo claro do peccado,
De tirar Lianor a seu marido,
E casarse com ella de enleuado,
Num falso parecer mal entendido:
Ou foy que o coraçam sogeito, & dado
Ao vicio vil, de quem se viu rendido,
Molle se fez, & fraco, & bem parece
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quis, & permitio:
Os que foram roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David Sancio se condena?
Ou quem o Tribo illustre destruio
De Benjimin? bem claro nolo insina,
Por Sarra Faraõ, Schem por Dina.

E pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Omfale andava transformado,
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleopatra affeçoado:
Tu tam[ém] Peno prospero o sentiste,
Despois que húa moça vil na Apulia viste,

Mas quem pode liurar se por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas & a neue humana pura,
O ouro, & o labastro transparente
Quem de húa peregrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coraçam conuerte que tem preso,
Em pedra nam: mas em desejo aceço.

Quem viu hum olhar seguro, hum gesto brando
Húa suave & Angelica exelencia,
Que em si está sempre as almas trâformado
Que tivesse contra ella resistencia:
Desculpado por certo está Fernando,
Pera quem tem de amor experiencia;
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muito mais culpada o julgaria.

Fim.

Canto Quarto.



*Despois de procello
sa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante
vento,
Traça manhaã serena claridade,
Esperança de porto, & saluamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleçeo.*

*Porque se muito os nossos desejaraõ,
Quem os danos & offensas va vingando,
Naquelles que tambem se apropriaõ,
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaraõ,
Ioanne sempre illustre aleuantando
Por Rei, como de Pedro unico erdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.*

Ser isto

, OS IVSTIADAS DE L. DE CA.

Ser isto ordenaçam dos ceos diuina,
Por finais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de húa minina;
Ante tempo falando o nomeou;
E como corsa em fim que o Ceo deslina,
No berço o corpo, & a voz aleuantou,
Portugal, Portugal, olçando a mão,
Disse, polo Rei novo Dom loão,

Alteradas entam do Reino as gentes,
Co odio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas & euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vāo amigos & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incentinencia desonestas
Mais (despois de viuua) manifesta,

Mas elle em fim com causa desunrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima & corre;
Quem como Afliana precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
quem nu por ruas & em pedacos feito.

Podenſe

CANTO QVARTO.

Podense por em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Syla, quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano esti, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida famalho concede.
Com esta voz castella aleuantada,
Dizendo que esta filha ao pay succede:
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum brigo;
(Se foy) ja teue o nome diriuado
Das terras que Fernando, & que Rodrigo
Ganharam do tirano & Mauro estadio:
Nam estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente,
Cos Mouros fui nas armas excellente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Os Vandaloſ, na antiga valentia
Ainda confiados, ſe ajuntauam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lauam
A nobre Ilha também ſe apercebia,
Que antigamente os Tirios habitauam
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,
Cidade nobre & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suave & ledo,
Que das ferras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O furdidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
Aquellos, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro fe ennobreçe,
Armou delle, os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioanne

CANTO QVARTO.

Ioanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansam Hebreo da guedelha;
Posto que tudo pouco lhe parece
Cos poucos de seu Reino se aparelha;
E nam porque conselho lhe falece,
Cos principaes senhores se aconselha:
Mas so por ver das gentes as sentenças,
Que sempre onue entre muitos differenças,

Nam falta com razões quem desconferte,
Da opiniām de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desfada & ma deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte
que a propria & natural fidelidade
Negão o Rei & a patria, & se conuem:
Negaram (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
No forte dom Nuno aluarez: mas antes
Posto que em seus Irmãos tam claro o visse;
Reprouando as vontades inconstantes:
A aquellas duuidosas gentes disse,
Com palauras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, & nam facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,
Ha de auer quem refuse o patrio Marte?
Como, desta prouincia que príncesa
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de fair quem negue ter desfesa,
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver fogoito.

Como, nam sois vos inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros & valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Posseram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Prisos, afora a presa que tiuderam?

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agera vos,
Por Dinis & seu filho, sublimados
Se nam cos vossos sortes pais & avôs?
Pois se com seus discuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assivos pos,
Torne vos vossas forças o Reino nouo,
Se h' certo que ca Rei semuda o povo.

Rai

CANTO QVARTO. 63

Rei tendes tal, que se o valor tuerdes
Igual ao Rei que agora aleuantastes,
Desbarataresis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem ja desbaratas:
E se com isto em fin vos não mouerdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atay as mãos a vossa vão receio,
Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassalos, & com esta;
(E dizendo isto arranca mea espada)
Defenderey da força dura, & infesta
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rei, da patria mestra,
Da lealdade ja por vos negada,
Vencerey (nam so estes aduersarios.)
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Camisio, reliquias sós de Canas,
Ja pera se entregar quasi mouidos
A fortuna das forças Affricanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas, nam deixarão em quanto a vida
Os nam deixar, ou nellas for perdida.

I Destarte

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Deslarta a gente força, e a força Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caíalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessoēs,
Vão correndo e gritando a boca aberta,
Viu o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hús aprovam
A guerra com que a patria se solinha,
Hús as armas alimpão e renouam,
Que a ferrugem da paz glorificadas tinham:
Cipacetes estafam, peitos protião,
Arma se cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

Com toda esta lustrofa companhia,
D'anne forte sie da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo bogra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conta
Com que passava Xerxes o Helepongto:

Dona

CANTO QVARTO. 68

Dom Nuno Aluarez digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o forte Huno o foy primeiro
Pera Franceses, pera Italianos,
Outro tambem famoso caualleiro,
Que a ala dereita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandalos, & regelos,
Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
Antão vazquez de Almada he Capitão,
Que despois foy de Abranches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a festra mão,
Logo não retagoarda não se esconde,
Das quinas & castellos o pendão,
Com Ioanne Rey forte em toda parte,
Que esfurecendo o preço vay de Marte.

Estauam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas, & esposas
Prometendo jejús, & romarias:
Ia chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duuida concebem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alferezes volteiam as bandeiras
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Baco das vnas tira o doce mosto.

Deu final a trombeta Castelhana,
Horrento, fero, ingente, & temeroſo,
Ouvio o o monte Artabro, & Guadiana,
A tras tornou as ondas de medroſo:
Ouvio o Douro, & a terra transtagana,
Correuo ao mar o Tejo dumidoſo:
E as muis que o som terribil escutárao,
Aos peitos os filhinhos apertárao.

Quaneos roſtos ali se vem sem cor,
Que ao coraçam acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E ſonho he, pareceo, que o furor
De o ſenbir, ou veñcer o duro immigo,
Faz nān sentir, que he perda grāde & rara
Dus menibros corporais da vida cara.

Começafe

CANTO QVARTO

Começase a travar a incerta guerra,
De ambas partes se moue a primeira ala,
Hus leua a defensam da propria terra,
Outros as esperanças de ganhale:
Logo o gr.mde Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala
Derriba, & encótra, & a terra é fim femea
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

Le pelo espesso ar, os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão,
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cauallos, treme a terra, os vales soão:
Espedação se as lanças, & as frequentes
Quedas; co as duras armas tudo atroão.
Recre, em os inimigos sobre a pouca
Gente, do fero Nsuo que os apouca:

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
(Caso feo & cruel:) mas nam se espanta,
que menos he querer matar o yrmão,
quem contra o Rei & a patria se aleuanta:
Dostes arrenegados muitos sam,
No primeiro esquadrião, que se adianta
Contra yrmãos & parentes (caso estranho)
quaes nas guerras Luis de Julio Magno:

OS LUSIADAS DE L. DE GAI

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profana
Coraçam, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano,
Receberdes grauissimos castigos,
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algus tredores ouue algúas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vam:
Ela ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita estão fortissimo lião,
Que cercado se ve dos caualleiros,
Que os campos não correr de Tutuão,
Perseguemno com as lanças, & elle iroso
Toruado hú pouco está, mas nam medroso.

Com torua vista os vê, mas a natsura
Ferina, & a ira não lhe compadecem
Que as costas dè, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o caualleiro que a verdura
Tinge co sangue albejo, ali perecem
Algus dos seus, que o animo valente,
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio

CANTO QUARTO

Sentio Ioane afronta que passava
Nuno, que como sabio capitam,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras coraçam:
Qual parida Liao, fira e braua,
Que os filhos que no ninho fos estam
Sentio, que em quanto pasto lhe buscara.
O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre raiosa, e freme, e com bramidos,
Os montes sete Irmãos astroa e abala,
Tal Ioanne com outros escolhidos
Dos seus correndo acode na primeira ala:
O fortes companheiros, o subidos,
Canalleiros; a quem nenhum se ygoala,
Defendey vossas terras que a esperança
Da liberdade, està na vossa lança,

Vedes me aqui, Rey vosso, e companheiro
Que entre as lanças e setas, e os arneses
Dos inimigos corro, e vou primeiror
Pelejay verdadeiros Portugueses;
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopeando a lança quatro vezes,
Com força tira e deste unico tiro
Muitos lançarão o ultimo suspiro.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Porque eis os seus aceflos nouamente

Dhña nobre vergonha & honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente,
Perigos vencerá, do Marcio jogo
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Assí recebem junto, & dão feridas
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandam vero Estigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua,
O Mestre morre ali de Santiago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatrava,
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo & os fadas.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome

Vão, & tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Tr.fauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana,
Foy derribada os pés da Lusitana.

Agm

CANTO QUARTO

Aqui a fera batalha se encruce,
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas;
Ia as costas dam e as vidas : ja falece
O furor , e jobejam as lançadas,
Ia de Castella o Rey desbaratado
Se vee, e de seu propósito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor,
Contente de lhe nam deixar a vita,
Seguemno os que ficaram, e o temor
Lhe da nam pés , mas asas aa fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despandida,
Da magoa, da desonra , e triste nojo
De ver ourem triunfar de seu despojo.

Algus vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo
Outros a sede dura vão culpando
Do peito covarde e fitibundo:
Que por tomar o altheo, o miserando
Pouo auentura aas penas do profundo,
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos desdido.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

O vencedor Ioanne esteue os dias
Costumados no campo, em grande glorio
Com offertas despois, e romarias
Ai graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno que nam quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senam por armas sempre soberanas,
Perdidas terras se passa Transtaganas.

Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandulos fronteira
Lhe concede o desp'jo e o vencimento:
Ja de Siulha a Betica bandeira,
E de varios senhores num momento
Se lhe dorriba aos pés sem ter defesa.
Obrigados da força Portuguesa.

Destas e outras victorias longamente,
Estam os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz dijada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
D'espôs que quis o Padre omnipotente,
Dar os Reis ministros por maridos,
Asas duas Illustrissimas Ingl'sas,
Gentis, fermosas, inclitas príncipesas.

Nam

CANTO QUARTO. 176.

Não sofre o peito forte vñado aa guerra

Nam ter imigo ja a quem faça dano,

E assi nam tendo a quem vencer na terra

Vay cometer as ondas do Oceano;

Este he o primeiro Rey que se desterra.

Da patria, por fazer que o Africano,

Conheça pollas armas, quanto excede

A ley de Christo aa ley de Mofamede.

Eis mil nadantes aues polo argento

Da furiosa Tetis inquieta,

Abrindo as pandas asas vñao ao vento

Pera onde Alcides pos a extrema meta;

O monte Abila, & o nobre fundamento.

De Ceitacoma, & o corpe Mahometo.

Deixa fora, & segura toda Espanha

Da Iuliana, má, & desleal manha.

Nam consentio a morte tantos annos,

Que de Heroe tam dito se lograsse

Portugal, mas os coros soberanos

Do ceo supremo, quis que pouoasse:

Mas pera defensam dos Lusitanos

Deixou quem o leuou, quem gouernasse,

E aumentasse a terra mais que dantes,

Inclita geração, alios infantes.

Não

LOS LVSTA DAS DE L. DE CA

Não soy do Rey Duarte tam ditoſo,

O tempo que ficou na ſumma alieza,

Que aſſi vay alternando o tempo iraſo

O bem co mal, o goſto co a tristeza:

Quem vio ſempre hum eſtado deleitoſo?

Ou quem vio em fortuna auer firmeza?

Piu in da neste Reino, e neste Rey

Num vſouella tanto deſta ley.

Vio ſer capiuo o ſancho yrmão Fernando.

Que a tam altas empreſas aſpiraua,

Que por filuar o povo miſerando

Cercado, ao Sarraeno ſentregaua:

Só por amor da patria eſtā paſſando

A vidas de ſenhor a feita eſcrana;

Por nam ſe dar por elle a forte Ceifa

Mais o pubrico bem que o ſeu reſpeito.

Codro por que o inimigo não vencesſe,

Deixou antes vencer da morte a vida,

Regulo por que a patria nam perdeſſe,

Quis moia a liberdade ver perdida:

Este por que ſe Eſpanha nam temeſſe

A capiuuiro eterno ſe comida:

Codro, nem Gario, ouuido por eſpanto,

Nem os Deitos quai fizeram tanto.

Mas

CANTO QUARTO.

70

Mas Affonso do Reino vñico herdeiro,
Nome em armas dito so, em noſſa Hesperia
Que a soberba do barbaro fronteiro,
Tornou em baxa & humilima miseria,
Fora por certo inuiélo caualleiro,
Se nam quisera yr ver a terra Iberia:
Mas Africca dira ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Eſte pode colher as maçãs de ouro,
Que ſomente o Terintio colher pode,
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
A ceruiz inda agora nam facode:
Na fronte a palma leua, & o verde louro,
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcaçer forte villa,
Tangere populoſo, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaxarão de Diamante,
As Portuguesas forças coſtumadas,
A derribarem quanto acham diante,
Marauilhas em armas eſtremadas,
E de eſcriptura dinas elegante,
Fizeram caualleiros nela empreſa
Mais, affinando a fama Portuguesa.

Porem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Porem despois tocado de ambiçam,
E gloria de mandar amara e bella,
Vay cometer Fernando de Aragam,
Sobre o potente Reino de Castella,
Ajuntase a inimiga multidam,
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Nam quis ficar nos Reinos occioso,
O mancebo Ioanne, e logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que entam lhe soy ajuda não pequena,
Saiose em fim do tranço perigoso,
Com fronte nam toruada: mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidojo o vencimento,

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso caualleiro,
Nos contrarios fazendo imenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte soy vencido O Etauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram
Nos Philipicos campos se vingaram.

Porem

CANTO QVARTO.

71

Parem despias que a escura noite eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino entam gouerna,
Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
E le por auer fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Malha seus mensageiros que passaram
Espanha, França, Italia celebrada,
E la no illustre porto se embarcaram,
onde j' foy Partenope enterrada,
Napoles onde os fados se mostraram,
Fazendo a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegam,
Vãose aas praias de Rodes arenosas,
E dali aas ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno s'am famosas:
Vão a Menfis, & aas terras que se regão,
Das enchentes Niloticas vindosas,
Sobem aa Ethiopia, sobre Egípto,
Que de Christo la guarda o sancto rito.

Passam

OS LUSAIDAS DE L. DE CA.

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a māy do bello Adonis tanto honrou
Cercão , com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea , & a Deserta.

Entram no estreito Persico , onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria;
Dali vāo em demanda da ngoa pura,
Que causa inda sera de larga historia,
Do Indo, pellas ondas do Occeano,
Onde nam se atreuo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produze & cria,
Mas de vias tam asperas, tamanhas
Tornarse facilmente nam podia,
La morreram em fim, & la ficaram.
Que aa desejada patria nam tornaram.

Parece

CANTO QVARTO. 73

Parece que guardaua o claro Ceo

A Manoel, & seus merecimentos;
Esta empreza tam ardua, que o moueo
A subidos & illustres mouimentiros:
(Manoel, que a Ioanne soccedeo
No reino, & nos altiuos pensamentos)
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo;

O qual, como do nobre pensamento
Daquellea obrigaçam, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento,
Foy sempre acrecentar a terra chara)
Nam deixasse de ser hum so momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, & as estrelas nitidas que saem
A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas sam,
Revoluendo contino no conceito
De seu officio, & sangue a obrigaçam,
Os olhos lhe occupou o sonno aceito,
Sem lhe desoccupar o coraçam:
Porque tanto que lasso se adormece
Morseo en varias formas lhe aparece,

K Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Aqui se lhe apresenta que sabia
Tam alto que tocava aa prima Esphera
Donde diante varios mundos via
Naçoes de muita gente estranha, & fera:
E laa bem juntas donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos longinques & altos montes
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias
Pello monte selvatico habitauam,
Mil aruores sylvestres & eruis varias
O passo & o trato das gentes atalhauam:
Estas duras montanhais a luciferias,
De mais conuersacão, por si mostrauam
Que desque Alão peccou aos nossos annos
Nam as romperão nunca pés humanos.

Das aguas se lhe antolha que faião
Por elle os largos passus inclinando;
Dous homens, que muy velhos parecião
De aspeito, indi que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe faião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça & denegrida
A barba hirsuta, inconsa, mas comprido;

Dambos

CANTO QUARTO. 73

Danbos de deus a fronte coroada

Ramos n'ni conhecidos & eruastinha,
Hum delles o pr. s'nc' a tras cansada
Como quem de mais longe ali caminha,
E assi a agoa com impeto alvada
Parecia que d'utra p.arte vinha,
Bem como A'feo de Arcadia em Syracusa,
Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa

Destarte perao Rey de longe brada,
O tu a cujos reinos & coroa
Grande parte do mundo i'sta guardada,
Nos outros , cuj: fama tanto voa
Cuja ceruiz bem nunca foy domiada,
Te auisamos que he tempo que ja man.les
A receber de nos tributos gr.m.les.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra

Celeste, tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serr'a
Que vés, seu nascimento tem primeiros
Custartemos com tudo d'ra guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com nam vistas victori s, sem receyo,
A quantas gentes vés peras o freyo.

K 2

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Não disse mais o rio Illustre e^r sancto,
Mas ambos desparecem num momento,
Acorda Emanuel cum nouo e^r panto
E grande alteraçam de pensamento:
Estendeo nist o Febo o claro manto:
Pello escuro Emisperio somnolento:
Veyo a menham no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa e^r roxas flores.

Chama o Rei os sonhores a conselho,
E propoem lhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiraçam:
Determinam o nautico aparelho,
Perq que com sublime coraçam
Vaa a gente que mandar cortando os mares
A buscar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se posesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes coufas deste geito
Presago o coraçam me prometia:
Nam sey porque razão, porque respeito,
Ou porque bom final que em mi se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chaue
Desse cometimento grande, e^r grane-

Ecom

CANTO QVARTO. 78

E com raga & palavras amorosas
Que he hñ mñdo nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As coufas arduas & luctuosas
Se alcançam com trabalho & com fatigas,
Faz as pessoas altas & famosas,
A vida que se perde & que periga,
Que quando o medo infame não se rende
Então, se menos dura mais se estende.

Eu vos tenho entre os dedos escolhi lo
Para hñia empresa qual a vos se deue,
Trabalho illusire, duro & esclarecido,
O que eu sey que per mi vos sera leue:
Não se fri mais, mas logo: O Rey subido,
Auenturarme a ferro, a fogo, a neve,
Hetzam pouco por vos, que mais me pena
Ser esta vida coufa tam pequena.

Imaginay tam inhas auenturas
Quaes Euristeo a Alcides inuenta,
O lião Cleoneo, Arpias duras
O porco de Erimanto, a Ydra braua:
Decer em fim as sombras vans & escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava,
Porque a mayor perigo, a mõr affronta
Por vos, o Rey, o Spírito & carne he prõpta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Commerces sumptuosas me agardece,
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanhar me logo se offerece
Obrigado damor & damizade,
Não menos cobiçoso de honra & fama,
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia & de conselho
D'experiencia em armas & furor:
Ta de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valer,
Todos de grande reforço, & assi parece
Quem a tamanhas couzas se offerece,

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amio se apercebessem,
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos soccedessem:
Assi foram o Mynias ajuntados,
Pera que o veo dourado combatessem,
Na Futiliça nao, que oufou primeira
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E ja

CANTO QVARTO

76

E ja no porto da inclita Vliffsea,
Cum aluoroço nobre, & cum desejo,
(Onde o licor mestura & branca area
Co salgaao Neptuno o doce Tejo:))
As naos prestes estam, & não refrea
Temor nenhum o inuenil despejo,
Porque a gente maritima & a de Marte
Estam pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos fossegados,
On deão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no Olimpo estrelladas como a de Argos.

Despois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o sumo poder que a Etherea corte
Sostenta so coa vist i veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Partimoras offi do sancto templo,
Que nas Praias do mar està assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mundo d'ido:
Certificote, o Rey, que se contempro
Como fuy destas prayas apartado
Cheyo dentro de duvida & receyo,
Que a penas nos meus olhos ponho o freyo

A gente da cidade aquelle dia
(Hús por amigos, outros por parentes;
Outros por ver somente) concorria
Saudosos na vista, & descontentes:
E nos co.i virtuosas companhias
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tam longo caminbo & duuidofo,
Por perdidos as gentes nos julgauam
As mulheres cum choro piad fo,
Os homens com suspiros que arrancauam;
Mais, Esp fias, lrmás, que o temerofo
Amor mais desconfia, acrecentauam
A desesperaçam, & frio medo
Dejs nos nam tornar a ver tam cedo.

Qual

CANTO QVARTO. 77

Qual vay dizen lo : O filho a quem eu tinha
So pera r. fizerio, & doce emparo
Desta carisa ja velhice minha,
Que em choro acabara, penoso & amaro:
Porque me deixas, misera & mezquinha?
Porque de mi te vas, o filho charo
A fazer o funero enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

Qualem cabello: O doce & amado esposo
Sem quem nāo quis amor que viver possa;
Porque is auentur ir ao mar ir so
Essa vida que he minha, & nam he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a afeiçam tam doce nossa?
Nosso amor, nosso vāo contentamento,
Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palavras que diziam
De amor, & de piadosa humanidade,
Os velhos & os mininos os seguiam,
Em quem menos e forço poē a ydade:
Os montes de m iis perto respondiam
Quasi mouidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhauam,
Que em multidam coellas se igualauam.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos outros sem a vista aleuantarmos,
Nem a Māy, nem a Eſpoſa, neste eſtado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determiney de aſſi nos embarcarmos
Sem o despedimento custumado,
Que poſto que he de amor vfança boa
A quem ſe aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum porco aleuantando,
Que nos no mar ouiuimos claramente,
Cum ſaber ſó d'experiencias feyto
Tais palavras tirou do experto peito;

O gloria de mandar, o vaã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
O fraudulento goſto, que ſe atiça
Cūa aura popular, que honra ſe chama:
Que caſtigo tamанho & que juſtiça
Fazes no peito vāo que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueeldades nelles eſprimentas.

Dura

CANTO QVARTO.

78

Dura inquietãam da lma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, & de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo dina de infames vituperios,
Chamante Fama, & Gloria soberana,
Nomes com quem se o pono nescio engana.

A que nouos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminent?
Que promessas de reynos, & de minas
Douro, que lhe faras tam facilmente?
Que famas lhe prometeras, que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geraçam daquelle insano
Cujo peccado & desobediencia
Não somente do reino soberano
Te pos neste de sterro & triste ausencia:
Mas in la doutro estado mais que humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Idade douro tanto te priou
Que na de ferro & darmas te deitou.

OS LYSTADAS DE L. DE CA

La que nestla gosta, si vnsidade

*Tanto enleuas a leue fantasia,
La que aa bruta crueza & feridade
Pos. Ste nome esforço & valentia:
La que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que denia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto per della quem a dà.*

Não tens junto com ti o Ismaelite

*Com quem sempre teras guerras sobejass?
Não segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu polla de Christo fa pellejas?
Nam tem cidades mil, terra infinita
Se terras & riqueza mais desejas?
Nam be elle por armas esforçada
Se queres por victorias ser louuado;*

Deixa scrier aas portas o inimigo

*Por yres buscar outro de tam longe,
Por quem se despouoe o reino antigo
Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:
Buscas o incerto & incognito perigo
Porque a fama te exalte & te lisonge,
Chamando te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, & de Etiopia.
O maldito*

CANTO QVARTO.

79

O maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vellas pos em seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
Nunca juyzo algum alto & profundo,
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
Te de por isso fama, nem memoria:
Mas contigo se acabe o nome & a gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto milhor nos fora Prometeo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua Illustre nam tiuera
Fogo de altos desejos, que a mouera.

Nam cometera o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio
O grande Achiteclor co filho, dando
Hum, nome ao mar, & o outro fama ao rios
Nenhum cometimento alto & nefando
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
Deixa intentado a humana geraçam:
Misera sorte, estranha condiçao.

FIM.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Canto Quinto.



Stas sentenças tais
o velho honr do
Vociferando estaua, quando ab
rimos
As casas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos;
E como he ja no mar custume vsado
A vella desfraldando o ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o vsado monumento;

Entrava neste tempo o eterno lume,
No animal Nemeyo truculento,
E o mundo que com tempo se consumê
Na seista idade an lava e firmo & lento;
Nella ve, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa & sete, em que corria
Quando no mar a armada se estendia.

1aq

CANTO QUINTO

La a vista pouco & pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficauam,
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
De Sintra, & nelli os olhos se alongauam:
Ficauam tambem n' amada terra
O coraçam, que as maznas lá deixauam,
E ja despois que toda se escondeo
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geraçam algua nam akrio,
As nouas ilhas vendeo & os nouos ares,
Que o gener so Enrique descobrio
De Mauritania os montes & lugares
Terra que Anteo num tempo possuyo,
Deyxando aa mão e zquerda, que aa dereita
Não ha certeza d' iuria, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira
Que do muito aruoredio ass: se chama,
Das que nos pouoamos, a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe auenta jão quantas Venus ama,
Antes fendo esta sua se esquecera
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythera.

Deixamos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Deixamos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as eruas do campo bem lhe abastão;
A terra a nenhum fruto em fim desposta,
Onde as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas laua e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canarias ilhas
Que tiverão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas
Terras por onde nouas marauilhas
Andaram vendo jaas nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella

CANTO QUINTO. 81

A aquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos inouros brauo estragoz.
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tos havinos a cortar o immenso lagô,
Do salgado Oceano, e assi deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que fuaua ao Oriente
A provincia Ialofu, que reparte
Por diversas nações a negra gente:
A muy grande Mandinga, por cuya arte,
Logramos o metal rico e lucente,
Que do curuo Gambea as agoas bebe
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Doreadas passamos, ponoadas
Das Irmãas, que outro tempo ali vivião;
Que de vista total sendo priuadas
Todas tres dum jo olho se servião:
Tu jo, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno la nas agoas acendião,
Tornada ja de todas a mais fea
De binoras encheste a ardente area.

L Sempre

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Sempre em fin peras Auſt'ro a aguda proa
No grandissimo golſio nos metemos,
Deixando a ferra aſprrima Lyoa
Co Cato i quem das Palmas nome demos:
O grande río, onde batendo foa
O mar na praias notaſ, que alitemos,
Fouou, co a Ilha iluſtre que tomou
O nome d'bum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno está de Congo
Por nós ja conuertido á fe de Christo;
Por onde o Zaire piffaclaro e longo
Rio pelllos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fin me alongo
Do conhecido pollu de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia descuberto tinhamos diante
La no nouo Hemisferio noua estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Algūs tempos esteue incerta della:
Vim'os a parte menos rutilante
E por falta deſtrellis menos bella,
Do Polo fixo, ondeinda ſe nam ſabe
Que outraterra comece, ou mar acabe.

Aſſi

CANTO QUINTO

82

A si passando aquellas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous invernos fazendo e dous verões
Em quanto corre d'hum ao outro Ponto;
Por cabras, por tormentas e opressões
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Vrásas a pesar de luno
Banharem-se nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem;
Subitas trouoadas, temerosas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem;
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que surfe a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros
Que tem per meltra a longa experiençia;
Contão por certo, sempre e verdadeiros
Iulgando as cousas so polla aparencia;
E que os que tem juizos mais inteiros
Que so por puro engenho e por ciencia;
Vem do mundo, os segredos escondidos
Iulgão por falsos, ou malentendidos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vi claramente visto o lume viuo

Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiuo
De tempestade escura & triste pranto:
Não menos foy a todos eccessiuo
Milagre, & consacerto de alto espanto,
Ver as nuuës do mar com largo cano
Soruer as glas agoas tho Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo)

Que a vista me enganaua) leuantarfe,
No ar hum vaporzinho & futil fumo
E do vento trazido, rodearfe:
De aqui levado hum cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergarfe
Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuuës parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando

E mais que hum largo masto se engrossaua
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em sichupaua:
Estaua se co as ondas ondeando,
Encima delle hua muuem se espessaua,
Fazendose mayor, mais carregada
Co cargo grande dagoa em si tomada.

Qual

CANTO QVINTO.

83

Qual roxa sangue suga se veria
Nos beixos da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
Chupando mais & mais se engrossa & cria,
Ali se enche & se alarga grandemente,
Tal a grande coluna, enchendo aumenta
A si, & a nnuem negra que susienta.

Mas despois que de todo se fartou
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pello ceo chouendo em fim voou
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
As ondas torna as ondas que comose:
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejão agora os sabios na escriptura
Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passaram
A tam diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixaram
Que influçam de finos & de estrellas,
Que estranhezas, que grandes qualidades,
E tudo sem mentir, puras verdades.

L 3 Mas

OS LVSTIADAS DE L. DE CAI

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Azora meyo rosto, agora intiero
Mostrará, em quâto o mar cortaua a armada
Quando da Ete e ganea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra brada,
Salta no bordo alar roçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A mancira de nunés se começam
A descubrir os montes que enxergamos;
As ancoras pesadas se adereçam,
As vellas ja chegados amainamos;
E pera que mais certas se conheçam
As partes tam remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuençam de futil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaceosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro pouo nam pison:
Porem eu co-pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

CANTO QUINTO . 34

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro pexe a grande meta,
Estando entre elle & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus compinheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomara per forca, em quanto apanha
De melos doces fauos na montanha.

Tornado vem na vila, como aquelle
Que nam se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Selvagem mais que o bruto Polifemo:
Comecolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto semouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos
Contas de Christalino transparente,
Alguns soantes cascaucis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por finais & por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mando o soltar com tudo & assi caminha
Pera a povoação, que perto tinha.

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nus, e dacer da escura treua,
Descendo pellor asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domésticos ja tanto e companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sunlo hun grande espaço ja passado,
Em que algum bom final sáber procure:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureyro, eis pello monte duro
Aparece, e segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelhe foy de pressa
Pollo tomar, mas ntes que chegasse,
Hum Etiope onfido se arremessa
A elle, por que na ns: lhe escapasse:
Outro e outro lhe saem: vesse em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto
Se mostrabun bando negro descuberto.

CANTO QUINTO. 35

Da espessa nuem setas & pedradas
Chouem sobre nos outros sem medida;
Enam foram ao vento em vão deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
A reposta lhe demos tam tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cur vermelha leuão desta feita.

Esendo ja Vell so em saluamento
Logo nos recolhemos para a arinada,
Vendo a maliciosa fea & rudo intento
Da gente bestial, bruta & maluada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos indi muito longe della
E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse entam a Vell so hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de decer que de subir:
Si he, responde o ouvido aventureiro
Mas quando eu para ca vi tanta vir,
Daquelles cães, de pressa hum pouco vím
Por me lembrar que esfauci, ca sem mim.

Contou

OS LUSIADAS DE L. DE CAE

Contou entam que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo;
Auante mais passar o nam deixaram,
Querendo, se não torna, ali matallo;
E tornando se, logo se emboscaram
Porque saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes eram passados
Que dali nos partiram, cortando
Os mares nunca dos trem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando húa noite estando desciuidados
Na cortadora proa Vigando
Húa nuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pos nos corações hum grande medo;
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vāo nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada
Que ameaço diuino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta;
Que mōr coufa parece que tormenta?

Não

CANTO QUINTO:

88

Não acabava, quando húa figura

Se n̄is mostra no ar, robusta e valida,
De disfor ne e gran lissima estatura,
O rosto carregido, a barba es qualida:
Os olhos encaudados, e a postura
Medonha e maa, e a cor terrena e palida
Cheia de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem passo
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo:
Cum to de voz nos falla horrendo e groppo
Que pareceo fair do mar profundo,
Arrepião se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, soa de ouuillo e vello.

E disse: O gente oufada mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, taes e tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares oufas,
Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho
Nunca arados desfranho, ou proprio lenho.

Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humilio elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu soejo atreuimento,
Por todo o largo mar & pola terra
Queinda bas de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas
Inimiga teram esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimproviso tal castigo
Que seja mõr o dano que o perigo:

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio suma vingança;
Enam se acabará so nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

CANTO QVINTO.

87

E do primeiro Illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serey eterna & noua sepultura
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porà da Turca armada dura
Os soberbos & prospéros tropheos,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombasa.

Outro tambem virá de honrada fama
Liberal, caualeiro, enamorado
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por gram merce lhe terá dado:
Triste ventura, & negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro & yrado,
Os deixará dhum crù naufragio viuos
Pera verem trabalhos ecceſſuos.

Verão morrer com fome os filhos charos
Em tanto amor gérados & nacidos,
Verão os Cafres asperos & auaros
Tirar aa linda dama seus vestidos.
Os cristalinos membros & perclaros
Aa calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pisada longamente
Cos delicados pés a area ardente.

E verão

OS LUSTIADAS DE L. DE CA

*E virão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miserros ficarem
Na feruida e implacabil espessura;
Ali despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas soltaram
Da fermosa e miserrima prisam.*

*Mais bia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alcado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem marabilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espirtoso e grande brado,
Me respondeo, com voz pesada e amara
Como quem da pregunta lhe pesara.*

*Eu sou aquelle occulto e gran le Cabo
A quem chamais vos outros Tormentorio,
Que noca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram fuy notorioz.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nnica visto Promontorio,
Que pers o Polo Antartico se estende
A quem vossa onusadia tanto offende.*

Fug

CANTO QVINTO.

88

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano;
Chameime A la naftor, & fuy na guerra
Contra o que vibrò os rayos de Vulcano:
Nam que posse ferra sobre ferra
Mas conquist undo as ondas do Occeano,
Fuy capitam do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta espoſa de Peleo

Me fizerão tornar tamanha empreſa,
Todas as Deoſas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princesas:
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sair nua na praya, & logo presa,
A vontade finti, de tal maneira
Que in la não finto couſa que mais queira.

Como fuisse couſa impossibil alcançalla
Polla grandeza ſea de meu geſto,
Determiney por armas de tomalla
E a Doris eſte caſo maniſto:
De medo a Deoſa entam por mi lhe falla;
Mas ella cum fermoſo riſo honeſto,
Reſpondeo: Qual ſera o amor baſtante
De Nimpas que fuſtente o abum Gigante.

Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com tudo por liurarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra e siuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair nam pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encberão me com grandes abondanças
O peito de desejos & esperanças.

Ia nescio, ja da guerra desistindo
Húa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetus vñica despida:
Como douado corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Desse corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua:
Estando cum penedo fronte à fronte
Que u pollo rosto angelico apertava,
Não fiquey homem não, mas mudou & quedo
E junto dum penedo outro penedo.
O nimpha

CANTO QUINTO.

O Nimpha a mais fermoſa do Occeano,
la que minha preſença nam te agrada,
Que te luſtava teme neste engano,
Ou foſſe monte, nuuem, ſonho, ou nada:
Daqui me parto irado, & quaſi infano
Da magoa & da deſcunha ali poſſada
A buscar outro mundo, onde nam viſſe
Quem de meu pranto, & de meu mal ſeriffe;

Eraõ ja neste tempo meus Irmãos
Vencidos & em miferia eſtrema poſſos,
E por mais ſegurar ſe os Deosẽs vãoſ
Algúſ a varios montes ſotopoffos:
E como contra o Ceo nam valem mãos,
Eu que chorando andaua meus deſgostos,
Comecey a ſentir do fado amigo
Por meus atreuiamentos o caſtigo.

Conuerteſeme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos fe fizeraſ,
Eſteſ membros que ves & eſta figura
Por eſtas longas agoas fe eſtenderam:
Em fim minha grandifíſma eſtatura
Neste remoto cabo conuerteram
Os Deosẽs, & por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando deſtas agoas.

OS LUSTADAS DE L. DE CA

Aſſi contaus e cum medonho choro

Subito dante os olhos ſe apartou,

Deſteſe a nuem negra, e cum ſonorô

Braiido, muito longe o mar ſouu:

Eu, leuantando as mãos ao ſincla coro

Dos Anjos, que tam longe nos guiou,

A Deos pedi que remoueffe os duros

Cafos, que Alamastor contou futuros.

La Phlegon, e Pyrois vinham tirando
Cos outros dous o caro radiente,
Quando a terra alta ſe nos foy moſtrando
Em que foy conuertido o gran gigante;
Ao longo deſta costa, começando
La de cortar as ondas do Leuante,
Por ella a abaxio hum pouco nauegamos
Onde ſegunda vez terra tomamos.

A gente que eſta terra paſſuya
Poſto que todos Eſcimpes eram,
Mais hummos no trato parecia
que os oueros, que tão mal nos receberão
Com bailos e com feſtas de alegria
Pella praia arenafa a nos vierão,
As molberes conſigo e o manſo gado
Que ipacentauão, gordo e bem criado.

CANTO QUINTO

94

As molheres queimadas dem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ourima,
Na sua lingua cancao concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendos galinhas e carneiros
Atroco doutras peças que leuaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua algua lhe alcançaram
Que desse algum final do que buscamos;
As dellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, e tornaus
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, e o Polo Antartico ficava:
Aquelle ilheu deixamos, ande veyo
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, e descuberto,
Naquelle ilheu fez seu limite certo.

M 2 Daqui

OS LUSIADAS DE L. DE CAG

Daqui fomos tortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo nouas vias
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfia;
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
que passar não deixaua por diante.

Era maior a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua;
Do mar, que contra nos ali corria
que por nos a do vento que assopraua;
Injuriado Nota da porfia
Em que co ipar(parece) tanto estaua
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a gram corrente.

Trazão Solo dia celebrado

Em que tres Reis das partes do Oriente,
Forão buscar hum Rey de pouco nado
Na qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto soy tomado
Por uos, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

Desta

CANTO QVINTO.

91

Desta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No pouo com nos outros cafi mudo:
Ora vè Rey quamanha terra andamos
Sem faiir nunca desle pouc rudo,
Sem vermos nunca noua, nem final,
Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
Andariano, eudos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas & por mares nam sabidos:
E do esperar comprido tam cansados
Quanto a desesperar ja compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanaide.

Corrupto ja & danado o mantimento
Danoso & mao ao fraco corpo humano;
E alem disso nenhum contentamento
Que se quer da esperanca fisse engano:
Cres tu que se este nosso ajuntamento
De soldados, nam fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rey & a seu regente?

M 3 Cres

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

Cres tu que j' n'm forão levantados
Contra seu capitam se os resistira,
Fizendose Piratas, obrigados
De desesp'raçam, de fome, de ira?
Grandemente, por certo estam prouados
Pois que nemhum trabalho grande os tira
Daquelle Portugues i alt'eccellenzia
De lealda de firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos della costa algum desfio
Deitando pera o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso & frio
Nânos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquelle ban.la.
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme
Encomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa bruda & gemê
Aproa inclina d'hui & doutranao.
Quando intlo o coração que espera & temê
E que tanto fion d'hum fraco p. so,
Do que esperava ja desesperado
Foy d'hua novidade alvoroçado.

Efor

CANTO QVINTO: 33

E soy, que estando ja da costa perto
Onde as prayas & valles bem se vião,
Num rio, que al si e ao mar aberto
Bateis aa vela em rauão & fayão:
Alegria muy grande soy per certo
Acharmos ja pesscas que subião
Nauegar, por que enre illas esperamos
De acabar nouas algias, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece
Que com gente mi hor comunicauão,
Patalura algua Arabis se conhece
Entre a lingoagem, ua que falauão.
E com pano delgado que se tece
De algodão, as cabeças apertauão,
Com outro que de tinta azul se tinge
Cada hum as virginolosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falo,
E que Fernão martimz muy bem entende
Dizem, que por nos, que em grādeza igoalá
As nossas, o seu mar se certa & finde.
Mas que la don de fue o Sol, se abulão
Pera onde a costa ao Sul se atarga, & estende
E do Sul pera o Sul, teria onde ania
Gente assi como nos da cor do dia.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Muy grandemente aqui nos alegramos
Co gente, & com as nouas muito mais.
Pellos finais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bôs finais:
Hum padrão nessa terra aleuantamos
Que para asinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gubello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,
Nojosa criaçam das agoas fundas,
A impamoas as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem fôrdidas & immundas
Dos hospedes que tinhamos vezinhos
Com mostras aprazueis & pecundas,
Ouviemos sempre o vido mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas nam foy, da esperança grande & imensa
Que nessa terra ouvemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recônença
A Ramnus i com noua desuentura:
Assi no ceo sereno se dispensi,
Coesta condiçam pesada & dura
Nacemos, o peso tera firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.
E foy

CANTO QUINTO.

91

E sy que de doença crua & feya

A mis que eu nunca vi, d sempararão

Muitos a vil, & é terra estranha & alheia

Os ossos per a sempre sepultarão:

Quem auera que sem o ver o creya

Que tam di formemente ali lhe incharião,

As gengivas na boca, que crecia

A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto

Cheiro, que o àr vizinho infacionaua,

Não tinhamos ali medico astuto,

Sururgião futil menos se achava:

Mas qualquer mestre officio pouco instruído

Pella carne já por tre assi cortava,

Como se fora morta, & bem conuinha

Pois que morto ficaua quem a tulha.

Em fin que nesta incognita espessura

Deixamos pera sempre os companheiros,

Que em tal caminbo & em tanta desuetura

Foirão sempre com nosco aventureiros

Quam facil he ao corpo a sepultura

Quaesquer ondas da mar, quaesquer outeiros,

Estranhos, assi mesmo no co no aos nossos,

Receberam de todo o illustre os ossos.

Assi

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

Aſſi que deſte perto nos partimos
Com mayor iſperança & mór trifleza,
E pela costa abaixō o mar abrimos
Buscando algum ſinal de mais firmeza:
Na dura Miçambique em fin ſurgimos,
De cuja falſideade & mā vileza
Ia feras ſubedor, & dos enganos
Dos ponos de Mombaça pomo humanos.

Ate que aqui no teu ſeguro perto,
Cuja brandura & doce tratamento,
Darà ſauda a hum viuo, & vida a hū morto,
Noſtrouxe a piedade do aleo aſſento:
Aqui repouſon, aqui doce conforço,
Noua quietaçam do penſamento
Noſte, & vés aqui ſe atente cuiuile,
Te contey tudo quanto me pediſte.

Iulgas agora Rey ſe ouue no mundo
Genies que tais caminhos cometeffem?
Crèſtu que tanto Eneas & o facundo
Vliſſes, pello mundo ſe eſtendeffem?
Ouſou algum a ver do mar profundo
Por maiſ verſos que delle ſe eſtiverfem?
Dò que eu vi, a poder desforço & de arte,
E do que inta ei de ver, a oteua parte?
Efſe

CANTO QVINTO. 94

*Effe que bebeo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contendia peregrina;
Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
Aeinas, Yos, Argo, & Salamina:
E dentro que esclarece to la a Asia, &
Acuja voz alta sona & diuina
Onuindo, o patrio Minio se adormece,
Mas o Tibre co sam se ensõberuece.*

*Cantem, lourem, & escruçio sempre estremos
Desses seus Semideuses, & encareção,
Fingindo Magas, Circes, Polifemos,
Syrenas que co canto os adormeção:
Dem lhe mais nauagar à vella & remos
Os Cicones, & a terra onde se esquecem
Os companheiros em goßamto o Loto,
Dem lhe perder nas agoas o Piloto.*

*Ventos soltos lhe fuijão & imaginem
Dos odres, & Calipso namoradas;
Harpias, que o manjar lhe contaminem
Decer aas sombrissuas ja passadas:
Que por muito & por muito que se afinem
Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,
A verdade que encontro nua & pura
Vence toda grandiloca escriptura.*

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Da boca do facundo capitam

Pendendo estauam todos em betidos,
 Quando deu fim aa longa nau raçam
 Dos altos feitos grandes & subidos:
 Louva o Rey o sublime coraçam
 Dos Reis em tantas guerras conbcedidos,
 Da gente loiuua a antiga ferteza,
 Alealdade danimo & nobreza.

Vay recôntando o pouo que se admira

O caso cada qual que mais notou,
 Nenhum delles da gente os olhos tira
 Que tam longos caminhos rodeou:
 Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
 Que o irmão de Lampecia mal guiou,
 Por vir a discansar nos Thetios braços
 E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria

Dos proprios feitos , quando sam soados,
 Qualquer nobre trabalho que em memoria
 Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
 As enuejas da illufre & albea historiia
 Fazem mil vezes feitos sublimados,
 Quem valerosas ubras exercita
 Louuor albe o muito o espirita & encita.

Não

3 CANTO QUINTO . 23

Não tinha em tanto os feitos gloriosos.

De Achiles, Alexandre na pellej,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso so louva, isso deseja:
Os tropheos de Melcides famosos
Temiustoles despertam so de enueja,
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a vez que seus feitos celebrava:

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas nauegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria & fama:
Como a sua, que o ceo & a terra espanta:
Simas aquelle Heroe que estima & ama
Com dores, merces, fauores, & honra tanta
Alura Mantuania faz que soe
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dá a terra Lusitania Scipões,
Cesares, Alexandros, & da Augustos,
Mas não lhe dá com tudo aquellos dões
Cuj falta os faz duros & robustos:
Octavio, entre as maiores opressoç
Campunha versos douteos & venustos,
Não dirá Fulvia certo que he mentira
Quando a deixana Antonio por Glafira
Vay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vay Cesar sojugando toda França

E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas nua mão a pena, e noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabê e alcança
He nas comedias grande experiençia,
Lia Alexandre a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão

Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
Se nam da Portuguesa tam samente:
Sem vergonha o não digo, que a rezão
Dalgum nam ser por versos excelente,
Henão se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte não na estima;

Por isso e não por falta de natura

Não ha tambem Virgilios nem Homeros,
Nem auerà se este costume dura
Pios Eneas, nem Achiles feros:
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tam asperos os fez, e tam Austeros,
Tão rudos, e de ingenho tam remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso:

Aas

CANTO QUINTO.

56

Aas Musas agardeça o nosso Gama

O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome & fama
De toda a illustre & bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Caliope nam tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixasssem.
As tellas douro fino, & que o cantasssem.

Porque o amor fraterno & puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o prosuposto
Das Tagides gentis, & seu respeito:
Porem nam deixe em fim de ter desusto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perdera seu preço & sua valia.

F I M.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Canto Scisto.

AM sabia em que
modo festejisse
O Rey Pagão os fortes nauegan-
tes,
Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tam possantes;
Pesimalhe que tam longe o apousentasse
Das Europeas terras abundantes,
A ventura, que nam no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abrio o caminho.

Com jogos, danças, & óutras alegrias
A segundo a polícia Melindana
Com usadas & ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegra & engana
Este famoso Rey todos os dias
Festaja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desfisados
Com frutas, aues, carnes, & pescados.
Mas

CANTO QUINTO

Mas vendo o Capitam que se detinha
Ia mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha,
Os Pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do falso argento,
Ia do Pagão benigno se despede
Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle perto seja
Sempre com suas Funtas visitado,
Que nenhum ouro bem mayor deseja
Que dar a tais barões seu reino e estalão;
E que em quanto seu corpo o sprito reja
Estará de contíno aparelhado,
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rey, portam sublime gente.

Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo as vellas dando,
Pra as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja que vay buscando
No Piloto que leua nam auia
Falsidade, mas antes vay mostrando
A nauegaçam certa, e assi caminha
Ia mais seguro do que dantes vinho.

N As

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As ondas nauegauam do Oriente

I nos mares da India, & enxergauam
Os talamos do Sol, que nace ardente,
Ja quasi seus de sejos se acabauam:
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente
As venturas, que entram se aparelhaauam,
A gente Lusitana dellas dina,
Arde, morre, blasfema, & desatina.

Via e star todo o Ceo determinado

D'fazer de Lisboa noua Roma,
Nam no pode estoruar, que destinado
Está doutro poder que tudo doma,
Do Olimpo dece em fin desesperado,
Nouo reme lio em terra busca & toma,
Entra no humido reino, & vaise aa corte
Daquelle a quem o mar cayo em forte.

No mais interno fundo das profundas

Cauneras altas, onde o mar se esconde,
La donde as ondas saem furibundas,
Quando aas iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, & moram as jocundas
Nereidas, & outros Denses do mar, onde
As aguas campo deixam aas cidades,
Que habitão estas humidas deidades.

Discobre

CANTO SEXTO. 98

Descobre o fundo nunca descuberto
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vêem no campo aberto
Da transparente mussa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristalo que vê, se diamante.
Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De escultura fermosa estão lauradas,
Na qual dourado Baco a vista poca;
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Caos a tam confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados
Em diuersos officios ocupados.

Ali sublime o Fogo estana encima,
Que em nebulha materia se sustinha;
Daqui as coisas venas sempre anima,
Despois que Prometeu furtado o tuba;
Logo apôs elle leue se sublima
O invisibil ar, que mui asumba
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixá no mundo estar vazio;

N 3 Estana

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Estante a terra em montes reuestida

De verdes eruas e aruores floridas,

Dando pão o dínero e dando vida

Aas alminhas nella produzidas.

A clara forma ali estaua esculpida

Das aguas entre a terra despir zidas,

De pescadores criando varios modos,

Com seu bueno manteando os corpos todos.

Noutra parte esculpida estaua a guerra

Que traerão os Deuses aos Gigantes.

Este Tiseo debaxo da alta serra

De Etna, que as flamas lança crepitantes;

Esculpido se vê firindo a terra

Neptuno, quando as gentes ignorantes

Delle o cauillo ouverão, e a primeira

De Mineru pacifica Oulineira.

Ponc tardança faz Leyo irado

Na vista destas cousas, mas entrando

Nos paços de Neptuno, que auisado

Da vinda sua, o estaua ja guardando

Aas portas o recebe, acompanhado

Das Nymphas, que se esticaram oulhando,

De ver que cometendo o caminho,

Entre no reino dagos o Rey do vinho.

O Neptuno

CANTO QUINTO.

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque tambem os grandes & possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouuirme o mais quiseres,
Verão da desuentura grandes modos,
Qução todos o mal que toca a todos.

Julgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão dhña & doutra banda,
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, & de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro & feyo
Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos ombros, todos erão,
Hás-limos prenhes dagoa, & bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados nam falecem
Os negros misilhões, que ali se gerão,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hña muy grande casca de Lagoña.

OS LUSIADAS DE LIDECA

O corpo nū, & os membros gēnitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos eubertos cento & cento:
Camarões, & Cangrejos, & outros mais
Que recebem de Phebo crecimiento,
Ostras, & Camarões do musco sujos,
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocava
A voz grande canora foy unida
Por todo o mar, que longe retumbaua;
A toda a companhia apercebida
Dos Deuses, per a os paços caminhaba;
Do Deus, que fez os muros de Dardanida;
Destroidos despois da Grega insanía.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado;
Que todo o mar de Nimplas pouara;
O Prophet a Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali vejo tambem, mas ja sabia
O que o padre Lyeu no mar queria.

Vinba

CANTO QUINTO

158

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo & Vesta filha
Grou, & leda no gesto, & tam fermoſa
Que fe amansaua o mar de marauilha:
Vestida hua camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixava ver,
Que tanto bem não he pera esconderse.

Anfitrite fermoſa como as flores,
Neste caso nam quis que falecesſe,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesſe:
Cos olhos que de tudo sam senhores
qualquer parecerá que o Sol vencesſe,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, vejo a ter diuino e ſtado,
Conſigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deuses relutado:
Pella praia brincando vem diante
Com as lindas conchinkas, que o ſalgado
Mar sempre cria, & oas vezes pela area
No colo o toma a bella Panopea.

AS LUSIADAS DE L. DE CAI

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em peixe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriafa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circos tinha usado coa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ia finalmente todos assentados
Na grande sala nobre & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, & Arabia é cheiro passa.

Estando sotsegado ja o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheyo, fala desta forte:

Príncipe

CANTO SEXTO.

301

Princepe que de juro senboreas

Dhum Polo ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que nam passem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, & o tens cercado:
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deos do mar, que nam suffreis
Injuria algua em vossa reino grande,
Que com castigo ygoal vos não vngueis,
De quem quer que por elle corra, & ande:
Que descuido soy este em que viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande,
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos & atrevidos?

Vistes que com gran diſſima ouſadia
Foram ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella infana fantasia
De tentarem o mar com vella & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas & insolencias tais, que temo
Que do mar & do Ceo em poucos anos,
Venham Deos a fer, & nos humanos.

Vedes

OS LUSIADAS DE L. DE CARVALHO

Vedes agora a fraca geração

Que dhumi vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altiuo coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando não
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino deuassando
Os vosso estatutos não quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro

No vosso reino este caminho abrirão;
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria así sentirão
Vosa quem mais compete esta vingança,
que esperais, porque à pondes em tardanças

E nam confinto Deuses que eu ideis

Que por amor de vos do céo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que semel faz tambem a mi:
Que aquellas grandes houras, que sabeis
que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente,

que

A CANTO SEXTO!

Que o gran Senhor é fados que destína,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famis mores que nunca determinão
De dar a estes barões no mar profundo:
Aqui vereis o Deoses como insinão
O mal tambem a Deuses: que a segundo
Se ve, ninguem ja tem menos valia
que quem com mais razão valer denia.

E por isso do Olimpo ja fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharey nos vossos mares:
Mais que dizer, e nam passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades dagna em fogo.

A Ira com que subito alterado
O coração dos Deoses foy nuuu ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilacão, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandão ja recado
Di parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que nam iji no mar mais nauegantes.

Bem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Bem quisera primeiro ali Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo
Era algua profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou,

Iala o soberbo Hypotades soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varões audaces & animosos:
Subito o ceo sereno se obumbraua,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começao nouas forças a yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a led a lassa Frota
Com vento fuissegado proseguiua
Pello tranquillo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eolo Emisperio ejá remota,
Os do quarto da prima se deitanão
Pera o segundo os outros despertauão.
Vencidos

CANTO QUINTO.

103

Vencidos vem do sono, e mal despertos

Bocijando a miude se encostauam,
Pellis antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares que ass-prauam:
Os olhos contra seu querer abertos
Mas estregando os membros estirauam,
Remedios contra o sonno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam pesado,
Se não com algum conto de alegria
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores
Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Velofo, cousa justa
Tratar branduras em tanta asperezza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Nam fosse amores, nem delicadezas:
Antes de guerra feruida e robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Noss i vila ha de ser, segundo entendo
Que o trabalho por vir mo está dizendo,

Conforme

OS LVSTADAS DE L. DE CAI

Consentem nisto todos, & encomendam
Alvelo que conte isto que aproua,
Contarey disse, sem que me reprendam
De contar coys fabulosa, ou noua;
E porque os que me ouuirem daqui apredão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nascidos direyna nossa terra,
Estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Despois que fuissegado & liure o teue
Do vizinho poder que o molestanua:
La na grande Inglaterra, que da neus
Boreal sempre abunda, sem eana
A fera Erinis dura & mà cizania
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
Enobres cortesãos, a casu hum dia
Se levantou discordia em ira acefa;
Ou foy e pinião, ou soy perfia;
Os Cortesãos a quem tam pouco pesa
Soltar palauras graues de onfadia
Dizem que prouaram, que l'cnras & famas
Em tais damas não ha, pera ser damas.
E que

CANTO SEXTO: 104

E que se ouuer alguem com lança & espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada
Lhe daram feia infamia, ou morte crua:
A feminil fraquezza pouco vvida
Ou nunca a oprobrios tais, vendose nua
De forças naturais convenientes
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
No reino os inimigos, nam se atreuem
Nem parentes, nem fruidos amantes
A sustentar as danas, como deuem:
Com lagrimas fermosas & bastantes
A fazer que em socorro os Deos es leuem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro
Se vão todas ao Dique de Alencastro:

Era este Ingres potente, & militara
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouara
Dos companheiros, & benigna estrella:
Não menos nesta terra esperimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Este que socorrer lhe nam queria,
Por nam causar discordias intestinas
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reino la das terras lbe inas,
No, Lusitanos vitanta oufadia,
Tanta primor, & partes tam diuinias,
Que elles fos poderião, se navi erro
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lhe mandarey embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os façam sabelores;
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras dafagos & damores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali terees socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortos,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: & descuberto
Qual a qual tem caido das confortes,
Cadaõua e irene ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

CANTO SEXTO.

105

*La chega a Portugal o mensageiro,
Toda a corte aluoroça a nouidade,
Quisera o Rey sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia Magestade;
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com feruida vontade,
E so fica por beniauenturado,
Quem ja vem pello Duque nomeado.*

*La na leal cidade, donde teue
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leue
Manda o que tem o leme do gouerno:
Apercebem se os doze em tempo breue
Darmas, & roupas de vso mais moderno,
De elmos, cimeras, letras, & primores.
Caualos, & Concertos de mil cores.*

*La do seu Rey tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aqueles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Ingles esperimentado:
Não ha na companhia diferença
De caualeiro, destro, ou esforçado:
Mas hum so, que Magriço se dizia,
Desfarte fala aa forte companhia,*

O Fortíssimos

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Fortíssimos confíciros, eu desço

A muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,
Varias gentes, & leis, & varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas jam tamanhos)
Quero se me deixais, ir só por terra,
Porque eu ferey contusco em Inglaterra:

E quando caso for, que eu impedido

Por quem das cousas he ultima linha,
Não for com vosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he dñidoro
Mas se a verdade o sprito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,
Não farão que eu com vosco lá não seja.

Assi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fin se parte,
Passa Láio, Castilla vendo antigos
Lugires, que ganhará o patrio Marte,
Nauarra, e os altissimos perigos
Do Perineo, que Espanha & Galia parte,
Vistas em fin de França as cousas grandes,
No grande imperio foy parar de Espanha.

CANTO SEXTO.

196

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Seni passar se deteve muitos dias,
Mas dos onze a illustriſſima compagnha
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Inglaterra aa costa estranha,
Pera Londres ja fazem te pias,
Do Duque Sam com festas salbados,
E das damas feruidos, & amados.

Chegasse o prazo, & dia afinalado,
De entrar em campo ja cos doze Ingleses,
Que pelo Rey ja tinham segurado,
Armanſe delmos, greuas, & de arneſes:
Ja as damas tem por ſi fulgente & armado
O Muorte feroz dos Portugueses,
Vestem ſe ellas de cores & de sedas
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em forte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste; por não ter quem nomeado
Seja ſeu caualeiro, nela empreſa;
Bem que os onze apregoão, que acabado
Sera o negocio aſſi na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras ſe conheção
Posto que dous & tres dos ſeus fullejão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Ia num sublime & publico theatro
Se assentava o Rey Ingles com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Não fiam v'nos do Sol do Tejo ao Battro,
De força, ei & danimo mais forte,
Outros doze como os Ingleses
No campo, co ras onze Portugueses.*

*Mastigão os caualos escumando
Os aureos freos, com feroz sembrante,
Estaua o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante.
Mas enxergase num & outro bando
Partido desigoal & dissonante
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a aluorocar se geralmente.*

*Virão todos a rosto aonde auia
A causa principal do rebolço,
Eis entra hum caualeiro, que trazia
Armas, caualo, ao bellico seruiço.
Ao Rey & as damas fala, & logo se bia
Pera os onze, que este era o gram Magriço,
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.*

A dams

*Adama como ouvio, que este era aquelle,
 Que vinha a defender seu nome, e fima;
 Se alegra, e veste ali do animal de Hele,
 Que a gente bruta mais que vertude amia;
 Ia dão final, e o som da tuba impelle
 Os belicosos animos, que inflama,
 Picão desporas, largão redeas logo
 Abaxão lâncias, fere a terra fogo.*

*Dos caualos o estrepito parece
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se alvoroça, e teme:
 Qual do caualo voa, que não dece,
 Qual co caualo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.*

*Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue intervalo,
 Correndo algum cauallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem caualo;
 Cae a joberba Inglesa de seu trono,
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão ja que arnes, escudo, e malha!*

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Gastar palavras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas & affamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas & alegria,
Cozinheiros occupa, & caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
La se deixon ficar, onde hum seruço
Notauel aa condeffa fez de Frander:
E como quem não era ja nouiço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Frances matã em campo, que o destino
La teue de Torcato & de Coruino.

Outro

CANTO SEXTO.

108

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teue hum fero desafio
Cum Germano enganofo, que com manha
Não diuida o quis pôr no estremo fio:
Contando assi Velojo, ja a companha
Lhe pede, que não faça tal desfio
Do caso de Magriço, e vencimento
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento:

Mas neste passo assi prompts estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordão despertando
Os marinheiros dhúa e doutra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gueas tomar manda,
Alerta, disse, estay, que o vento crece
Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande e subita procella,
Amaina, disse o mestre a grandes brados
Amaina, disse, amaina a grande vella,
Não esperão os ventos indinados
Que amainassem, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, cum ruido
Que o mundo pareceo ser destruydo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Oceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, e^r desacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente
Toma gram summa dagoa pello bordo,
Alija, disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, n^o falte acordo,
Vao outros dar a bomba n^o cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos:

A dar aa bomba, e tanto que chegarão,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A menear o leme n^o bastarão,
Talhas lhe punhão dhūa e doutra parte
Se aproprietar dos homens força e arte.

Os ventos erão tais, que n^o poderão:

Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar então vierão.
A fortíssima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crecerão,
A pequena grandura alhum batel,
Mostra a possante nao, que moue espanto:
Venho que se sostem nas ondas tanto.

CANTO SEXTO.

109

A não grande, em que vay Paulo da Gama,
Quebrado leus o m isto pello meyo,
Quasi toda aligalha gente chama
Aquelle que a saluar o mundo veyo:
Não menos gritos vijos ao ar derrama
Toda a N ro de Coelho, com receyo,
Com quanto teue o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento:

Agora sobre as nuuens os subião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que decião
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a michina do mundo,
Anoite negra & feya se alumia,
Cos rayos, em que o Polo todo ardiao.

As Alcioneas aués triste canto
Iunto da costa braua leuantarão,
Lembrando se de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhe causarão:
Os Delfins namorados entre tanto
La nas couas maritimas entrarão,
Fuginho aa tempestade, & ventos duros
Que nem no fundo os deixar e star seguros

Nunca

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluuiio, donde fos viuerão
Os aous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão
As ondas que batião denodadas,
Quantas aruores velhas arrancarão
Do vento brauo as furias indinadas.
As forçosas raizes não cuidarão
Que nunca pera o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areás que podessem
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nemhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte
Que o impossibil pode, desta forte.

Diuina

CANTO SEXTO.

106

Dinina guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar & terra senhoreás,
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo & defendeste
Das Syrtes arenosas & ondas feas,
E guardaste os filhos o segundo
Pouoador do alagado & vacuo mundo:

Se tenho nouos medos perigosos
Doura Scylla & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baxos arenosos,
Outros Acrocerainios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Por que somos de ti desemparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu seruiço so pretendo?

O ditoso aquelles que puderão
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sofrinerão
A sancta Fe, nas terras Mauritana:
De quem feitos illustres se foubearão,
De quem ficão memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

OS LUSIADAS D E L. DE CA:

Afí dizando os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais a tormenta acrecentauão,
Pella miudá enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos não cessauão,
Feros tronões que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Conigo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, com ledá fronte:
A deosa que nos ceos a gouernaua,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto soy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas não serâ, que auante leue
Tão danada tençâo, que descuberto
Me fera sempre o mal a que se atreue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espace breue,
Em quanto manda as nimphas amorosas
Grinaldas nas cabeças por de rosas.

Grinaldas

CANTO SEXTO. 111

*Grinaldas manda por de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem não dirá, que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais fermosas vinham que as estrellas.*

*Assí foy, porque tanto que chegarão
A vista dellas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pellejarão,
E ja como rendidos lhe obedecem:
Os pés e mãos, parece, que lhe atarão
Os cabellos que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais queria,
Assí disse a bellissima Oritia.*

*Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo;
E não conuem furor a firme amante:
Se ja não poes a tanta infania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo, em medo se conuerte.*

Assí

OS LUSIADAS DE ILDECA

Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe,
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe,
Não sabe o bruto tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauão
Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauão,
Amanadas ás iras & os furores,
Ellas he prometeo vendo que amanão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomadolhe omenagem
De lhe serem leais esta viagem.

Ia a menbam clara danta nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celha gueea os marinbeiros
Enxergarão terra alta pella proa,
Ia fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Pilotô Melindano,
Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta

CANTO SEXTO.

Esta lhe por certo a terra que buscais

*Da verdadeira India, que aparecer,
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui ferece:
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De lèdo em ver que a terra se conhece,
Os geólbos no chão, as mãos ao ceo
A mercê grande a Deos agardeceis.*

As graças a Deos dava, e razão tinha:

*Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esperimentava,
Mas viu se liurado tão afinha
Da morte, que no mar lhe aparelha;
O vento duro, ferido, e medonho;
Com quem despertou de horrendo sonho.*

Por meyo destes horridos perigos

*Destes trabalhos graues e temores,
Alcanção os que fiam de fama amigas
As honras imortais, e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.*

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares nouos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ouciosos,
Não cos varios deleites & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortunia tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Pera algua obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Saffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regioes de ubrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que assouia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro,
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Furjou, & não vertude justa, & dura.
Destarte

CANTO SEPTIMO. 127

Destarte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento
O baixo trâcho humano embragado,
Este onde tiver força o regimento
Direito, & nam de affeitos occupado,
Subirà (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, & nam rogando.

FIM.

Canto Septimo.


A se viã chegados
junto aa terra,
Que desejada ja de tantos forá,
Que entre ascorrentes Indicas se
enerra,
E o Ganges, que no çeo terreno mora:
Ora sus gente forte que na guerra
Quereis leuar a palma vencedora,
Ia jois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

P. Ayos

OS LVSIADAS DE L. DE CARVALHO

A vos, ò geraçam de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Nam digoinda no mundo, mas no amigo
Curral de quem gouerna o ceo rotundo:
Vos, a quem nam somente algum perigo
Estorua con juistar o pouo inmunito:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos geos est'a em effencia:

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso nam pesais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
Ali da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deita las sum as fortes,
Que vos por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ò Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, e noua ceita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nam contenta,
Nam conteria o superbissimo Otomano:
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo

CANTO SETIMO:

167

Vedelo duro Ingres, que se nomea
 Rei da velha & sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhora,
 (Quem vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada sua,
 Não por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por entanto bum falso Rei,
 A cidade Hierosolima terreste,
 Em quanto elle nam guarda a sancta lei,
 Da cidade Hierosolima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseste,
 Nam pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão
 Enam contra o Cynisio & Nilotos
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se ande prouar da espada os fios,
 Em quem quer reprouar da Igreja o canto,
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra
 Erdaste, & as causas nam da justa guerra?

PELVIADAS DE L. DE CAJ

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuidas,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumerfa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura:
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que bñs aos outros se dão qa morte dura,
Sendo todos de bum ventre produzidos?
Nam veedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendose famosos pola guerra?

Vedes que tem por uso & por decreto,
Do qual sam tam inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes:
Entre vos nunca deixá a fera Aleto
De fame ar cizansas repugnantes,
Olhay festais seguros de perigos,
Que elles & nos, sois vossos inimigos:
Se cobriga

CANTO SEPTIMO. 113

Se cobiça de grandes senhorios

Vos faz yr conquistar terras albeas,
Nam vedes que Paetelo & Hermorios,
Ambos volhem auriferas areas,
Em Lidia, Assiria lanção de ouro os fios,
Affrica esconde em si luzentos veas,
Mouaos ja se quer riqueza tanta,
Pois mouer vos não pode a casa Sancia.

Aquellas intenções feras & nouas,

De instrumentos mortais da artilleria,
Ia deuem de fazer as duras prouas,
Nos muros de Bizancio, & de Turquia;
Fazri que torne la aas siluestres couas,
Dos Caspios montes, & da Citia fria,
A Turca geraçam, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos

Bradando vos eslão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do alcorão (duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriaj de peito forte, & astuto,
E não queirais lounges arrogantes,
Desferdes contra os vossos muy possantes;

OS LUSIADAS DE L. DE CAMOENSES

Mas em tantos que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, o gente infana,
Nam faltarão Christãos atrevidos
Nesta pequena casa Lusitânia
De África tem marítimos assentos;
E na Ásia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ana,
E se mais mundo ouuera la chegára;

E vejamos em tanto que acontece
A aquelles tam famosos nauegantes;
Despois que a branda Venus enfraqueça
O furor dão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apareça,
Fim de suas perrias tam constantes,
Onde vem famear de Christo a ley,
E dar novo costume, & novo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegaram,
Leues embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinaram,
Porque ella era a cidade das milhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuia.

Alema

CANTO SETIMO

Alem do Indo jaz, & à quem do Gange,
Hum terreno muy grande, & assaz famoso;
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emedio cauernojo.
Iugo de Reis diuersos o confrange
A varias leis: algüs o vicioso
Mahoma, algüs os Idolos adoram,
Algüs os animais, que entre elles moram;

La bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diuersos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

Entre hum & o outro rio: em grande espatá
Say da larga terra húa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaco
Do mar com Ceilão i-sula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta:
Que os vizinhos da terra moradures
Do cheiro se mantem das finas flores:

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Mas agora de nomes, & de vfança,
Nouos & varios sāmos habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possançā
De terra, & gente, sām mais abundantes,
Decanis, Oriis, que a esperança
Tem de su:s alu:çam nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra do Bengalas
Fertil de forte que outra nam the igoala.

O Reino de Cambaia belicoso

(Dizem que foy de Poro Rei potente)

O Reino de Nirsinga poderoso,
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canarā viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,

D'ò pè do qual pequena quantidade
So estende húz fralda e streita, que cõbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calcute tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperiorica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada

CANTO SEPTIMO. 117

Chegada a frata ao rico senhorio,
Hum Portugues mandado logo parte,
A fazer sabelor o Rei gentio
Da vinha sua a tan remota parte:
Entrando o mensageiro pelo Rio,
Que alinas ondas entra, a não vista arte
A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
Fez concorrer a vello tudo o povo.

Entre a gente que a vello concorri,
Se chega hum Mahometo, que n'fido
Fora na regiao da Berberia,
La onde fora Anteo obedecido:
Ou pela vezinhança ja teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foy ja assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana
Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
Tam longe da tua patria Lusitana?
Abrindo lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a gran corrente,
Por onde a Lei divina se acrecenta.

Espantado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Espantado ficou da gran viajem,
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouindo as opressões que na passajem
Do mar, o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em fim, que a força da mensajem
So perao Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Co elle pera a armada tornaria,
Que alegria nam pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha;

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece,
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem aa Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

CANTO SETIMO.

118

O Capitam o abraça em cabo ledo,
Ouindo clara a lingoa de Cistelli;
Lunto de si o assentá, e prampio e quedo
Pela terra pergunta, e cousas della;
Qual se ajuntava em Rodope o aruoredo,
So por ouuir o amante da donzella
Eurilice, tocand' a lira de ouro,
Tala gente se ajunta a ouuir o Moura.

Elle começa, o gente que a natura
Vizinha fez de meu paterno níumbo,
Que destino tam grande, ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
Nam he sem causa não occulta, e escura
Vir do longínco Tejo, e ignsto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tam remotos e apartados.

Deos por certo vos traz, por que pretende
Algum seruço seu por vos obrado:
Por isso jo vos guia, e vos defende
Dos unigos do mar, do vento yrado:
Sabey que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado,
De uero luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente e speciaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia , cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he , mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saram à Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino tene vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viesssem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessemm
O Perimal, de sabios & eloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que prosopus de nella morrer sancto.

Nao arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Perayr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz , que a ley publicas
Antes que parta, o Reino poterofo
Cos seus reparte, porque nam lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, lures de fejeitos,

Abum

CANTO SEPTIMO.

119

A bum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual d'is Cranganor
E os mais, a quem o mais serue & contenta
Hum so moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
Per este Calecu somente fica,
Cidade ja por traçto nobre & rica.

Esta lhe dà co titulo excellente
De Emperador, que sobre os outros mande,
Nlo feito se parte diligente,
Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
E daqui fica o nome de potente
Cam. ri, mais que todos digno, & grande
Ao moço, & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andão mis, & somente hum pano cobre
As partes, que a cubrir natura ensina:
Dous modos ha de gente, porque a nobre
Naires chamados sām, & a menor digna
Poleás tem por nome, a quem obriga
A ley não mesturar a casta antiga.
Porque

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ usaram sempre hum mesmo officio,
De outro nam podem receber conforto,
Nem os filhos teram outro exercicio,
Senam o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados de tal forte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Desta sorte o Iudaico povo antigo
Nam tocava na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia,
Os Naires fos sam dados ao perigo
Das armas, fos defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na dereita a espada.

Bramenes sam os seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Observão os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matão coufa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinençia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.
Gerais

CANTO SETIMO. 102

Gerais sam as mulheres; mas somente
Pera os da geraçam de seus maridos:
Dito sa condiçam, dito sa gente,
Que nam sam de ciumes offendidos.
Estes & outros costumes variamente
Sam pelos Malabares admitidos,
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assi contava o Mouro: mas vagando
Andaua a fama ja pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandaua da verdade,
Ia vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, & idade,
Os principaes que o Rei buscar mandara,
O Capitam da armada que chegara.

Mas elle, que do Rei ja tem licença
Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses sem detençā
Parte de ricos panos adornado:
Das cores a fermoza diferença
A vista alegra ao pono aluoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

Nó

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino eslaua,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desfada festa o nobre Gama:
Na terra nos braços o leuava,
E num portatil leito húa rica cama
Lhe offerece em que va, costume usado,
Que nos hombros dos homens he leuado.

Desta arte o Malabar, destarte o Luso,
Caminhão la pera onde o Rei o espéra:
Os oueros Portugueses vão ao vso
Que infantaria segue esquadra fera:
O pouo que concorre vay confuso
De ver a gente estranha, & bem quisira
Perguntar: mas no tempo ja passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

OGama, & o Catual hião fallando
Nas coisas que lhe o tempo offerecia,
Monçaidé entrellés vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Assi pela cidade caminhando,
Onde húa rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo ja chegauão
Pelus portas do qual juncos entravão.
Ali

CANTO SEPTIMO.

17

Ali estam das deidades, as figuras
Esculpidas em pedra, & em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o Demonio lhe fingia:
Vem se as abominaueis esculturas,
Qual a Chimera em membros se varia;
Os Christianos olhos a ver Deos usados
Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Amon em Lybia estana,
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Iano se pintava:
Outro com muitos braços diuididos
A Briarea parece que imitaua:
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio
A supersticioza adoraçam,
Direitos vao sem outro algum desfio,
Pera onde estaua o Rei do povo vao:
Engrossando se vai da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitam,
Estam pelos telhados & janelas
Velhos & moços, donas & donzellas.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Iacheão perto, & não passos lentos,
Dos jardins odoriferos fermoſos,
Que em si escondem os regios apouſentos,
Altos de torres não, mas fumptuosos,
Edificação ſe os nobres ſeus aſſentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Aſſi viuem os Reis daquelle gente,
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a futeleza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras moſtrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidadez
Affiguradas vāo com tal viuezza
As historias daquelle antiga idade,
Que quim dellas tiner noticia inteira,
Pela ſombra conhece a verdadeira.

Eſtaua hum grande exercito que pifā
A terra Oriental, que o Idaspē laua,
Rege o hum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos pelejava,
Por elle edificada eſtaua Nifa
Nas riveiras do rio, que manaua,
Tam proprio, que ſe ali eſtiuer Semelle,
Dirá por certo, que he ſeu filho aquelle

Mais

CANTO SETIMO.

Mais auante bebendo seca o rio,
Muy grande multidão da Assíria gente,
Sujeita a feminino senhorso,
De húa tam bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de Grecia gloriofas,
Terceira Monarchia, e' sojogauão,
Ate as agoas Gangeticas vndosfas:
Dum capitão mancebo se guiauão,
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de Filipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta,

Os Portugueses vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virà que outras victorias,
Estas que agora olhais abaterão:
Aqui se escreueram nonas historias,
Por gentes estrangeiras que virão
Que os nossos sabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro especularão.

OS LUSIADAS DE L. DECA.

E diz lhe mais a mágica scienzia,
Que pera se euitar força tamánha,
Nam valerá dos homens resistencia,
Que contra o Céo não val da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz, da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

Afí fallando entrauam ja na sala,
Onde aquelle potente Imperador
Núcamilha jáz, que nam se ignora:
De outra algua ná prego & nolauor.
No recostado gesto se afinala
Hum venerando & prospero senbor,
Hum paño de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dana à ver te folha da erua ardente
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene, pessoa preminent,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

CANTO SEPTIMO.

223

Sentado o Gama junto ao ríco leito,

Os seus mais afastados, prompto em vista:
Estava o Samori no traje e geito
Da gente, nunca de antes delie vista:
Lançando a graue voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo
O Capitão lhe folla desse modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde

O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar coa terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouindo do rumor que la responde.
O eco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos ati manda,

Porte fazer saber que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo:
E desde friz pluga de Gelunda,
Ate bem donde o Sol nam multao estila
Nos dias, sobre a gente de Etiopia.
Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E se queres com paclos, & li mças
De paz, & de amizade sacra, & una,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creçam as rentas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & fua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proueto, & delle gloria ingente.

Esendo así que o nô destia amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estará prompto a toda aduersidade,
Que por guerra ate u Reino se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yrmao te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta.
Me des a my certissima reposta.

Talem baixada dava o Capitam,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de naçam:
Tam remota, gran gloria recebia:
Mas neste caso a vitim a tençam
Com os de seu conselho comaria,
Informandose certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que differe:
E que

CANTO SETIMO.

117

E que em tanto podia do trabalho
 Passado yr reposar, & em tempo breve
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei reposta alegre leue;
 Lui isto punha a noite o vñsado atalho
 Aas humanas canseiras, porque ceue
 De doce sôno os membros trabalhados;
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

As trabalhados foram juntamente
 O Ganzo, & Portugues no apousente
 Do nobre Regedor da Indica gente
 Com festas & geral contentamento;
 O Catuaí no cargo diligente
 De seu Rei, tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneas carros do sermoço
 Mancebo Delivo Vio, que a luz renoua,
 Manda chamar Moncaide, dñs j-fõ
 De poder se insirnar da gente noua:
 Ialhe pergunta prompto & curioso,
 Se tem intima inteira, & certa prona,
 Dos esiribas quem són, que ouido tinha
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

Q + Que

OS LVSADAS DE L. DE CA.

Que particularmente ali lhe desse
Informaçam muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rei, por que soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizer te disto mais nam faberia,
Somente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Damay, tal que por bafo està aprovado
Do Deos, que tem do mundo o regimento
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sangainolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rio Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoriais, & famosos:
Enam contentes inda, & na Africana
Parte, cortando os mares procellosos
Nos nam querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades & altos muros.

Não

CANTO SEPTIMO. 115

Nam menos tem mostrado esforço & manha,
Em quaresquer outras guerras que acólegão,
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou la dalgūs que do Pirene deção.
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheção,
Nem se sabe iida não, e afirmo & assello,
Pera estes Aribais nenhum Marcello.

E festa informação nam for inteira
Tanto quanto conuem, delles pretende
Informarte, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja & offende:
Vay verlhe a frota, as armas, & a manéira:
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaras de veres a policia
Portuguesa na paz & na milícia.

La com desejos o Idolatra ardia,
De ver isto, que o Mouro lhe contaia,
Manda esquipar bateis, que yr ver queria
Os lenhos em que o Gama nauegaua:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geraciam, que o mar coalhava,
Aa Capitânia jobem forte & bella,
Onde Paulo os recebeu a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os toldos, e as bandeiras
Dorico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Libe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto amâ
A ceita Epicuria, esperimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrara aa gentes
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagen faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Genio nota: mas o intento
Moltrana sempre tempos singulares
Feitos dos homens, que eni retrato breve
A muda poesia ali descreue.

Alçase

CANTO SETIMO.

726

Alçase em pé, co elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeito venerando,
Cujo nome nam pode ser defuncio
Em quanto ouuer no mundo trato humano;
No traço a Grega vñança está perfeita,
Hum ramo por insignia na dereita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
Eu que cometo insano, & temerario,
Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tam arduo, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que nauego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olbay que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos
Agora o mar, agora esperimentando
Os perigos Maiorios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Nua mão sempre a espada, & noutra a pena
Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora dae esperança ja adquirida,
De nouo mais que nunca derribado;
Agora aas costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi saluarse.
Que pera o Rei ludaico acrecentar-se,

E ainda Nimpas minhas não baflaua,
que tamanhas misérias me cercassem:
Senam que aquelles que eu cantando andava
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me enueniaram,
Com que em tam duro estado me deitaram.

Vede Nimpas que engenhos de senhores
O vosso Tejo crja valerosos,
Que assi sabem prezar com tais favores.
A quem os faz cantando gloriaos;
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera esfaztar engenhos curiosos,
Pera parecer as coisas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.
Pois

CANTO. SEPTIMO.

127

Pois logo em tantos males he forçado;
Que so vossa fauor me nam falleça,
Principalmente aquii, que sou chegado
On le feitos diuersos engrandeça:
Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
Que nam no empregue em que o nam mereça
Nem por lisonja louue algum subido,
Sob pena de nam ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse
A quem ao bem camum, & do seu Rei
Anteposer seu proprio interesse.
Inigo da divina & humana ley,
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarey,
So por poder com torpes exercitios
Vstar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante
Pera seruir a seu desjo feiz,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuraz que Proteio,
Nem Camenas tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto & grane veio,
Por contentar o Rei no officio nouo,
A despir & roubar o pobre povo.

Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Nem quem acha que he justo & que he de reito
Guardose a ley do Rei severamente,
E nam acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles fós direy que auenturaram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilataram,
Tambem de suas obras merecida:
Apolo, & as Musas que me acompanharam,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Portornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

Canto Oitavo.



A primeira figura
se detinha
O Catual, que vira estar pintada.

*Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
quem era, & porque causa lhe conuinha
A diuisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Maurilano fabio lhe interpreta.*

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, masinda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
Este que ves he Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Foy filho e companheiro do Thebano,

Que tam diuersas partes conquistou

Parece vindo ter ao ninho Hispano,

Seguindo as armas que contino usou,

Do Douro, Gaudiaria o campo usou,

La dito Elisio, tanto o contentou

Que ali quis dar, aos ja cansados ossos

Eterna sepultura, e nome aos nossos:

O râmo que lhe ves pera auifa,

O verde Tyrso foy de Baco usado;

O qual aa noffa idade amostra e auifa

Que foi seu companheiro e filho amado;

Ves outrò, que do Tejo a terra pisa,

Despois de ter tam longo mar arado,

Onde muros perpetuos edifica,

E templo a Palas, que em memoria fica.

Vlisses he o que faz a sancta casa

Aa Deosa, que lhe da lingoa facunda,

Que se lava Asia Troia insigne abrasa,

Can Europa Lisboa ingente funda:

Quem sera estoutra ca que o campo arrasa

De mortos, com presençā furibunda?

Grandes batalhas tem desbaratadas,

Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

CANTO OCTAVO.

119

Assi o Gentio diz, responde o Gama,
Este que ves pastor ja foi de gado,
Virriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado:
Injuriadu tem de Roma a fama,
Vencedor inuencibil afamado,
Nam tem coelle não, nem ter puderão
O primor que com Pirro ja tinerão.

Com força não com manha vergonhosa;
A vida lhe tirarão que os espanta,
Que o grande aperto em gente,inda q̄ honrosa
As vezes leis magnanimas quebranta:
Outro esfâ aqui que contra a patria yrota
Degrado com nosco se aleuanta,
E colheo bem com quem se aleuantasse
Pera que eternamente se illustrasse.

Ves com nosco tambem vence as bandeiras
Deffas aues de Iupiter validas,
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nos souberam ser vencidas:
Olha tam sotis artes & maneiras,
Pera adquerir os pouos tam fingidas
A fatidica Cerua que o auisa,
Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

R Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Nam fez o Consul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme & constante,
E stoutro assi, & os filhos naturais,
E à conforte sem culpa, que doe mais.*

*Ves este que saindo da cilada,
Dâ sobre o Rei que cerca a villa forte,
Ia o Rei tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando lhe as gales, leuando a gloria,
Da primeira maritima victoria.*

*E dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da ferrá
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como entâo justa & sancta guerra
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma:*

Não

CANTO OCTAVO:

130

Se Cesar, se Alexandre Reitinerão,
Tam pequeno poder, tam pouco gente,
Contra tantos inimigos quantos erão,
Os que de barataua este excellente,
Nam creas que seus nomes se esfenderão
Com glórias imortais tam largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Ve que os de seus vassalos sam notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,
Pera o rompido Alumno mal sofrido,
Dizendo lhe que o exercito espalhado,
Recolha, & torne ao campo defendido;
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas moniz se chama o forte velho
Pera leais vassalos claro espelho.

Vello ca vais cos filhos a entregarse,
A corda ao colo, nu de seda & pano,
Porque nam quis o moço sozitarse,
Como elle prometera ao Castelhano:
Fez com syo & promessas leuanta se
O cerco que ja estaua s'berano,
Os filhos & molher obriga au pena,
Pera que o senhor salue, a si condena.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Nam fez o Consul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Saminitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme & constante,
Estoutro assi, & os filhos naturais,
E à conforte sem culpa, que doe mais.*

*Ves este que saindo da cilada,
Dâsobre o Rei que cerca a villa forte,
La o Rei tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando lhe as gales, levando a gloria,
Da primeira maritima victoria.*

*E dom Euas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como entâo justa & sancta guerra
De acabar pelejando estâ contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma:*

Não

CANTO OCTAVO. 131

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro

Trajo, sair da grande armada noua,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta proua;
Olha Enrique famoso cavalleiro,
A Palma que lhe nasce junto aa coua,
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos sam os Martyres de Christo.

Huni Sacerdote vê brandindo a espada,
Contra Aronches que toma, per vingança
De Leiria, que de antes fui tomada,
Por quem por Maphamede enrista a lança;
He Teotonio Prior; mas vê cercada
Sanctarem, e veras a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata

Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o Alferez mata,
E Hispanico pendam derriba em terra,
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do paycos ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

OS LUSIADAS DE L. DE CALDAS

Olha aquelle que deseja pela lença,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a vitada esconde, com que alcança
A cidade por marinhos e oficiais:
Ells por armas toma a semelhança
Do canalleiro, que as cabeças frias
Namão leuam, feito nunca feito,
Giraldo sem pauro brilha o forte peito.

Nam vê hum Castelham, que agrauado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado;
De Portugal fazendose inimigo
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vê que hum Portugues com pouca gente
O desbarata e o prende ouvidamente.

Martim Lopez se chama o canalleiro;
Que destes leuar pode a palma e o louro;
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que en linça de aço torna o Bago de ouro;
Velho entre os duidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro;
Olha o final no ceo que lhe aparece,
Com que nos poucos sens o esforço crece;

CANTO OCTAVO. 135

Ves vāo os Reis de Cordoua & Seuilha,
Rotos, eos outros dous, & nam de espaço;
Rotos? mas antes mortos, marauilha
Feita de Deos, que nam de humano braço;
Ves ja a villa de Alcaçore se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que dese de Castella,
Portugues de naçam, como conquistá
A terra dos Algarues, & ja nella
Nam acha que por armas lhe resista,
Com manha, esforço, & com benigna estrella
Villas, castellos toma a escalla vista:
Ves Tavilha tomada aos moradores,
Em vingança dos sese caçad. res;

Ves com belica astúcia ao Moiro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente,
He dom Pao Correa, cuja manha
E grande esforço faz enurja aa gente
Mas nam passe os tres q̄ é Frâça & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas & torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

OS LUSIADAS DE I. DE CA.

Vellos co nome vem de aventureiros,
A Castella, onde o prego si leuaram
Dos pulos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algù se exercitaram,
Vêm mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiam,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode nam temer a ley Letea.

Atenta nuor que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil de sconfi inça inerte & lenta
Do povo, & faz que tome o doce freyo,
De Rei seu naturol, & nam de alheyo.

Olli por seu conselho & oufadia,
De Deos guida so, & de sancta Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella:
Ves por in lustria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartejo, & o Gondiana habita:

Mas

Mas nam ves quasi ja desbaratado,
O poder Lusitano , pela ausencia
Do Capitam denoto, que apartado
Orando inuoca a summa & trim i effencia:
Vello com pressa ja dos seus achalo,
Que lhe dizem que lhe falta resistencia
Contra poder tamanho , & que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos deisse.

Mas olha com que sanha confinça,
Que inda nam era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua estaua dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,
Ouvir quiseres como se nomea,
Portugues Capitam chamar se deuer:
Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
Dito sa patria que tal filho tene.
Mas antes pai , que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres & Neptuna,
Sempre suspirara por tal aluno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Namessa guerra vê que presas ganha,
Estoutro Capitam de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que leuauam roubado onfiadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O pr. so amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga
O perjuro que fez e vil engano;
Gil Fernandez he de tuas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhano:
Mas olha Rui Pereira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezessete Lusitanos,
Nesse outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.
Sabe se

CANTO OCTAVO. 134

Sab se antigamente que trezentos
Li contra mil Romanos pelejaram;
No tempo que os viris atrevidos
De Viriato tanto se ilustraram,
E delles alcançaram vencimentos
Memoraveis, de erança nos deixaram;
Que os muitos por ser poucos nam temamos
O que despois mil vezes amosfaramos.

Olha cadaous Infantes Pedro & Henrique,
Progenie generosa de Ioane,
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane
Este, que ella nos mares o pubrique,
Por seu descobridor, & desengane
De Leita a Maura cumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Ves o Conde dom Pedro que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria,
Ves outro Conde està que representa
Em terra Marte, em forças & ousadidá,
De poder defender se nam contenta
Alcaçere da ingente companhia:
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam:
Mas faltalhe pinçel, falião lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes criam,
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degenerão certo, & se desuam
Do lustre, & do valor dos seus passados;
Em gostos & vaidades atolados,

Aquellos pais illustres que ja deram
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muito antão fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar de canjos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum ironco illustre donde venham,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, q̄ esforço & saber tenhā
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe nam conuenham,
E contra a seu contrario natural,
Aa pintura que falla querem mal.

CANTO OCTAVO. 133

Não nego que à com tudo descendentes
Do generoso tronco, & casarica
Que com custumes altos & excellentes
Sustentão a nobreza que lhe fica:
E se ha luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Nam falta ao menos, nem se faz escura:
Mas destes acha poucos a pintura.

Afí está declarando os grandes feitos,
O Gama que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
Do singular artifice ali pinta:
Os olhos tinha promptos & dereitos,
O Catual na historia bem distinta,
Mil vezes perguntava, & mil ouvia,
As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostraua duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaxo do Orizonte & luminosa
Leuaua aos Antipodas o dia,
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso que descansa,
Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LUSIADAS DE L. DE CARVALHO

Entre tanto os Aruspices famosos

Na falsa opinião, que em sacrifícios
Ante nem sempre os casos diuidosos,
Por finais diabolicos, e indicios
Mandados do Rei proprio, estudosos
Exercitauão a arte e os seus officios,
Sobre essa vinda de flagente estranha,
Que as suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,

De como a noua gente lhe feria
Ingo perpetuo, eterno catineiro,
Destruíam de gente, e de valia:
Vaise espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os finais temerosos que alcançara
Nas entradas das viélicas que oulhará.

A isto mais se ajunta que hum deuoto

Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra a divina Fe, que tudo excede,
Em forma do Propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em senhos lhe aparece,
Que de sens odios inda se nam dece.

Ediz

CANTO OCTAVO.

136

*E diz lhe assi, guardainos gente minha,
Do mal que se aparelha pelo inigo
Que pelas egois humidas caninha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro assiha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho vñado
Torna a dormir quieto & sosegado.*

*Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gran legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu parti rudo velho, & tu adormeces?
Pois saberas que aquelles que chegados
De nouo sam, seram muy grande dano
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano!*

*Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pode nelle por a aguda vista:
Porem despois que sobe claro & ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis
Se raizes cruar lhe nam tolhei.*

Isto dito

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Ilo dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama, lume aos feruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tânto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrarra rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que sonhou dà conta estreita.*

*Diversos pareceres & contrarios
Ali se dão segundo o que entendião,
Astutas traíções, enganos varios,
Perfidias inuentauam & tecião:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruícam da gente pretendião,
Por manhas mais sotis & ardis milhores,
Com peitas adquerindo os regedores,*

*Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Concilião da terra os principais,
E com razões notaveis & discretas
Mostram ser perdiçam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares disorrendo Occidentais,
Viuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.
O quanto*

O quanto deve o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados;
 De consciencia & de virtude interna;
 E de sincero amor sejam dotados;
 Porque como este posto na superna
 Cadeira, pode mal dos aparadados
 Negocios, ter noticias mais inteira,
 Do que lhe der a lingoa conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
 Em grofso, à ciencia limpia & certa
 Que se entue num pobre & humilde manto
 Onde ambição a coço ande encuberta,
 E quando hū bom em tudo he justo & santo
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderá ter conta,
 A quieta inocencia, em jo Deos pronta.

Mas aquelles auíros Catudos
 Que o Géntilico pouo gouernauam;
 Induzidos das gentes infernais,
 Os Portugues despachô allatauam:
 Mas o Grão, que nam pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauam,
 Que leuar a seu Rei hym final certo
 Domundo, que deixâa ilscuberto.

OS LUSTRADAS DE L. DE CAI

Não trabalha sozinho quem bem sabia,
Que despias que leuisse esta certeza,
Armas e uans, e gente mandaria
Manuel, que exercuta a summa alteza,
Com que a seu jugo e ley someteria.
Das terras, e do mar a redondeza,
Que elle n'um era mais que huma diligente
Descubridor das terras da Oriente.

Falar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malta
Gente impeli se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Nam era desphantar se seSpanisse,
Que cum credulo era em seus agouros,
E mais fendo affirmados pelos Monros.

Este temor lhe e frigo baixa peitos,
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeita,
Hum desejou immortel lhe agenda e gratifica
Que bem vê que grandissimo proveito
Faria, se com verdade e com justiça
O contrato fizesse por longos annos,
Que lhe comercio Reis das Lusitanias.

Sobre

CANTO OCTAVO. 338

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achaua muy contrarios pareceres,
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Excenta o dinheiro seus poderes:
O grande capitam chamar mandava,
A quem chegado disse, se quiseres
Confessarme a verdade limpa & nua,
Perdam alcançaras da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
Que de teu Reino d'Ele, que he fingida:
Porque nem tu t'és Rei, nem patria amada:
Mas vagabundo vas passando a vida:
Que quem da Hisperia ultima alongada
Rei, ou senhor de infania de s'medida,
Ha de vir cometer com maos & frotas
T'am'incertas viagens & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
O teu Rei tem a regia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incognita verdade:
Com peças & dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis aleos a amizade:
Que final nem penhor não he bastante,
As palavras dum vago nauegante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Se por ventura vindes desferrados,
Como ja foram homens d'alto forte,
Em meu Reino sereis aguas salvados,
Que tola a terra he pateta per a forte;
Ou se pires sois ao mar usados,
Dizei no sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Isto assidito, o Gama que ja tinha
Substitu das insidias que ordinava
O Mahometico odiou, donde vinha
Aquillo que tam mal o Rei cuidava:
Cua a ta confiança, que continha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidilia lhe influia,
Tais palavras do sabio peito abria:

Se os antigos delitos, que a malicia
Humanamente na p'ifca idade
Nam cansaram, que o vaso da iniquicia,
Açoute tam cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia;
Na geracão de Adão, co a falsidade
O poderoso Rei da torpe feita,
Nam conceberas tu tam m'a suspeita.
Mas

CANTO OCTAVO. 239

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor viue sempre de seu peito,
Me mostras tu tão poua confiança
Desta minha verdade: sem respeito
Das razões em contrario que acharias
Senão cresses a quem nam crer denias.

Porque se eu de rapina so viuesse
Vndiuago, ou da patria desterrado,
Como cres que tam longe me viesse,
Buscar assento incognito e apartado?
Porque esperanças, ou por que interesse?
Viria esperimentando o mar yrado,
Os Antarticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes d'ita estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais q' a achar o estranho Clime
Onde a natura pos teu Reyno antigo:
Mas se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha patria, e reino amigo
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada cerisfico.

OS LUSTADAS DE L. DE CAS

Se te parece impinado feito,
Que Rei da ultima Hispania ati me mande,
O coraçam sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande:
Bem pare, e que o nol re & gram conceito
Do Lusitano i Spírito demande
Maior cre lito, & fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis n' ssos firmemente propus'rão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que sempre às grandes causas se opuserão
E desbrando os mares inimigos
Do quieto descanso, pr. tenderão
De saber que si n'tinham, & onde estauam
As derradeiras praias que lauaam.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por yr deit ir do ninho caro
O norador de Abila de iradeiro:
Este por sua industria, & engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que fiz clara
De Argos, da Yura a luz, da Lebre, e da Ara;

Grecendo

CANTO OCTAVO. 145

Crescendo cos successos bons primeyros
No peyto as oufadias, descolhiram
Pouco e poco caminhos estrangeyros,
Que hūs succedendo aos outros proseguiram:
De Affrica os moradores derradeyros
Austrais, que nunca as sete flammas viram,
Forão vistos de nos, atras deyxando
Quantos estam os Tropicos queymando:

Assi com firme peyto, e com tamanho
Proposito vencemos à Fortuna,
Ate que nos no seu terreno estranho
Viemos por a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estranho
Da tempestade horrifica, e importuna
Ati chegamos, de quem so queremos
final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que nam faria
Por tam incerto bem, tam fraco premio
Qual, nam sendo isto assi, esperar podia;
Tam longo tam fingido, e tão poca premio:
Mas antes descansar me deyxaria
No nunca descansado e feito gremio
Da madre Thetis, qual pitata inicio
Dos trabalhos alheios feito rico.

OS LUSIADAS DE L. DE CASA

Afí que o Rey se minha grão verdade
Tés por qual he, sincera, & não dobrada
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que esta prouada;
Que com claro juyzo pode ver-se,
Que facil he a verdade dentenderse.

Atento estaua o Rey na segurança,
Com que prouava o Gama o que dezia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança;
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuaus corrutos, mal julgados;

Juntamente a cobixa do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeyto,
Co Capitão, & nam co Mauro engano;
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.
Que

CANTO OCTAVO. 148

Que manda da fazenda enfim lhe manda,
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
Salgúia traz idonea la da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa;
Ia da Real presença veneranda
Se parte o Capitam, pera onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo
Embarcaçam, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue das naos lhe pede:
Mas o mao Regedor, que nouos laços
Lhe machinaua, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Coelle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto poder dos regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcaçam bastante, em que partisse;
Ou que pera a luz crastina do dia
Futuro, sua partida diffrisse:
Ia com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na matençam dos Mouros, torpe e fera,
O que delle ate li nam entendera.

Era

OS LUSIADAS DE L. DE CAG

Era este Catual, hum dos que estauam
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se gouernauam
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperauam
Efeyto a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspiro
De suas esperanças nam delira:

○ Gama com instancia lhe requere
Que o mande por nas naos, & nam lhe val,
E que assilho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razam lhe impede & lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado
Nam pode ser por outrem derrogado:

Pouco obedece o Catual corruto
A tais palavras, antes revoluendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano diabolico, & estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue auorreido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhua aa patria mais tornasse;

Que

CANTO OCTAVO!

143

Que nenhum torne aa patria; so pretende
O conselho infernal dos Maumetanos;
Porque nam se iba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem sem liença sua yr se podia,
Que as alinádias todas lhe tolhia.

Aos brados e razões do Capitam,
Responde o Idolatra, que mandisse
Chegar aa terra as naos, que longe e stam,
Porque melhor dali fosse, e tornasse:
Sinal he de inimigo, e de ladram,
Que la tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flama
Lhas assalte, por odio descuberto:
Em varios pensamentos se derrama:
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo em fim cuidava

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Qual o reflexo lume do polido

Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E sendo da ouciosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado;
Tremulo, aqui & ali, & desfossigado;

Tal o vago juyzo fluuana

Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara;
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse aa frota, que deixara;
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,

Imitar os illustres, & igoalalos.

Voar co pensamento a toda parte,

Aduinhar perigos, & euitallos;

Com militar engenho, & sutil arte

Entender os imigos, & enganalos,

Crer tudo em fim, que nunca louuarey

O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

CANTO OCTAVO.

Insiste o Malabar em telo preso,

Sen'io m'nda chegar a terra a armada,

Elle constante, e de yra nobre acceso,

Os ameaçou se s'iam teme nada:

Que ante quer sobre si tomar o peso,

De quanto mal a vil malicia ousada

Lhe andar armada, que por em ventura

A fr. ta de seu Rei, que sem segura.

Aque'la noite estende ali detido,

E parte do outro dia, quando ordena

De se tornar ao Rei: mas impedido

Foy da guarda que tinha não pequena;

Conselhe o Gento outro partido,

Teme'ndo de seu Rei castigo, ou pena,

Se sabe esta mali ia, a qual alinha

Saberá, se mais tempo ali o detinba:

Diz lhe que mande vir toda a fazenda

Vendibil, que trazia, para terra,

Pera que de vagar se troque e venda,

Que quem nam quer comercio busca guerras

Posto que os m'ns prepositos entenda

O Gama, que o d'na lo peito encerra,

Consente, porque sabe por verdade,

Que compra coa fazenda a liberdade.

Concertâse

LOS LVSTADAS DE L. DE CAI

Concertâse que o negro mande dar

Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis nam quer auenturar,
Onde lhos tome o infijo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que conuenha,
Escreue a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgataisse.

Vem a fazenda a terra, donde logo

A agafalhou o infame Catuah:
Coella ficam Alvaro & Dingo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigaçam, que mando & rogo.
No peito vil o preinio pode & val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda,

Por ella o solta, crêndo que ali tinha

Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse:
Elle vendo que ja lhe nam convinha
Tornar a terra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixá de cansado.

Nas

CANTO OCTAVO. 244

Nas naos e bar se desixa p'rigaroso;

A' ver o que o tempo lhe descobre,

Quem nam se fia ja do cobreço

Recedor ior' omplexo & pouco nobre;

Vej a agora o juyzo curioso

Quanto no rico, assi co'no no pobre

Pode o vil interesse & sede imiga-

Do dinheiro, que a tudo nos obriga:

A Poli l'oro mita o Rey Treicin,

Sò par ficar feihor do gran tesouro;

E' tra, pelo fortissimo edificio

Com a filha de Acrisio a chuua douro;

Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,

que a troco do metal lucente, & louro;

Entreza aos inimigos a alta torre,

Do qual quasi afogada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,

Faz tredores, & falsos os amigos;

Este a mais nobres faz fazer vilezas,

E entrega Capitães aos inimigos;

Este corrompe virginais purezas,

Sem temer de honra, ou fama algüs perigos;

Este deprava as vezes ás ciencias

Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

OS LUSTRADAS DE L. DE CA.

*Este interpreta mais que suílmente
Os textos este faz e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente:
E mit vez estirâo torna os Reis.
Ate os que so a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, e illude:
Mas nam sem cor com tudo de virtude,*

FIM.

Canto Nono.

Iuerão longamen-
te na cidade
Sem vender se a fazenda os do-
us feitores,
Que us infieis por manha, e salfidade
Fazem, que nam lha comprem mercadores,
Que todo seu propriedade, e vontade
Fria deter ali os desfeudidores
Da India, tanto tempo que viesssem
De Meça as naos, que as suas desfizesssem
Lana

CANTO NONO. 248

Lano seio Eritreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egípcio Pibolomeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se conuerteo,
Não longe, o perto jaz da nomeada,
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, & profana,
Da religiosa agoa Maumetana.

Gidd se chama o porto, donde o trato
De todo o roxo mar mais florecia,
De que tinha prouito grande, & grato
O Soldão que esse Reino possuia;
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fernaosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especaria vem buscar cada anno.

Por estas nadas os Mouros esperauam,
Que como fossem grandes & possântes
Aquelli, que o comercio lle tomavaam,
Com flamas abrissarem crepitantes:
Neste socorro tanto confiavam,
Que ja nam querem mais los nauegântes,
Se nani que tanto tempo ali tardasssem,
Que da famosa Meca as n.os chegassem.

T. Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CARVALHO

Maio Gouvernor dos céus, & gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios à conveniencia,
Por onde vem efeito o fim fadado,
I fluui p'is os accidentes
De off içam em Moçambique, que guardado
Estiu a pera dar ao Gama aujo,
E mercer p'risso o Parafuso.

Este d' quem se os Mouros nam guardauão;
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tença'n lhe d' sobre corpo & feraz
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, & com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informo o canto Gama das armadas,
Que de Arabica Meça vem cadmo,
Que agora saiu dos feus tam despidos,
Per a sy instrumento deste dano:
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E los trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opremito,
Segundo estiu a mal operacto.

O Gama

CANTO NONO: 146

O Gama que tambem considerava
O tempo, que pera a partida o chama,
E que despacho ja nam esperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos amava;
Aos feitores, que em terra estao, mandaua
Que se tornem aas naos: & porque a fama
Desta subita vinda os nam impida,
Lhe manda que a fizesem escondida.

Porem nam tardou muito, que voando
Hum rumor nam soasse com verdade,
Que forao presos os feitores, quando
Foram sentidos virse da cidade:
Eja fama as orelhas penetrando
Do fabio capitam, com breuidade
Faz represaria nus, que aas naos vierao,
Ayender pedraria que trouxerao.

Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu, e^r conhecidos
Da falta delles, logo entre os milhores
Sentido fui, que estao no mar retidos:
Mas ja nas naos os bôs trabalhadores,
Voluem o cabrestante, & repartidos
Pelo trabalho, bns pux am pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra,

OS LUSIADAS DE E. DE CA.

Outros pendem da verga, & ja desfamatam
Avilla, que com grita se soleaua,
Quia jacom maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se leuanoz
As mulheres & filhos, que se matam
Daquelles que nāo presos, onde estaua:
O Samorim se aqueixāo que perdidos
Hāstem os pais, as outras os maridos.

Mandiligo os feitres Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A prisir dos inigos Maometanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desulpar m'nta o Rei de scus enganor,
Recebe o Capitam de melhormente
Os prisos, que os desculpis, & tornando
Algū negros, se parte as vellas dando.

Par'e se col'a abaxo, porque entende
Que em nāo co Rei gentio trabalhoua,
E n querer delle piz, a qual pretende
Por firmar o concerto que trataua,
Mas como a quella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixaua,
Com estas novas torna aa patria cara,
Certos sinis leuando do que achara.

Loue

CANTO NONO.

147

Leua algus Malibares , que tomou
Per força, dos que o Santorim mandara,
Quando os presos festeores lhe tornou:
Leua pimenta ardente que compráras
A seca flor de Banda nam ficou,
A Noz, e o negro cravo, que faz clara
A noua ilha Maluco , coa canella,
Com que Ceilão he rica illustre & bella,

Isto tudo lhe ouvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leua,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no liuro de Christo que se escreua,
O dito so Africano , que a clemencia
Divina assi tirou descura treua,
E tam longe da patria achou maneira,
Pera subir aa pati i u verdadeira.

Apartadas osi da ardente costa,
As venturoas naos , leuando a proa
Pera onde a natureza tinha posta
A Meta Austrina da esperanca boa,
Lenando alegres novas & reposta,
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto , temidos & ledos.

I 3 O prazer

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

O prazer de chegar aa patria c. ira,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Nauegacām, os varios ceos, & gentes,
Vir a lograr o premio, que ganbara
Portam longos trabalhos, & accidentes,
Calahum, tempor gosto tom perfito,
Que acorāçāo para elle he visto estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio das
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos al. ançada,
Satisfacām de bem sofridos danos,
Lhe andava ja ordenado, & pretendia
Dar lhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco renolui.lo
Na mente o largo mar que nauegaram,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thibas, se causaram;
Li trazia de longe nō sentido,
Pera premio de quanto mal passaram,
Buscar lhe algum deleite, algum descauso
No Reino de cristal liquido, & manfo.

Ajum

CANTO NONO.

143

Algum repouso em fim, com que podesse
 Resfilar a lassa humana le
 Dos negantes sius, como interesse
 Do trabalho, que inculta a breve idade:
 Pareceria razão que conta desse
 A seu filho, por cij s potestade
 Os Deuses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem resoluido, determina
 De certeza aparilhada la no meio
 Das agoas, algua infula divina
 Ornada de sinalado e verde a reio:
 Que muitas tem no remo, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que posse soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanas.

Ali quer que as aquaticas donzellis,
 Es erem os furtissimos barões,
 Todas as que tem titlo de bellas,
 Glori das olhos, dor dos corações,
 Com dançis, e coreas, por que nellas
 Influirá secretas affeições,
 T'era com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affetçõarem.

T 4 Td

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja , pera que aquelle
Que de Achises pario , bem recebido
Fosse no campo que a bouena peile
Tomou de espaco , por futil partido:
Seu filho vai buscar , por que so nelle
Tem tolo seu poder , fero Cupido,
Que assi como naquella empresta antiga
A ajudou ja , nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues , que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ji foi conuertida
Perislera , as boninas apanhando:
Em derredor da Deos i ja partida,
No ar lasciuos beijos se vão dando,
Ella por onde passa o ar , & o Vento
Sereno faz , com brando mouimento.

Ia sobre os Idaños montes pende ,
Onde o filho frecheiro estaua entam ,
Ajuntar lo outros muitos , que pretende
Fazer húa famosa expediçam
Contra o mundo reuelde , porque emende
Erros grandes , que ha diis nelle estam ,
Amando coisas que nos foram dadas ,
Nas pera ser amadas , mas usadas .

CANTO NONO.

149

Via de clementacia, tam austero,
De cego na alegria bruta, infima,
Que por seguir bum feo animal fero,
Foge da gente, & bela forma humana:
E por castigo quer doce, & suero,
Mostra lhe a fermosura de Divas,
E guarde se nam se j iinda comido
Desses caes que agora amai, & consumido.

E ve do mundo todos os principais,
Que nenhum no bem publico imagina,
Ve nelles, que nam tem amor a mais
Que a si somete, & a quem Philaucia infima
Ve que effes que frequentam os reais
Paços, por ver la deira & saia do Etrina
Vendem adulciam, que mal consente
Mondarse o nouo trigo florecente.

Ve que aquelles que deuem aa pobreza
Amor diuino, & ao pouo charidade,
Amão somente mandos, & riqueza,
Simulando justica, & integridade:
Da fea tyrania & de aspereza
Fazem direito, & vaia severidade:
Leis em fauor do Rei se establecem,
As em fauor do pouo so perecem.

Ve em

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Vêm fin que ninquem ama o que deue,
Se nam o que somente mal desejá,
Nam quer que tanto tempo se releve,
O castigo que duro, & justo sejá;
Seus ministros ajonta, porque leue
Exercitos conformes da peleja,
Que espera cer coa mal regida gente,
Que lhe nam for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estão em var as ondas trabalhando,
Hás anolando ferros passadores,
Outros astreas de setas delgando,
Trabalhando cantando estam de amores,
Varios coses em verso modulando,
Melodia sonora, & concorda,
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauam,
Para as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, erações ar tendo estauam,
Vivas entrabasinda palpitantes:
As aggas onde os ferros temperauam,
Lazimas sam de miserios amantes,
Aviua flama, o nunca morto lume,
Deseo he so que queima, & não consome.
Algumas

CANTO NONO.

150

Alguns exercitando a mão a duciam,
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros fôrpires pelo ar soavam,
Dos que feridos vão, da seta aguda,
Fermosas Nymphas sam as que curauam
As chagas recebidas cuja ajuda
Nam somente dà vida aos mal feridos:
Mas poem em vida os inda nam nascidos.

Fermosas sam alguns & outras feas
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas
Curão no as vezes asperas triagias
Alguns ficam ligados em cadeas,
Por palauras sutis de sibias Magas,
Isto acontece as vezes quando as setas
Acertam de levar ernes secretas.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor misfando,
Qual o das moças, Bibli & Cynirea
Hum mancebo de Assíria bum de Iudea,

E vos

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

E vos ó poderosos por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes,
E por baixos, & rudos vos senhoras
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
Hás esperando andais no Clurnas horas,
Outros subis telhados & paredes,
Mas eu creyo que desse amor indino,
He mais culpa a da māy, que a do minino:

Mas ja no ver de prado o carro leye
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, dicia diligente.
O frecheiro, que contra o geo se atreue,
A recebella vem, ledo, & contente,
Vem todos os cupidos feruidores,
Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque nam g̃ste o tempo em vāo,
Nos braços tendo o fillo, confiada
Lie diz, amado fillo, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada:
Filho em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Tifeas tēs em nada,
A socorrerme a tua potestade
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fudigas;

Que en ja de muito longe fauoreço,
Por que das Parcas seymhas amigas,
Que me ande venerar & ter em preço,
E por que tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
Alhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder n'ssa.

E por que das infidias do oceano

Bico foram na India moleidos,
E das injurias dos do mar vndoso,
Poderão mais ser mortos, que cansados?
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isto queria que feridas

As filhas de Nereo, no ponto fundo,
Da mor dos Lusitanos encendiadas,
Que vem de descobrir o nouo mundo,
Todas nua ilha juntas & subidas,
Ilha que nas entrinhas do profundo
Oceano, terei aparelhada,
De doões de Flora, & Zefiro adurnada.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Ali com mil refrescos & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
E encristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, & ellus mais fermosas;
Em fin com mil deleices nam vulgares,
Os esperem as Nymphas amoroſas,
D'amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto dellas os oſhos cobiçarem.

Quero que aja no reino Neptonino
Onde eu nasci, progenie forte & bella;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia fe reuelo
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrefia val contra ella.
Mal auerâ na terra quem se guarde,
Se ten fogo imortal nas açoas arde.

Aſſi Venus propos, & o filho inicio
Pera lhe obedecer ja fe apercebe,
Manda trazer o arco e buri neo rico,
Onde as setas de ponta de ouro en bebe;
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Harede a larga aas aues, cujo canto
Ha Phaeconea n'orte chorou tanta.

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Hua famifa, & celebre terceyra,
 Que posto que mil vezes the he contraria;
 Outras muitas ha tem por companheyras:
 A Deus sa Gigantea teneraria,
 Lielante, minir fa, & verdadeyra,
 Que com cem olhos ve, & por onde voa
 O que ve com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louvores da gente nauegante,
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:
 Ia murmurando a fuma penetrante
 Pelas fundas cavernas se iſ alhára,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a Deus a traz credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos Deoses, que indin idos
 Forão por Baco contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
 O peyto feminil, que levemente
 Muda quaesquer propófitos tomados.
 Ia julga por mao zelo, & por crueza
 Desejarm la tanta fortaleza.

Despede

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas
Flúa spos outra, gemie o njar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algúas vân, & algúas fazem giros.
Caem as Nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos sôspiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista po de a fama.

Oscornos ajuntou da eburnea Lisa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis quer ferir mais que nenhuna,
Por que mais que nenhuna lhe era esquiva
Ia não fica na aljua seta algúia
Nem nos e quoreos campos Nympha viña,
E se feridas inda estam vivendo,
Sera pera finir que vão moriendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da azoa Neptunina;
Peri que tu reciproco respondas
Ardente Amor ua flama feminina,
Hesforçado que a pudicicia & honesta
Faga quanto lhe Venus amoebla.

Ia todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas, e junto caminhava
 Em coreas gentis, vßança velha,
 Pira a ilha, a que Venus os guiaua:
 Ali a fermosa Deusa lhe aconsilha
 O que illa fez mil vezes, quando amava,
 Elas que vão do doce amor vencidas,
 Estam a si uorcelho offrecidas.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente, pera a patria amada,
 Desejando prouerse de agua fria,
 Pira a grande vs.ij m prolongada:
 Quando juntas com fabita alegria,
 Unueram vista da ilha navorada,
 Rompendo pelo ceo a mui fermeasa
 De Menonio, suave & deleitosa.

De longe a ilha virgem fresca & bella,
 Que Venus pelas ondas illa levava.
 (Bem como o vento leua brisa vella).
 Pera onde a forte armada se encergava,
 Que por que n'um poss'fsem sem que nella
 Tomasssem porto, como d'jaua,
 Pera onde as nios nauegão a muiua
 A Accidubia, que tudo em sum podia:

V. Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas firme a fez & imobil, como vio
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa aa caça usada;
Pera la logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia húa enseada
Curva & quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cytherea.

Tres fermosos outeiros se mostrauam
Erguidos com soberba graciofa,
Que de gramineo e fmalte se adornauam,
Na fermeza ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes & limpidas manauam
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriuam,
A sonorosa Limpha fugitiva.

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhambas claras agoas ajuntar se,
Onde húa mesa fizem, que se estende:
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Aruoredogen il sobre ella pende,
Como que prompto está pera afeitarse,
Vinhoso no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

CANTO NONO

143

Milaruores estam ao seo subindo,
Com pomo, odoriferos & bellos,
A Laranjeira tem no fruto lindo
Acor, que tinha Daphne nos cabellos;
Encostase no chão, que está caindo
A Cidreira com p'sos amarellos,
Os fermos e limões ali cheirando
Estam virgineas tetas imitando.

As aruores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma emnobrecidos
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros
Do louro Deos amados, & queridos;
Mirtos de Cytria, e os Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
Está apontando o agudo Cipariso
Para onde he posto o Eterno paraíso.

Os doces que dí Pomona, ali natura
Produze diferentes nos fibores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem elia se dão muito milhores.
As Cerejas porpuras na pintura,
As Amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Pe. sia veir,
Milhos tornado no terreno alheio.

OS LVSTIADAS DE L. DE CAJ

*Abre a Româ, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes
Entre os br̄gos do Vlneiro está a jocunda
Vide cūs cachos roxos, & outros verdes:
E ros se na vossa arvore fecundas
Peras pyrami tais viuer quiserdes,
Entregaias ao dano, que cos bicos
Em vos fizemos pôssaros inicos.*

*Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que se cubre a rustico terreno,
Eaz fer a de Achemenia menos dinas
Mas o sombrio valle mais amenas
Aí a cabe, ao flor Cyfisi inclina,
Sobollo tanque lucido & sereno,
Florece o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deos: Paphiainda suspiras:*

*Per, julgar difficultaçā forā,
No ceo ventr̄, & na terra as mesmas cores,
Se d'ua aos flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dam a elle as bellas flores:
Pintan lo estanca ali Zefiro & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fr̄sca Rosi bella,
Qual reluzem nas faces das donzella.*

A caro

CANTO NONO

755

A candida Cecília das Matutinas

Lagrimas ruciadas, e a Manjareona,
Vense as letras nas flores Hyacintinas,
Vam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerza nos pomos e boninas
Que competia Cloris com Pomon.:
Pois se as aues no ar cantando voão,
Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Cisne canta,
Respon le lhe do ramo Philomena,
Da sombra de sus cornos nam se espanta.
Aéleon nagoa cristalina e bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou temida Gazella,
Alino bico traz ao caro ninho,
O mantimento ô leve passarinho.

Nesta fressura tal desembarcaram
Ia das naos os segundos Argonautas,
Onde pola floresta se deixauam
Andar as bellas Deusas como incautas,
Algumas doces Cytaras tocauam,
Algumas arpas, e sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouru se fingião
Seguir os animais, que nam seguão.

OS LVSTADAS DE L. DE CA

A filho aconselhara a mestra experta,

Que andassem pelos campos espalhadas,

Que visto dos barões a presa incerta,

Se fizesssem primeyro desejadas

Algúas, que na forma descuberta,

Do bello corpo estanam confiadas,

Posta a artificioa fermosura,

Nas lauar se deyxam na agoa pura.

Mas os fortes mantebos, que na praia

Punham os pés de terra eubiçosos,

Que nam ha nenhum delles, que nam fizya

De acharem caça agreste desjosos:

Nam cuya tam que sem laço, ou redes caya

Caçanquedes montes deleytosos

Tão suave, doméstica, e beiada,

Qual ferida lha tinha ja Eiricina.

Algúis que em espingardas, e nas bestias

Perferir os feruos se fiam,

Pelos sombrios matos, e florestas

Determinadamente se linçanam:

Outros nas sombras, que de as altas festas

Defendem a verdura, passeiam

A longo da agoa, que suave, e queda

Purahuas pedras corre aa praia le la.

Começao

CANTO NONO

Comçao de enxergar subitamente
Pir entre virdes ramos varias cores,
Cores de quem a vista julga, & sente,
Que namerão das rfas, ou das flores,
Mas ta lam fina, & si da diferente
Que mais incita a frada dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo por arte mais fermosas:

Da Vel so espantado hum grande grito,
Seixborei caça estranha disse he esta,
Se inda davam o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais desobrimos do que humano e spírito
Desfoturanca, & bem se manifesta
Que sam grandes as corfas & excellentes
Que o myndo encobre aos bonies imprudē.

Sigamos e dás Deis fá, & vejamos,
Se fantásticas sam, se verdadeiras,
Isto dito veloces mais que Gamos,
Se lancam a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos
Mas mais industri fuis que ligeiras,
Pouco & pouco sivindo, & gritos dando,
Se deixam yr do Galgos aliançando.

OS LVSIADAS DE L. DE CAS

De húa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, e da outra as fraldas delicadas,
Acendr-se o des jo que se ceua
Nas altas carnis subito mostradas,
Húa de industria cae, e ja relena
Com mostras mais misias, que indinadas,
Que sobre ella empescendo tambem caia
Quema seguo pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deusas despilas que se lauam,
Ellas começam subito a gruar,
Como que assio tal nome espaluam,
Húa saindo nem estuvar
A vergonha que a força, se lançauam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que as mãus cubicfas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
A a vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo n'goas, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal d'as mancebos ha, que se arremessa
Vesti la así e calçado (que co a mora
Desse despir, ha medo que in la tarde)
A matar na goa o fogo que n'elle arde.

Q. 11

CANTO NONO.

157

*Qual tão de caçador sagaz e ardido,
Vlado a tomar na agoa a que ferida,
Vendo rosto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcinha, ou Pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta nagoa, e da presa nam duiida,
Nadando vay e latindo, assi o mancebo
Renete ha que nam era yrmaã de Phobo.*

*Lionardo solda lo bem desposto,
Manboço, caualleiro, e nam rado,
A quem amor nam dera hum so desposto,
Mas sempre fora delle mal tratado:
E tinha ja por fume prísuposto
Ser com amores mal afriunado,
Porem nam que perdesse a esperança,
Deinda poder seufado ter mudança,*

*Quis aqui sua ventura, que corria
Apos Efise, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera darse a natureza,
la cansado correndo lhe diz i.
O fermosura indigna de aspereza,
Pois de la vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem lehas a alma.*

Todos

OS LUSÍADAS DE L. DE CA.

Todas le correr cansim, Nympha pura,
Rendendo se aa vontade do inimigo;
Tu so de my so fuges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te fizo?
Se io em dito ja aquella ventura,
Que em to la a parte sempre anda comigo;
Onam na creaçao, porque eu quando a crio,
Muvezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me cansas! & se queres
Fugirme, porque nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella fará que nam possa alcançarte:
Esphira, quero ver, se tu quiseres,
Que sucul modo biseca de tñi. parte,
E notarás no fim diste succeso,
Tra la spica & la man, qual muro he messo.

O não me sujas, assi nunca o breue
Tempo frua de tua fermesura,
Qu' so com rísi ear o passo leue,
Venerinda fortuna a f'rça dura:
Que tempridur, que exercitio se atreue.
A quel r'ntar a furia di v'nura,
Que em quanto de syry me vay segnindo,
O que tu so faras uam me fugindo.

Pois

Poëste l'a parte da desdita minha?

Fra queza be dar ajuda ao mais potente?
Levas me bum coraçao, que liure tinha?
Solta mõ, & cororas mais leumente
Não te carrega essa abna tam mezquimha;
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? ou despois de ir sa
Lhe mudar de a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança fo te vou seguindo,
Que ou tu n'ni sofreras o peso della,
Ou na virtude de ten gesto lindo,
Lhe mudara a triste & dura estrella.
E se se lhe mudar, não vas fugindo,
que Amor te forará, gentil donzella,
E tu me esperaras; se amor te fere,
E se me esperas, n'io ha maiu que espere.

Ianam fugia a bella Nimpfa, tanto
Pôr se dar cara ao triste que a seguia,
Como por yr ouuindo o doce canto,
As n'amoradas magoas que dizia:
Volviendo o rosto ja sereno & sôvelo,
Toda banhada em riso & algría,
Cair se deixava os pés do vencedor,
que todo se faz en puro amor.

O que

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

O que famintos beijos na floresta,
E que mim se choro que soava,
Que afagos tam suaves, que yra honesta
Que em risinhos alegres se tornava;
O que mais passam na menhā & na festa
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgue o quem num pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas
Ninphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornam de capellas deliciosas,
De louro & de ouro & flores abundantes;
As mãos aluas lhe dauam como esposas:
Com palauras formais & estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida & morte, de honra & alegria.

Húa dellas maior, a quem se humilha
Todo o choro das Nimpas, & obedece,
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
O que no gesto & elo se parece,
Enchendo a terra, & o mar de maravilha,
O Capitão illustre que o merece,
Recebê ali com pompa honesta & régia,
Mostrando se jenhora grande & egrégia,
Que

CANTO NONO. 159

*Que despois de lhe ter dico quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dandolhe a entender, que ali viera
Por alta influçam do imobil fado,
Pera lhe descobrir de vinda esphera,
Da terra immensi, e m. r nam na negado
Os segredos, por alta prophecia
O que c̄sta sua naçam fo merecia.*

*Tomando o pela mão a leva e guia
Pera o cume dum monte alto e diuino,
No qual h̄ua rica fabrica se erguia
De cristal toda, e de ouro puro, e fino:
A maior parte aqui passam do dia
Em doçes jogos, e em prazer contínuo,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.*

*Aſſi a fermosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estam passando,
Nua alma, doce, incognita alegria,
O trabalhos tam longos compersindo
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo e ſta guardando
O premio la no fim bem merecido,
Confama grande, e nome alto e subido.
Que*

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Que as Nymphas do Oceano tam' fermosas,
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra con sanambé, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimadas:
Aquellas preminencias gloriosas,
O triumphos, a fronte coroada
De Palma & Louro, a gloria & marauilha
Estes s'am os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lan o estellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fuma,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trab lho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto & fragoso:
Mas no fin doce, alegre & deleitoso.

Nam eram senão premios, que reparte
Por feitos moreais & soberanos,
O mundo aos varões, que esforço & arte
Diuidos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Thibito & Marte
& Eneas & Qui-mo, & os deus Thebanos
Ceres, Pales, & Iuno com Diana
Tais foram de fraca carne humana.

Mas

CANTO NONO.

160

*Mas a fama trombeta de obras tais,
Lhe deus no mundo nomes tam estranhos
De Deoses, Semideoses immortais
Indigetes, Eroicos, & de Magnos
Por isso, o vos que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai ja do sono do ocio ignauo,
Que o animo de liure faz escravo.*

*E ponde na cobiça hum freio duro,
Ena ambiçam tambem, que indignamente
Tomais mil vezes & no torpe & escuro
Vicio da tirania infame & urgente:
Por que essas honras vaas, esse ouro paro
Verdadeiro valor nam dam aa gente,
Milhor he merecellos sem os ter
Que possuilos sem os merecer.*

*Ou day na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes nam dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a ley dos imigos Sarracenos,
Fareis os Reinos grandes & possantes
E todos tereis mais, & nemhum menos
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.
E fareis*

OS LUSIADAS DE L. DE CAL

E fa eis el ru o Rei que tanto amais,
Agura cos conselhos bem cuidados
Agora co as espadas , que immortais
Vos farão , como os vossos ja poffidos:
Impossibilidades nam façais ,
Que quem quis sempre pode: & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos ,
E nela ilha de Venus recebidos

FIM.

Canto Decimo & ultimo.



As ja o claro ama-
dor de Larisseia
Adulera , inclinava os animais ,
La pera o grande lago , que rodia
Terniflitas , nos fins Ocidentais ;
O grande ardor do Sol Fauano enfrea ,
Co fopro , que nos tanques naturais
Encre ſpa a agga ferena , & despertana
Os Lirios , & Laznitas que a culma agrada .
Quando

CANTO DECIMO. 168

*Quando as fermosas Ninfas cos amantes
Pella mão ja conformes & contentes
Subião pera os paços radiantes,
E de meais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas, daltos manjares, excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraquezza
Restaurem da cansada natureza.*

*Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se assentam dous & dous, amante & dama
Noutras as cabeceira douro finas,
Està coa bella Deosa oclaro Gama:
De ygnarias suaves & diuinhas
A quem não chega a Egípcia antiga fama,
Se acumulão os pratos de fuluo ouro,
Trazidos la do Atlântico tesouro.*

*Os vinhos odoriferos, que estimam
Estão nam só do Itálico Falerno,
Mas da Ambrosia, que loue tanto estimam,
Com todo o ajuntamento sempiterno:
Nos vójos, onde em vão trabalha a lima
Crespas escumas erguem, que no interno
Coraçam mouem subita alegria,
Saltando coa mistura dago fria.*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mil práticas alegre se tociam
Risos doces, suaves, & argutos ditos
Que entre hú & outro manjar se aleitauão
Despertando os alegres appetitos:
Músicos instrumentos na n faltauão,
Quem no profundo reyno, os nus espiritos
Frizeram de farrar da etern pena,
Cúa voz ihu angelica Syrena.

Continua a bella Ninfa, & cos acentos
Que pellor alios paços vêm soantos,
En consolar ia ygo il, os instrumentos
Susues vem a hum tempo e informandoz
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz hir doce mente murmurando
As agoas & nas casas naturais
Adormecer os brutas animais.

Com doce voz, está sabinho ao ceo
Altos varões, que estam por vir ao mundo,
Cujas claras liras ygo Protheo,
Num globo vão, di fano, rotando,
Que Iupiter em dom lho concedea
Em sonhos, & despris no reino fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Maturia

CANTO DECIMO.

181

Materia he de Ceturno, e nam de Soco

A que a Nympha apriendeo no sunmenfo lago
Qual Yapa nam soube, ou Demadoco,
Entre os Pheaces hum, or tro em Cartago.
Aqui minha Caliope te muoco
Neste trabalho extremo, por que em pago,
Me tornes, do q' sireno, e em Vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, e ja do Estio

H' a pouco que passar ate o Outono,
A fortuna me faz o engenho frio,
D' qual ja n'io me jaeto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono;
Mas tu me dà que cumpra, ó gran Rainha
Das Misericórdias, co que quero aa naçam minha.

Canta-do a bella Dessa, que viriam

Do Tejo, pello mar que o Gama abriria,
Armadas que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico se sp.ra:
E que os Gentios Reis, que nam dariam
A cruz sua an jugo, o furo e yra
Prouaram de bruto duro e frio,
Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

X 2 Cantada

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantaua d'hum que tem nos Malabares
Do sumo sacerocio a dignidade,
Que so por nam quebrar cos singulares
Barões, os nos que desamizade,
Sofrerá suas cidades & lugares,
Com ferro, incendios, ira & crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais odis terá coa noua gente.

E canta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O gram Pacheco, Achiles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria
O curuo lenho, & o fruido Oceano,
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado & curuo rio,
Desbaratará os Niires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Desponto o ardor immenso do Oriente
Que verá tanto obrar tam pouca gente
Chamará

CANTO DECIMO. 163

Chamará o Samorim mais gente nova:

Virão Reis Bipur, & de l'ânor,
Das serras de Nas singa, que alta proua
Estaram prometendo a seu senhor:
Fara que todo o Naire em fui se mui,
Que entre Caleci jaz, & Can nor,
Dambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios pola terra.

E todos outra vez de baratando,
Por terra & mar, o gran Pacheco vifado,
A grande multidão que yrá matando,
A todo o Malabar ter à admirado:
Cometerá outra vez nam dilatando
O Gentio os combates afressado,
Injuriando os seus, fizendo votos
Em vâo aos Deuses vâos, furdos & immotos.

Ia nam defendera somente os passos,
Mas queimarhe ba lugares, ten plos, casas,
A cejo de yra o Cão, nam vendo lassos
A quelles que as cidades fazem rasa:
Fará que os seus de vida pouco esfassos
Comerão o Pacheco que tem asas
Por dous passos num tempo, mas voando
Dhum noutro, tudo irá desbaratando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nirà alio Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha & os seus esforços & animes,
Mas hum tiro, que com zombo vna,
De sangue o tingirá no andar sublime;
I. nam vera remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inuentara truções, & vãos venenos,
Mas sempre (o ceo querendo) fará menas.

Que tornará a vez f. prima cantaus,
Pellejar co inúcio & forte Luso,
A quem n'hum trabalho pesa & agraua,
Mas com tudo est. so o fará confusa.
Trará pera a batalha horrenda & branca,
Machinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ate lá vão lhe fora cometellas.

Pellirago leu ir f. rr is de fogo
Pera abr fai lhe quanta armada tenha,
Mata militar arte, & engenho, ligo
Fará ser vã a bravura com que venhas,
Nenhum claro burgo n. Martio jogo,
Que nas afis das naus se sostenta,
Chega a este, que a pilha a todos toma,
E perdeome a illustre Grecia, ou Roma.
Pur que

CANTO DECIMO.

204

Porque tantas batalhas soffrentadas
Com muito pouco mais de cem soldados;
Com tantas manhas, & artes inuentadas
Tantos Cães n'ini imbelles profigados;
Ou pareceram fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros invocados
Direram a ojiallo, & the darão
E forço, força, ardil & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios
O gran poder de Dario estrue & rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopilas defende,
Nem o mancebo Coelos dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
E a defensa da ponte, ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nympha o som canoro
Abaxando, fez ronco & enrijecido,
Cantando em baixa voz enuulta em choro
O grande e forço mal agradecido:
O Belisario, disse, que no coro
Das Musas feras sempre engrandecido,
Se em ti visto abatido o braço Marte,
Aquitens com quem podes confortar-te.

X 4 Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
Co no no galardam injusto & duro,
Em ti & nelle veremos altos peitos,
Abaxo stado vir humilde, & escuro:
Morrer um hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,
Isto fizem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justica & que a verdade.

Isto fizem os Reis, quando embebi los
Nha aparenta bienda que os contenta,
Dão os premios de Ai ue merecidos,
Aa lingua vaia de Vlisses fraudulenta;
Mas vi ignome que os bens mal repartidos
Por quem so doce sumbras apresenta,
Senão os dama sibios caualeiros,
Dão os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tam mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se nam es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hame reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolneos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre & clara
E tu nisto culpado por auaro.

Mas

CANTO DECIMO.

165

Mas ois outro, cantava, intitulado

*Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar sera illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo;
Ambos dirão com braço forte, armado,
A Quilo a fertil aspero castigo,
E zento nell' Rey leal & humano,
Deitado fura o perfido Tirano.*

*Tambem firam Mombaca, que se arreia
De casas sumptuosas & edificios,
Co ferro & fogos seu, queimada & feia,
En pigo do passados maleficios:
Despiss na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos, & arteficios,
Contra os Lusos: com vellas, & com remos
O mancebo Lourenço fará estremos.*

*Das grandes naos, do Samorim potente,
Que encheram todo o mar, coa ferrea pela
Que sae com trouão do cobre ardente,
Fara pedras leme, mastlo, vela.
Despois luctando arpeas on sadamente
Na capitains immigui dentro nela
Saltando, afra so com lança & espada
De quatro centos Mouros despejada.*

Mat

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Mas de Deos à escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se ferue,
O para onde esforço, nem prudencia
Podera auer que a vida lhe referue:
Em Chaut, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe faram que com vida se nam sayá
As armadas de Egípto & de Cambayas

Alto poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força renda
Os ventos que faltaram & os perigos
Do mar que subejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor que aquí se afrende,
Outro Sceua verão que espedeçado
Nam sabe ser rendido nem domado.

Com toda húm coxa fora que em pedaços
Lhe leua hum cego ti o que passara,
Se ferueinda dos animos os braços,
E do gran coraçam que lhe falaria:
Ate que outro piluero quebra os laços,
Com que co alma o corpo seliara,
Ella solta voou da prisão fora,
Quando subito se acha vencedora.

Vayle

CANTO DECIMO : 166

Vayte abna em paꝫ da guerra turbulenta,

Na qual tu merceſte paꝫ ferenda,

Que o corpo que em pedaços se apresenta

Quem o gerou vingança ja lhe ordena;

Que eu ouço retumbar a gram tormenta,

Que ven jadar a dura e eterna pena,

De Eſperas, Basilicos, e irabulos,

A Cambaicos cruéis e a Mamelucos.

Eis veuo pay com animo eſtupendo,

Trazendo furia e magna par antolhos

Com que o paterno amor lhe efta mouendo

Fago no coraçam, ago a nos olhos:

A nobre yra lhe viinha prometendo

Que o sangue fara dar pelloz golbos

Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,

Podelo ha o Indo ver e o Gange ouvilo.

Qual o Touro cioso, que se enfaya

Pera a crua pellej, i, os cornos tenta

No tronco dhum Larvalho ou alta Fay,

E o ar feindo, as forças esprimenta:

Tal, antes que no feyo de Cambaya

Entre Francisco irado na opulenta

Cidade de Dabul, a espada afia,

Abaxando lhe a tumida onfadia.

Elogio

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

E logo entrando ferona enseada

De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Fura espalhar a fraca & grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas;
A de Melisque Yaz acantelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará yr ver o frio & fundo affento,
Secreto leito do humido elemento.

Masa de Mir Hocem, que abalroando

A fúria esperara dos vngadores,
Verá bracos & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar de su seniores,
Roxos de fogo yr am represntando,
No cego ardor, os braus domadores,
Quanto ali sentiram alhos & enuidos,
Efumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ab, que destra prospéra vitória,

Com que despois virá ao patrio Tejo
Quasi lhe roubaria a fama si gloria
Hum fucifijo que triste & negro vejo
O Cabo Tormentario que a memória
Cos ossos guarlará, nam terá peso
De tirar deste mundo aquelle esforço,
Que nam tiraram toda a India & Egitto.

CANTO DECIMO.

167

Ali Cafres selvagens poderam,

O que destros inimigos nam poderam,

E rudos paos tostados fôs faram,

O que arcos & pelouros nam fizeram,

Occultos os juizos de Deos sam,

As gentes vaas que nam nos entenderam,

Chamão lhe fado mao, fortuna escura,

Sendo so prouidencia de Deos pura.

Mas à que luz tamanha, que abrir sinto,

Dizia a Ninfâ, & a voz alevantava,

La no mar de Melinde em sangue tinto

Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua;

Pello Cunha tambem, que nunca extinto

Sera seu nome, em todo o mar que laua

As ilhas do Austro, & praias, q se chamão

De sam Lourenço, & é todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, & das luzentas

Armas, com q o Albuquerque yra amâsando

De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,

Que refusam o jugo honroso & brando:

Ali verão as setas estri lentes

Reciprocarse, a pontano ar virando,

Contra quem as tirou, que Deos peleja

Por quem estende a fe da madre Igreja.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Ali do sal os montes nam defendem
De corrupçam os corpos no combate,
Que mortos poli praya, & mar se estendem
De Gerum, de Marcate, & Cal. yate:
Ate que a força so de braço a rendem
A abaxar a ceruz, on te se lhe ate
Obrigacã de dar o reyno unico
Das perl.s de Barem tributo rico.*

*Que glori fas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vâ de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrißima de Goa:
Despois, obedecendo ao duro ensajo
A deixa, & occasiam i sp ra boa,
Com q a torne a tomar, que e fogo & arte
Venceram a fortuna, & o proprio Marie.*

*Eis ja sobrella torna & vâ rompendo
Por muros, fogo, linços & pilouros,
Abrindo com a i Spada o foso, & herendo
Esquadram de Gentios, & de Mouros:
I am soldados inclitos fazendo
M. is que Liões famelicos, & Touros,
Natuz qu. sempre a l brada & dina
Sera da Egypcia sancta Caterina*

Nem

CANTO DECIMO.

168

*Nem tu nemos fugir poderas desse,
Pelo que rica, & posto que assentada
La no gremio da Aurora onde naceste,
Opule ita Malaca nomeado:
A sete venenos que fizeste,
O Cris com que ja te vejo armado;
Milios de moralas, laos valentes.
Todos faras ao Luso obedientes.*

*Milestâncias e miliar esta Syrona
Em louvor d' illustre ſão Albuquerque,
Mas alembrete húa yra que o condena
Posto que afina fuz o munlo cerque:
O grande capitão, que o fido ordena
Que contrabalhos gloria et ria merque,
Mais ha de fer hum brando companheiro
Pera os feus, que juiz cruel & inteiro.*

*Mas em tempo que fomes, & asperezas
Doenças febas, & trouões ardentes,
As fazam & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obelientes:
Perdele felaticas brutezas,
De peris iubummos & insidentes,
Dar excesso suplício pella culpa
Que a fia a humanidade & Amor desculpa;*

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nam serà a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cña escraua vil lasciu & escura:
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de vñado a cruez a fera & dura,
Cos seus húa ira insana nam refrea,
Poê na fama aluanoda negra & fea:

Vio Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, & deulha alegremente
Nam sendo seu soldado esperimentado,
Nem vendose num cerco duro & vrgente:
Sentio Ciro que andaua ja abrafado
Araspas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, & prometia
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor , que em fim não tem defensa,
Leuemente o perdoa, & foy feruido
Delle num caso grande em recompensa:
Per força de Iudita foy marido
O ferreo Baldouino, mas dispensa
Carlos pax della, posto em corsas grandes,
Que viua, & poncador seja de Frandes.

Mas

CANTO DECIMO: 169

Mas prosseguindo a Nympha o longo canto,
De Soarez cantaua, que as bandeiras
Faria tremolar e por espanto
Pellas roxas Arabicas ribeiras:
Midina abominat il teme tanto,
Quanto Meca, e Gilá, coas derradeiras
Prayas de Abasia: Barborá se teme,
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Ja pello nome antigo tam famosa,
Quanto agora soberba e soberana,
Pella Cortiça calida, cheirosa,
Della dara tributo aa Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriafa
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tam temida;

Tambem Sequeira as ondas Eritreas.
Dividindo abrira novo caminho,
Per a ti grande imperio que te arreas
De seres de Candace e Sobá ninho:
Maçnà com cisternas de aguas cheas
Vera, e o porto Arquica ali vizinho
E fara descobrir remotas ilhas,
Que dam ao mundo novas maravilhas.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vira despois Menes, cujo ferro

Mais na Africa que a terra prouado:

Castigara de Ormuz Soberba o erro,

Com lhe fazer tributo dir dobrado:

Tambem tu Gama, em pago do desferro

Em que estás & serás biduernado,

Cos titulos de Conde & d'bonras nobres,

Viras mandar a terra que descubres.

Mas aquella fatal necessidade,

De quem ninguem se exime dos humanos,

Ilustrado coa Regia dignidade,

Tetirando mundo & seus enganos:

Outro Menes logo, cuja ydade

Hem iyor na prudencia que nos anos,

Gouvernar à & fara o dito so Henrique,

Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerá fumente os Malabares,

Destruindo Panane, com Coulete,

Comstendo as Bombardas, que nos ares

Se vingão fo do peito que as cometec;

Ma com virtudes certo singulares,

Vence os inimigos da lma todos fete

Decubica triunpha & i continencia,

Que em tal idade be suma de excellencia.

Max

CANTO DECIMO.

179

Mas despois que as estrelas o chamarem,
Socederas ô forte Macareuhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometote que fama eterna tenhas:
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas ceroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintam, que tantos danos
Tera a Malaca muito tempo feitos,
Num so dia os injurias de mil anos
Vingaras, co valor de illustres peitos,
Trabalhos & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos;
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubica & ambiçam,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & Iustiça te faram
Viu perio nenhum, mas so desgosto:
Quem faz injuria vil, & sem rezam
Com forças & poder, em que está posto,
Nam vence, que a vitoria ve dadeira,
He saber ter justiça nua & inteira.

Y ? Mas

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas com tudo nam nego que Sampayo
Sira no esferço illusire & assinalado
Mostrando se no mar hum ferro rayo,
Que de inimigos mil vera qualhado:
Em Bucanor fera cruel ensayo
No Malabar, pers que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiále, com quanta armada tenha.

Enão menos de Dio a fera frota
Que Chaultemera de grande & ousada,
Fara coa vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira & destroçada;
Por Heitor Portugues de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Sera aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá
Cunha, que longo tempo tem o leme
De chale as torres altas erguerá
Em quanto Dio illusire delle treme,
O forte Baçau se lhe dará,
Nam sem sangue porem que nelle gemas
Melique, per que a força so de espada
A trankeira soberba ve tomada.

Tras

CANTO DECIMO.

171

Tras este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio que o peito & bellico exercicio
De Antonio da silueira bem sustenta:
Fara em Noronha a morte o vñado officio,
Quando bum teu ramo, ò Gama, se esprimeta
No gouerno do Imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fara amarelo.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
As redeas hum, que ja sera illustrado
No Brasil, com vencer & castigar
O Pirata Frances ao mar vñado:
Despois Capitão mor do Indico mar,
O niuro de Dâmão soberbo & armado,
Escala, & primeiro entra a porta aberta
Que fogo & frechas miteram cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbisimo
Fortaleza darà na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois yra com peito esforçadissimo
A tolher que nam pisse o Rey Gentio
De Calecu, que assi com quantos veyo
O fara retirar de sangue cheyo.

F 3 Desfriar

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Destroirâa cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugidae
E despois junto ao cabo Comorim
Hnâ façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destroir o mundo nam duvida,
Vencerâ co furor do ferro & fogo,
Em sivera Beadala o Marcio jogo.*

*Tendo assi limpia a India dos immigos,
Virâ despois com cetro a gouernala,
Sem que ache resistencia nem perigos,
Que todos tremem delle & nem hum fala:
So quis prouar os asperos castigos
Baticalá, que virâ ja de Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou cheia
E de fogo & trouões desfita & fea.*

*Este sera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio & bem cuidado:
So cederlhe ha ali Castro, que o estandarte
Portugues tera sempre levantado,
Conforme successor ao succedido:
Que hñ ergue Dio, outro o defende erguidor
*Perfas**

CANTO DECIMO.

172

Persas ferozes, Abassis & Rumes

*Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de custumes
Que milnações ao cerco feras vem
Faram dos ceos ao mundo vãos queixumes
Por que hás poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portugues juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.*

Basiliscos medonhos & Liões,

*Trabucos feros, minas encubertas,
Suslenta Mazcarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Ate que nas maiores opressões
Castro libertador, fazendo offereas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem:*

Fernando hun delles, ramo da alea pr. nta,

*Onde o violento fogo com ruído,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Sera ali arrebatado, & ao v' os fábio:
Aluaro quando o inuerno o mundo espanta,
E tem o caminho hun.i.lo impedito,
Abrindo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & despois os inimigos.*

I + Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem despois, o p^rey, que as ondas corta
Com restante da gente Lusitana
E com força & saber, que mais importa,
Batalha dà felice & soberana:
Hás paredes subindo escusam porta
Outros a abrem, na fira esquadra insana
Feitos faram tam dinos de memoria,
Que nam caibam em verso, ou larga historia..

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido ao possante
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta:
Di fera multidão prahi upedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que castigando vay Dábul na costa.
Nem lhe escapou Pondano fertão posta..

Estes & outros Barões por variás partes:
Dinos todos de fama & marauilha,
Fazendo se na terra brauos Martes,
Viram lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha:
E acharão estas Nymphas & estas mesas,
Que gloriase & bôras sam de arduas empresas.
Assi

CANTO DECIMO. 173

Aſi cantaua a Nimp̄ha & as outras todas
Com sonoroſo aplauſo vozes dauam,
Com que festejão as alegr̄es vidas,
Que com tanto prazer ſe celebranam:
Por m̄is que di Fortuna andem as rodas
Nāi conſma voz tod̄is ſouam,
Nam vob̄io de faltar, gente famosa,
Honra, valor, & fama glorioſa.

Despois que a corporal neceſſidade
Se ſatiſfez lo mantimento nobre,
E na armonia & doce ſuauilade,
Virão os altos feitos, que descobre
Thetis de graça ornadas, & grauidade,
Pera que com mais alta gloria dobre,
As festas deſte alegre & claro dia
Pera o felice Gama aſi dizia.

Faz te merce barão a Sapiência
Suprema, de cos olhos corporais
Veres, o que nam pode a vā ciencia
Dos errados & miſeros mortais:
Sigueme firme & forte com prudencia
Por este monte eſpeſso, tu cos mais:
Aſi lhe diz, & o guia por hum mato
Arduo, diſſícuil, duro a humano trato.
Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nam andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta euidente,
Como a sua superficia, claramente.

Qual a materia seja nam se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composta
De varios orbes, que a divina verga
Compos, & hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxa, agora se erga,
Núca fergue, ou se abaxa, & hū mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda a parte
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sustido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama ceste globo, comonido
De espanto & de desexo alificou,
Dizlhe a Deosa, O ir:funto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, & yrás, & o que desejas.
Ves

CANTO DECIMO:

174

Ves aqui a grande machina do mundo,
Eterea, & elemental, que fabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficia tam limada,
He Deos, mas o q̄ be Deos ninguẽ o entende,
Que a tanto o engenho humano nãõ se estende.

Este orbe que primeiro vay cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que està com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, & a mente viltambem
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que elle só se entende & alcança,
De quem nãõ ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriaſos
Diuos estão, por que eu, Saturno & Iano
Iupiter, luno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal & cego engano:
So pera fazer versos deleitosos
Seruimos, & se mais o trato humano
Nos pode dar, he so que o nome nosso
Nestas estrellas pos o engenho voſſo.
E tão bẽ

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

E tambem porque a santa prudencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espíritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo, que sustenta:
Infinalo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bôs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podeui nos empêcem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Desses o sacro verso etiâ chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

Em fin que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda;
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaxo deste círculo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que nam anda,
Outro corre tam leue & tam ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro.
Com

CANTO DECIMO.

175

Come este rapto & grande mouimento,
Vão todos os que dentro tem no seyo
Por obra desse, o Sol andando atento
O dia & noite faz, com curso albeyo:
Debaxo desse leue anda outro lento,
Tam lento, & sojugado a duro freyo,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escaffo
Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda, & radianter,
Que tambem nelle tem curva ordenado,
Enos seus axes correm scintilantes:
Bem ves como se veste & faz ornado
Co largo cinto douro, que estrellantes
Ani-nais doze traz asturados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a carreta, atenta a Cintura,
Andromeda, & seu pay & o dragão horrédo:
Vê de Cassiopeia a fermura,
E do Oriente o gesto turbulentão,
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Nao, & a doce Lira:
Debaxe

O S L VSIADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o monumento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O clara olho do ceo no quarto assento,
EVenus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vay Diana.

Em todos estes arbes, diferente
Curso veras, nuns grane, & noutrous leues
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estam caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vento & neve,
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pouada dos humanos,
Que nam somente ouvidos se contentam
De sofrerem da terra firme os danos
Mas iuda o mar instabil esperimentam,
Veras as varias partes, que os infelhos
Mares dividem, onde se apercebentam
Variaus naçoes, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, & varius leis

Ves

CANTO DECIMO: 176

Ves Europa Christiāmis alta & clara
Que as outras e n politia & fortaleza:
Ves África dos bens do mundo auara
Inculta, & toda chea de brutez,
Co Cabo que ate qui se vos negará,
Que assentou perso Austra a natureza:
Olha e fata errada, que se habita.
Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vê do Beno notapa o grande imperio,
De seluatica gente, negra & nua,
Onde Gonçalo morte & vituperio,
Palecerá, polla fe saneli sua:
Nace por aste incognito Hemisperio,
O metal, porque mais a gente sua,
Ve que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

Olha as casas dos negros, como estam
Sem portas, confiados em seus ninhos
Na justiça real, & defensam,
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha delles a bruta multidam
Qual bâdo e espesso & negro de Estorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defendera Nhaya com destreza.
Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que nam souberam os antigos
Velo rega, gerando o Crocodilo,
Os pouos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros (nouo estilo)
Se defendem milhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama
Que ora dos naturais Nobá se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos seraclaro;
Ha de ser dom Christouam o nome seu,
Mas contra o fim fatal nam bareparo:
Ve ca a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhofo e caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmanee;

O cabô ve ja Aromata chamado;
E agora Goardafù dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo tomia as cores
Este como limite está lançado
Que diuide Asia de Africa e as milbores
Pouvações, que parte Africa tem
Meçun sam, Arquico, e Shiamquem.
Ves

CANTO DECIMO.

177

Ves o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foy dos Hernas a cidade,
Outros dizem que Ásinoe, & ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade:
Olha as agoas, nas quaes abrio patente
Estrada o gran Mouses na antiga ydade
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulentos;

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
Co sepulchro de sancta Caterina,
Olha Toro & Gilà, que lhe falece
Agoa das fontes doce, & cristalina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reyno da seca Adem, que confina
Com a serra Darzira, pedra viua,
Onde chuna dos Ceos se não deriuia.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomão, todas da gente voga & baça,
Donde vem os caualos pera a guerra
Ligeiros & ferozes, de alta raça:
Olha a costa que corre ate que cerra
Outro estreito de Persia, & faz a traça
O Cabo, que co nome se apellida,
Da cidade Farta que aí sabida.

Z Olha

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca de noutra banda
De Roçalgate e prayas sempe auaras;
Começao reino Ormuç, que todo se anda
Pellas ribeiras que in da seram claras
Quando as gales do Turco e fera armada
Vixem de Castel branco nua a espadas.

Olha o Cabo Afabora, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persia terras abundantes.
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlus ricas e imitantes
Aa cor da Aurora: e ve na agoa salgada
Ter o Tigris e Eufrates húa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, e nos caualos;
Que se injurya de vſ. r fundido cobre,
E de nam ter das armas sempre os calos.
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fize n̄ do tempo os intervalos,
Que da cidade Arnuza, que ali esteue
Ella o nome despois, e a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meneses

Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parceiros vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes & reveses
De dom Pedro de Sousa, que prouára
Ja seu braço em Amparzo, que deixado
Terá por terra a fúrgaço de espada.

Mas deixemos o estreito & o conhecido

Cabo de Iasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Danatura, & dos dões usados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoso Indo, que daquella
Altura nace junto aa qual também
Dourra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlconde fertilissima,

E de laquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de Cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
Avos outros aqui se estam guardando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, ate o cabo Comori
Ia chamado Cori, que Taprobania
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas virá despois de ti,
Terá vitorias terras, & cidades
Nas quaes ham de viver muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometta, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis e scriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas & benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Qui a Iesu Christo teue a mão no lado

Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, fermosa, grande & rica:
Os idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estaua:
Quando a fe, que no mundo se pubrica,
Thome vinha pregando, & ja passara
Próvincias mil do mundo, que insinara:
Chegada

CANTO DECIMO.

179

Chegado aqui pregando e junto dando
A doentes suade, a mortos vida
A caso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e nam duraida
Poder tiralo a terra com pressantes
Forças dhomens, de engenhos de Aliphantes.

Era tam grande o preso do madeiro
Que se pera abalar se, nada abasta,
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No eronco, e facilmente o leua e arrasta
Pera onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formoda
Mandar a hum monte furdo, que se moua,
Que obedecer à logo aa voz sagrada,
Que assilho insinou Christo, e elle o proua:
A gente ficou dijto aluorçada,
Os Bramenes o tem por coufa noua,
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

OS LVIADAS DE L. DE CA.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,

*Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscam desfuios
Com que Thome nam se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não hâ tam dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.*

Hum filho proprio mata, logo acusa

*De homicílio Thome, que era inocente
Dá falsas testemunhas, como se vfa
Condenarā no a morte breumente:
O Santo que nam vê milhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.*

O corpo morto manda ser trazido

*Que resucite, e seja perguntado,
Quem soy seu matador, e sera crido
Por testemunho o seu mais apropiado:
Virām todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Da graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.*

Este

CANTO DÉCIMO.

Este milagre fez tamанho espanto,
Que o Rey se banha logo na agoa fanta,
E muitos apos elle, hum beija o manto
Outro louvor do Deus de Thome canta.
Os Bramenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os m. rde enueja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinão matalo em fun de tudo.

Hum dia que p.eganjo ao povo eslava,
Fingirão entre a gente hum arreido,
Ia Christo neste tempo lhe ordenava,
Que padecendo fosse ao Ceo subido:
A multilão das pedras, que voava,
No Santo dá ja a tudo offerecido,
Hum dos maos por fartar se mais de priss
Com crua lança o peito lhe atraeuessa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
Choroute toda a terra que pisaste,
Mais te choram as almas, que veflido
Se yão da sancta Fe que lhe insinaste:
Mas os Anjos do ceo cantando & rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste,
Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos suauessas.

OS LUSÍADAS DE L. DE CA.

E vos outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a pregar a sancta fe?
Olhay que se sois Sal, e vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se filgarão em nossos dias
(Infieis deixõ) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemoi a costa debuxada,
La com esta cidade tam famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores
Esta agoa sancta os lava, e da pureza
Ve Cathigão cidade das milhoes
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Astro da quõvirada a costa.

Olha

CANTO DECIMO. 181

*Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu, que ja mōstros pouoaram,
Mōstros filhos do feo ajuntamento
Dhūa molher & hūcão, que fos se acharam:
Aqui soante arame no instrumento
Da geraçam custumão, o que vsaram
Por manha da Raynha, que inuentando
Tal vso, deitou fora o error nefando.*

*Olha Tanay cidade, onde começa
De São largo o imperio tam comprido,
Tenassarí, Quedá, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malata, por Emporio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grande,
Suas mercaderias ricas mande.*

*Dize n que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
Juntas ambas a gente antiga vio:
Chersoneso foy dita, & das prestantes
Veas douro, que a terra produzio,
Aurea porepitheo lhe ajuntaram,
Alguns que fosse Ophir yimaginaram.*

OS LVSTADAS DE L. DE CAJ

Mas na ponta da terra Cingapura

Veras, onde o caminho a arnars se estreita;
Dir quitorando a costa da Cynofura
Se encurua, e peraa Aurora se endereita:
Ves Pam, Patane, reines e a longura
De Syão que estes e outros mais sug. te
Olha o rio Menzo, que se derrima
Do grande lago que Chiamay se chuma;

Ves neste gram terreno os differentes.

Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra e numero pitentes,
Auás, Bramás, por serras tam compridass,
V e nos remotos ventos outras gentes
Que Gueos se chamão de seluages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, vfangacrua.

Ves passa por Camboja Mecom Rio,

Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro só no estio,
Que aliga os campos largos, e inquieto,
Tem as enchentes quies o Nilo frio,
A gente delle crê como indiferita,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este

CANTO DECIMO.

188

Este receberá placido e brando,

No seu regaço os Cantus, que molhados
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellos baxos e capudos:
Das fomes, das perigos grandes, quando
Sera o iugulo mando executado
Naquelle, cuja Lira sonor fa,
Sera mais astamala que ditufa.

Vescarre a costa que Champà se chama,

Cuja mata belo prò cheir so ornada,
Ves Cauchichina está de secura fana,
E de Aínjo ve a incognita enseada,
Aqui o soberbo imperio, que se afan a
Com terras e riqueza nam cui lada,
Da China corre, e ocupão senhorio
Deslo Tropico ardente ao Cinto frio:

Olha o muro, e edificio nunca erido,

Que entre hum imperio e o outro se edifica
Certiſſimo ſinal, e conhecido,
Da potencia real, soberba e rica:
Estes o Rey que tem não foynacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica
Mas elegem aquelle que be famoso
Por caualeiro ſabio e virtuoso.

Inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrarse,
Mas nam deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamarse:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscarse,
He Iapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada será coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Ternate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas
As aruores verás do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas;
Aqui ha as aureas aues, que nam decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltam,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornéo, onde nam faltam
Lagrimas, no licor qualhado & enxuto,
Das aruores, que Cânfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.
Ali

CANTO DECIMO.

Ali tambem Timor, que o lenho manda,
Sàndalo salutifero & cheiroso,
Olha a Sunda tam larga, que hñabanda
Esconde per o Sul difficultoso;
A gente do Sertão, que asterras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle fo sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cae.

Ven aquella que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flamas tremulas vapora,
A fonte que oleo manja, & a marauilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora,
Cheiroso mais que quanto estila a filha
De Cyniras, na Arabis onde ella mora,
E ve que tendo quanto as outras tem,
Branca seda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
Tanto, que as nuñes passa, ou a vista engana
Os naturaes o tem por confa sanha,
Polla pedra onde está a pégada humana:
Nas ilhas de Maldiu nace a pranta
No profundo das agoas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
Fetido por Antídoto excelente.

Veras

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vera de fronte estar do roxo estreito

Socotra co amaro Aloe famosa,

Outras ilhas no mar tambem fogeito

A vos, na costa de Affrica arenosa;

Onde sae do cheiro mais perfeito

A massa ao mundo occulta & preci sa;

De sum Lourenço ve a Ilha afamada;

Que Madagscar he dalguns chamada;

Eis aqui as nouas partes do Oriente,

Que vos outros agora ao mundo dais;

Abrindo a porta ao vasto mar patente

Que com tam forte peito nauegas:

Mas he tambem razão, que no Ponente

Dhum Lusitano hum feito inda vejais,

Que de seu Rey mostrando se agrauado

Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua

Vay de Calisto ao seu contrario polo;

Que j. birba a farà a lucente vina

Do metal, que a cor tem do touro Apolo

Castilla vissa amiga sera dina

Del marlhe o collar ao rudo colo,

Varias prouincias tem de varias gentes

Em ritos & custumes differentes.

Mas

CANTO DECIMO. 184

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Descobrila ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vay da linha.
D'huia estatura quasi Gigantea
Homens vera, da terra ali vizinha:
E mais auante o estreito, que se arreda
Co nome delle agora, a qual caminha
Pera outro mar & terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Viram fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
As eternas esposas, & fermoss,
Que coroas vos tecem gloriofas.

Podeis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assí lhe disse, & logo mouimento
Fazem da Ilha alegre & namorada;
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Solo mundo aquente.

Assí foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouueram vista do terreno
Em que naceram, sen pre desejado:
Entrarão pella forz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido & amado,
O premio & gloria dão, por que mando
E com titulos nonos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Des temperada, & a voz enrouquecida
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com que mais se acende o engenho
Não no dà a patria não, que i slá metida
No gosto da cubica, & na rudeza
Dhúa austera, apagada, & vil tristeza.
E não

E não sey por que inflaxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,
 Que os animos leuanta de contíno,
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:
 Por isso vos o Rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhay que sois (e vede as outras gentes)
 Senhor se de vissallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompentes liões, & brauos touros,
 Dando os corpos a fomes, & vigias,
 A ferro, a fogo, a setas & pilouros:
 A quentes regiões, a plagas frias
 A golpes de Idolatras & de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos seruir atudo aparelhalos
 De vos tam longe sempre obedientes,
 Aquaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta promptos & contentes,
 So com saber que sum de vos olhados
 Demonios infernais, negros & ardentes
 Cometerão conuoso e nam duuido
 Que vencedor vos façao, nam vencido.
 Fauoreceyos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & algrayos

Com a presença, & led a humanidade,
De rigurofas leis desaluyos,
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
Os mais esperimentados leuantayos,
Se com a esperiencia tem bondade,
Pera vossa conselho, pois que sabem
O como, o quando, & onde as coisas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,

Segundo tem das vias o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vossa regimeta,
Com jejuns, disciplina, pellas vicias
Comuns, toda ambição teram por vento,
Que o bom Religionso verdadeiro,
Gloria vaã não pretende nem dinheiro.

Os Canaleiros tende em muita estima,

Pois com seu sangue intrepido & feruente,
Estendem não somente a ley de cima,
Mas inda vossa imperio preeminentes.
Pois aquelles que a tam' rento clima
Vos vão seruir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, tñs os viues,
(E o que he mais) os trabalhos excessivos.

Fuzey

CANTO DECIMO. 186

Fazey senhor que nunca os admirados
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
Puffam dizer que sām pera mandados,
Mais que pera mandar os Portugueses:
Tomay cons lho so despitamentados,
Que virão largos anos, largos meses,
Que postor que em ciente, muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Phil sopho elegante
Vereis co no Anibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava & lia:
A discipina miliatar prestante
Nam se aprende senhor na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo & rudo
De vos não conhecido, nem sonhado:
Da boca dos pequenos sey com tudo,
Que o bauar sae as vezes acabado,
Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa experienzia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Consas que juntas se achão raramente.
Pera

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Pera seruiruos braço aas armas feito,
Pera cantar uos mente aas Musas dada;
So me falece ser a vos aceito
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinoção diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos & Trudante,
A minha ja eslimada & ledia musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante
De forte que Alexandre em vos se veja,
Sem aa dita de Achiles ter enueja.

FIM.